



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

RAPHAEL AUGUSTO OLIVEIRA BARBOSA

**GRAMATICALIZAÇÃO DO SINCRETISMO DE CASOS
EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA PANO**

**CAMPINAS
2017**

RAPHAEL AUGUSTO OLIVEIRA BARBOSA

**GRAMATICALIZAÇÃO DO SINCRETISMO DE CASOS
EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA PANO**

**Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título
de Doutor em Linguística.**

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

**Este exemplar corresponde à versão final da tese
defendida pelo aluno Raphael Augusto Oliveira
Barbosa e orientada pelo Prof. Dr. Angel
Humberto Corbera Mori.**

**CAMPINAS
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2012/23156-3
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7719-6169>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

B234g Barbosa, Raphael Augusto Oliveira, 1984-
Gramaticalização do sincretismo de casos em línguas da família Pano /
Raphael Augusto Oliveira Barbosa. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Gramática comparada e geral - Gramaticalização. 2. Gramática
comparada e geral - Caso. 3. Gramática comparada e geral - Morfologia. 4.
Língua pano. 5. Língua matis. 6. Tipologia (Linguística). 7. Sincretismo
(Linguística). I. Corbera Mori, Angel Humberto, 1950-. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Grammaticalization of case syncretism in Pano languages

Palavras-chave em inglês:

Grammar, Comparative and general - Grammaticalization

Grammar, Comparative and general - Case

Grammar, Comparative and general - Morphology

Panobo language

Matis language

Typology (Linguistics)

Syncretism (Linguistics)

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Maria Sueli de Aguiar

Rogério Vicente Ferreira

Maria Filomena Spatti Sândalo

Wilmar da Rocha D'angelis

Data de defesa: 31-03-2017

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Maria Sueli de Aguiar

Rogério Vicente Ferreira

Maria Filomena Spatti Sândalo

Wilmar da Rocha D'Angelis

Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva Vieira

Gláucia Vieira Cândido

Fernando Orphão de Carvalho

IEL/UNICAMP
2017

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Aos amigos Bushe Matis e Tupa Matis;
Kwea Matis, Tumi Matis e Jack Matis.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Prof. Angel Humberto Corbera Mori, pela orientação, leituras e recomendações, ao trabalho da Tese, e também pela sua companhia e aulas ministradas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento à pesquisa de doutorado (Processo nº 2012/23156-3).

Minha gratidão aos professores titulares e suplentes que participaram da banca de exame de qualificação e de defesa da Tese: Prof. Rogério Ferreira; Profa. Maria Suelí; Profa. Maria Filomena; Prof. Wilmar D'angelis; Profa. Gláucia Cândido; Profa. Zoraide dos Anjos; e Prof. Fernando Carvalho, pelas valiosas observações e contribuições.

Gostaria de agradecer ao Bushe Matis e à Tupa Matis (e seus filhos Jack, Kwea, Tumi), que compartilharam seus conhecimentos sobre a língua matis, com companheirismo, dedicação e paciência durante as explicações de aspectos da língua.

Agradeço a Profa. Edwiges Maria Morato, pela orientação ao trabalho de qualificação na área de Linguística Textual; e à Profa. Ana Cristina Bentes e Renato Rezende, que participaram na banca do exame de qualificação de área.

Expresso minha gratidão aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem, em especial: Profa. Ana Bentes; Prof. Angel Corbera; Profa. Edwiges Morato; Prof. Emílio Pagotto; Profa. Lucy Seki; Profa. Maria Filomena; e Prof. Wilmar D'angelis.

Meus agradecimentos a Profa. Aline da Cruz; Prof. Andrew Nevins; Profa. Beatriz Christino; Prof. Christian Lehmann; Profa. Christiane de Oliveira; Prof. Denny Moore; Profa. Flavia de Castro Alves; Prof. Frantomé Pacheco; Prof. Lincoln Ribeiro (in memoriam), Prof. Waldemar Netto; Profa. Pilar Valenzuela; Prof. Roberto Zariquiey; Prof. Sérgio Meira; Profa. Shirley Mattos; Prof. Thiago Chacon; Profa. Walkiria Praça; pelas conversas e observações a respeito deste trabalho e da pesquisa acadêmica.

Minha gratidão especial à Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido, pela minha introdução nas pesquisas da linguagem e, sobretudo, na área dos estudos das línguas da família Pano. Como fonte de inspiração ao que hoje me ocupa e fascina, agradeço pelos preciosos momentos de contribuição profissional e ensinamento pessoal.

Agradeço também aos amigos Carolina Gonzales; Daniel Valle; Elenir da Silva; Eduardo Vasconcelos; Emerson de Souza; Eva Roessler; Fabiana Leite; Flávia Berto; Flávia Machado; Ivana Ivo; Juliana Santos; Livia Souza; Mário André; Murilo Henrique; Nayara Camargo; Pablo Alegre; Pablo Picasso; Patrícia Veiga; Paulo Pereira; Priscila Ishy; Rafael Nonato; Wesley Nascimento; assim como aos professores e amigos, citados também no

trabalho de dissertação, e àqueles não citados, pelas conversas e trocas de experiência, materiais e dados, referentes a pesquisa acadêmica.

Ademais, gostaria de agradecer a meus tios Maria das Graças e Vicente Ferreira; e aos primos Levi, Leila e Luciano, pela atenção, proximidade e apoio.

Expresso meus agradecimentos ao apoio e afeto de minha família, àqueles que me ensinaram as primeiras palavras, Maria Lúcia; e Divino Alves; e àquele que, como irmão, compartilha comigo as mesmas referências: Lucas Paulo.

Agradeço à Mariana de Castro, pelo companheirismo e compreensão, durante os altos e baixos momentos de toda essa empreitada; assim como à Amélie de Castro, por despertar a lembrança da infância e o entusiasmo com as primeiras palavras.

RESUMO

Esta tese apresenta a gramaticalização do sincretismo de casos ergativo, instrumental, genitivo (e locativo), em matis e em outras línguas da família Pano. O objetivo do trabalho é investigar se o sincretismo desses casos, normalmente marcados com um traço nasal à direita do sintagma nominal, é resultado de processos de lexicalização e gramaticalização dos casos (nominais) locativo e instrumental e derivação dos casos ((pro)nominais) genitivo e ergativo. Com base nos princípios básicos da Linguística Tipológica-Funcional, apresento uma proposta de descrição estrutural e funcional de cada morfema casual e uma comparação tipológica e histórica das construções desse sincretismo de casos. A princípio, a introdução é apresentada e então, no segundo capítulo, a comparação dos casos locativo e genitivo é realizada, seguida da análise dos casos instrumental e ergativo no terceiro capítulo, e a conclusão. Os resultados gerais descrevem que as funções locativas e possessivas dos morfemas monossilábicos referentes a partes do corpo indicam a presença de um possuidor em função de objeto, sem marcação morfológica de caso. Nesse sentido, com a gramaticalização da função locativa desses morfemas monossilábicos, descrevo que a fonte de origem do caso genitivo envolve o morfema benefactivo, com a função de indicar o destino (possuidor) de uma referência (possuído). Com isso, o estudo descreve a lexicalização do sufixo nominalizador instrumental e os processos de reanálise de casos oblíquos que resultaram na gramaticalização do sistema de ergatividade em matis e outras línguas Pano.

Palavras-chave: Gramaticalização, Caso, Tipologia, Línguas Pano, Língua matis.

ABSTRACT

This thesis presents the grammaticalization of ergative, instrumental, genitive (and locative) syncretism in Matis and in a group of Pano languages. The objective of this study is to investigate whether the syncretism of these cases, normally marked with the nasal feature at the right of the noun phrase, is a result of lexicalization and grammaticalization processes of locative and instrumental (nominal) cases and derivation of genitive and ergative ((pro)nominal) cases. Based on the basic principles of Typological-Functional Linguistics, I propose a structural and functional description of each casual morpheme and a typological and historical comparison of the constructions of this case syncretism. At first, the introduction is presented and then the comparison of locative and genitive cases is performed in the second chapter, followed by the analysis of the instrumental and ergative cases in the third chapter, so the conclusion. The general results describe that the locative and possessive functions of the monosyllabic morphemes referring to bodyparts indicate the presence of a possessor in object function, without morphological case-marking. In this sense, based on the grammaticalization of the locative function of these monosyllabic morphemes, I describe that the source of the genitive case is a benefactive morpheme that indicates the destination (possessor) of a reference (possessee). Thus, the study describes the lexicalization of the instrumental nominalizer suffix and the processes of reanalysis of oblique cases that result in the grammaticalization of ergativity system in Matis and others Pano languages.

Keywords: Grammaticalization, Case, Typology, Pano languages, Matis.

Lista de quadros

Quadro 1. Classificação interna das línguas da família Pano (Loos, 1999)	21
Quadro 2. Classificação interna das línguas da família Pano (Ribeiro, 2006)	22
Quadro 3. Classificação interna das línguas da família Pano (Fleck, 2013)	23
Quadro 4. Grupo básico de línguas Pano comparadas no presente estudo	26
Quadro 5. Sincretismo de casos oblíquos em matis	29
Quadro 6. Distribuição das formas e funções locativas em línguas Pano	46
Quadro 7. Formas morfológicas referentes a parte do corpo ‘língua’ em línguas Pano	50
Quadro 8. Pronomes possessivos atributivos e predicativos em matis	57
Quadro 9. Morfema nominalizador instrumental em línguas Pano	65
Quadro 10. Nomes deverbais seguidos das bases verbais cognatas em matis	66
Quadro 11. Nomes deverbais finalizados com <i>te/ti</i> em línguas Pano	68
Quadro 12. Pronomes pessoais e possessivos, atributivos e predicativos, em matis	74
Quadro 13. Pronomes possessivos referentes a terceira pessoa em línguas Pano	75
Quadro 14. Morfemas demonstrativos pessoais e possessivos em matis	79
Quadro 15. “ <i>Estructura fonológica del pano primitivo</i> ” (Shell, 1985: 192)	81
Quadro 16. “ <i>Proto-Pano consonants</i> ” (Loos, 1999: 230)	82
Quadro 17. “Sistema consonantal proposto para protopáno” (Oliveira, 2014: 385)	83
Quadro 18. Inventário e segmentos consonantais propostos para o protopano	84
Quadro 19. Sistema fonológico consonantal preliminar em protopano	84
Quadro 20. Marcadores e variações do sincretismo de casos em línguas Pano	85
Quadro 21. Marcadores nominais de ergatividade em um grupo de línguas Pano e Takana	87

Lista de figuras

Figura 1. Representação geográfica das línguas da família Pano (Erikson, 1992) 17

Figura 2. Representação geográfica das línguas da família Pano (Fleck, 2013) 18

Lista de abreviaturas

1	primeira pessoa	inc	inclusivo
2	segunda pessoa	ind/indic	indicativo
3	terceira pessoa	indef	indefinido
A	sujeito transitivo	inic	iniciação de evento
abs	absolutivo	instr/ins	instrumental
acc	acusativo	intr	intransitivo
afirm	afirmativo	loc	locativo
all	alativo	n.espec	não específico
ben	benefactivo	n.pst/n.pass/npast	não passado
cmpl	completivo	n.rec	não recente
co	co-referencial	nar	narrativo
col	coletivo	neg	negativo
coment	comentário	nmlz/nzr	nominalizador
conc	concordância	non.prox	não próximo do destinatário
cop	cópula	O	objeto direto
decl	declarativo	pa	concordância de participante
dem	demonstrativo	part	partícula
desl	deslocamento	pat	paciente
dim	diminutivo	pe	evento prévio dependente
dir	direcional	pl	plural
dist	distante	poss	possessivo
ds	sujeito diferente	pp2	particípio completivo
dub	dubitativo	prog	progressivo
enf	enfático	prox	proximativo
erg	ergativo	prs/pres	presente
ev	evidencial	pst/pas/pass/past	passado
excl	exclusivo	r	receptor
exp	experencial	rec	recente
foc	foco	rem	remoto
gen	genitivo	S	sujeito intransitivo
hab	habitual	sg	singular
hum	humano	sid	sujeito idêntico
imp	imperativo	temp	temporal
impf	imperfectivo	tr	transitivo

Lista de línguas

amc	amawaka	mcd	sharanawa
ara	shawanawa	mcf	matsés
aro	araona	mpq	matis
cao	chácobo	mzr	marubo
cav	cavineña	pno	wariapano
cbr	kashibo-kakataibo	shp	shipibo-konibo
cbs	kaxinawa	swo	shanenawa
isc	iskonawa	tna	takana
kaq	kapanawa	yaa	yaminawa
kat	katukina	ywn	yawanawa
ktx	kaxarari		

Lista de siglas

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
ISA	Instituto Sócio-Ambiental
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
NTB	<i>New Tribes of Brazil</i>
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
SIL	<i>Summer Institute of Linguistics</i>
UNB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNMSM	<i>Universidad Mayor de San Marcos</i>

SUMÁRIO

1 Introdução	15
1.1 Estudos das línguas e da família Pano	15
1.1.1 <i>Caracterização linguística geral</i>	15
1.1.2 <i>Propostas de classificações internas</i>	20
1.1.3 <i>Hipóteses de parentesco entre famílias</i>	25
1.2 Materiais e métodos da presente pesquisa	26
1.2.1 <i>Coleta de dados e amostra de línguas</i>	26
1.2.2 <i>Fundamentação teórico-metodológica</i>	28
2 Gramaticalização locativa e genitiva	32
2.1 Expressões espaciais e direcionais em algumas línguas	32
2.1.1 <i>Descrição e comparação de formas e funções locativas</i>	32
2.1.2 <i>Derivação de clíticos locativos referentes a partes do corpo</i>	48
2.2 Morfologia de casos oblíquos em função de argumento interno	50
2.2.1 <i>Funções casuais de morfemas monossilábicos de partes do corpo</i>	50
2.2.2 <i>Características dêiticas no marcador nasal de caso genitivo</i>	56
3 Gramaticalização instrumental e ergativa	65
3.1 Morfologia de casos em função de argumento externo	65
3.1.1 <i>Lexicalização nominal e derivação de caso instrumental</i>	65
3.1.2 <i>Referenciação de possuidor instrumental e caso ergativo</i>	70
3.2 Morfofonologia dos marcadores do sincretismo de casos	81
3.2.1 <i>Reconstruções históricas e sistema fonológico consonantal</i>	81
3.2.2 <i>Breves aspectos da redução silábica e da marcação de caso</i>	85
4 Conclusão	90
REFERÊNCIAS	91

1 Introdução

A marcação morfológica dos casos ergativo, genitivo e instrumental tem sido descrita em diversas línguas da família Pano e se apresenta como um relevante domínio de estudo. Não obstante, a origem gramatical desses casos, cuja forma homófona é geralmente descrita como um traço nasal (em algumas línguas também com função locativa), tem sido menos explorada. Sendo assim, em matis, com adição de dados de um conjunto de línguas Pano, analiso se essa homofonia, caracterizada como sincretismo de casos oblíquos, é resultado da gramaticalização de marcadores (pro)nominais de casos mais argumentais a partir de marcadores nominais de casos mais oblíquos.

Após o presente capítulo que apresenta os estudos gerais de línguas da família Pano e os materiais e métodos desta pesquisa, o segundo e o terceiro capítulos discutem os resultados da análise dos dados, seguidos, então, da conclusão. Em específico, o segundo capítulo apresenta a gramaticalização da função locativa de morfemas referentes a partes do corpo e a derivação do caso genitivo, a partir do marcador benefactivo. Em seguida, o terceiro capítulo apresenta o desenvolvimento dos casos instrumental e ergativo, uma proposta de sistema fonológico consonantal e, em comparação com algumas línguas Takana, breves relações morfofonológicas desses casos e, por fim, a conclusão.

Nesta introdução, em (1.1), apresento uma caracterização geral a respeito das línguas e da família linguística Pano, e seus estudos descritivos e comparativos, como as principais propostas de classificação linguística e estudos que propõem o parentesco interfamiliar dessas línguas. Em seguida (1.2), o quadro de línguas comparadas neste estudo, a fundamentação teórico-metodológica e a literatura de pesquisas descritivas e comparativas já realizadas e utilizadas aqui são apresentados. Esses estudos, que formam o material de referência em adição a dados elicitados da língua matis, compõem a base de dados e a bibliografia descritiva e comparativa básica da presente pesquisa.

1.1 Estudos das línguas e da família Pano

1.1.1 *Caracterização linguística geral*

As línguas Pano compõem um conjunto de aproximadamente 30 idiomas, sendo a quinta maior família linguística da América do Sul, seguida das famílias Tupi-Guarani, Jê, Karib e Arawak, e são faladas na região da Amazônia Ocidental do Brasil, Peru e Bolívia (Erikson, 1992; Fleck, 2013; Loos, 1999; Ribeiro, 2006). Pesquisas acadêmicas, descritivas e comparativas, a respeito de línguas e dialetos dessa família têm sido publicadas, em geral, desde o início do século XX. Basicamente, aspectos fonéticos e fonológicos de idiomas

falados na Amazônia peruana foram analisados e, desde a segunda metade daquele século, a gramática dessas línguas, faladas também no norte da Bolívia e do Brasil, tem sido descrita.

Em geral, grande parte das línguas da família Pano, assim como diversas línguas indígenas, encontram-se em grave perigo de extinção, em geral, devido às pressões culturais e linguísticas de sociedades majoritárias. Apesar do resultado da baixa transmissão linguística, principalmente em contextos de pressões sociolinguísticas, projetos de documentação, desenvolvidos, por exemplo, no Museu do Índio (FUNAI), no Rio de Janeiro, e no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), no Pará, vêm sendo executados com o objetivo de executar ações de preservação e revitalização da diversidade linguística e cultural do país.

Na história da literatura Pano, estudiosos com ou sem formação em Linguística Descritiva têm publicado trabalhos sobre essas línguas.¹ De acordo com Fleck (2013), as primeiras publicações que tratam dessas línguas datam do século XVIII e apresentam, sobretudo, informações de missões jesuítas iniciadas no século XVII. O primeiro contato dessas missões ocorreu no rio Ucayali com os shipibo, shetebo e kapanawa, realizado por padres jesuítas espanhóis e portugueses, em missões Maynas no Peru, cujas publicações descrevem breves notas a respeito de afiliações linguísticas.

Conforme Fleck (2013), com a saída dos jesuítas do Peru, em 1767, outros padres assumiram essas missões (em um período sem informação documentada) até a sua assunção, em 1790, pelos padres franciscanos. Esses padres trabalhavam com povos como shetebos e callisecas desde 1657 e realizaram observações sobre similaridades de línguas e dialetos Pano falados na bacia do rio Ucayali. Com a independência do Peru, em 1821, e o afastamento dos franciscanos do país, permitiu-se a entrada de viajantes e naturalistas da Europa e da América do Norte, que contribuíram na divulgação de partes de informações de línguas Pano disponíveis.

A família linguística Pano foi formalmente representada pela primeira vez por Raoul de La Grasserie (1890) com o estudo de sete línguas faladas no Peru. Os estudos dessas línguas avançaram, sobretudo, com o trabalho de Capistrano de Abreu (1914) a respeito dos kaxinawa do rio Ibaçu, assim como Karl von den Steinen, padre Constant Tastevin, Paul Rivet e Tessmann, que apresentaram análises mais sistemáticas entre os anos de 1900 e 1930. Nas décadas seguintes, instituições como o *Summer Institute of Linguistics* (SIL), no Peru, e

¹ As línguas shipibo-konibo (Valenzuela, 2003), kashibo-kakataibo (Zariquiey, 2011), ambas faladas nos departamentos de Ucayali, e o matsés (Fleck, 2003), falada na Amazônia brasileira e peruana, são umas das línguas mais estudadas da família Pano. Segundo Fleck (2013), o shipibo-konibo conta com aproximadamente 30.000 falantes, o matsés, kaxinawa, yaminawa, kashibo-kakataibo, marubo e chácobo, com cerca de 1.000 falantes, enquanto diversas outras línguas dessa família estão em estado obsolecente ou em perigo de extinção.

New Tribes of Brazil (NTB), no Brasil, começaram a trabalhar com esses idiomas, tendo documentado diversas línguas Pano faladas no Peru, no Brasil e na Bolívia.

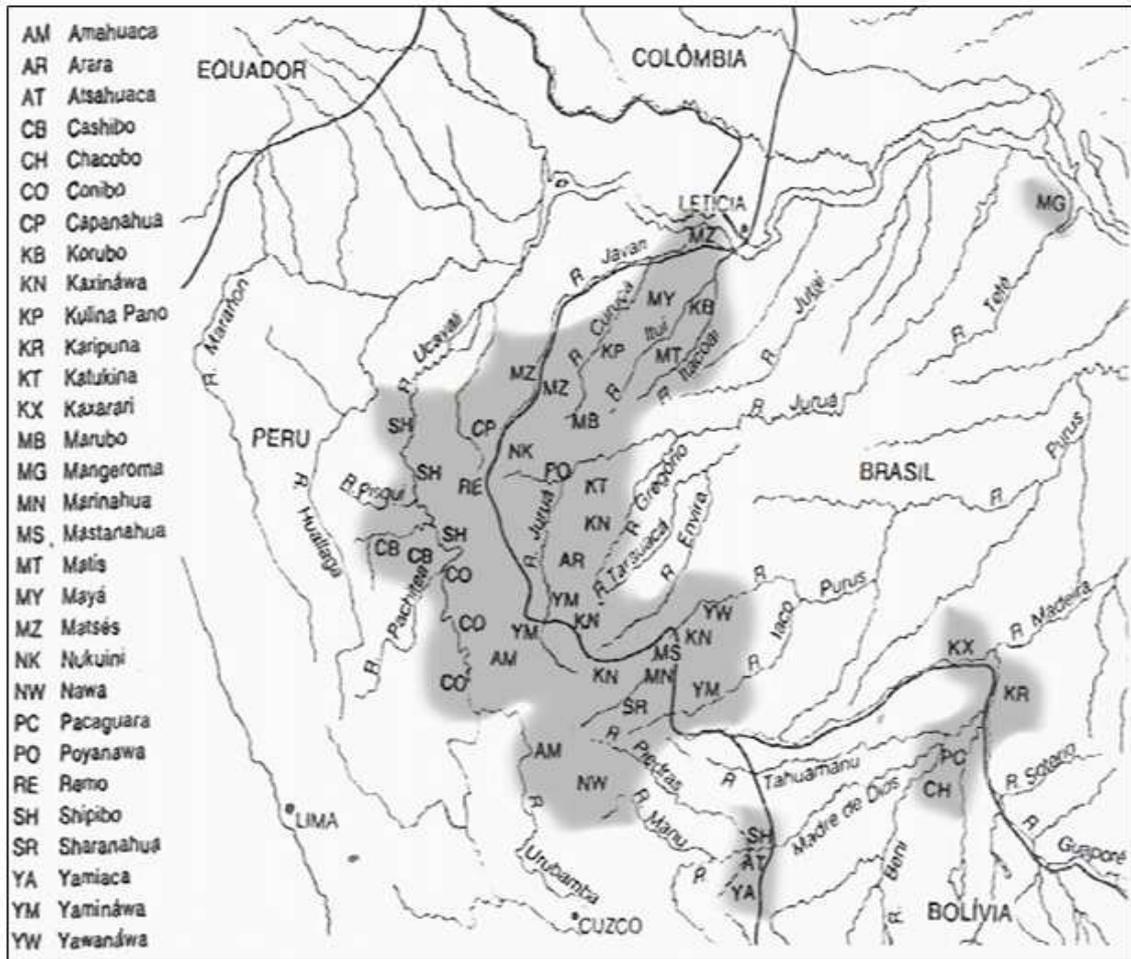


Figura 1. Representação geográfica das línguas da família Pano (Erikson, 1992)

Conforme o conhecido mapa de Erikson (1992), assim como a recente proposta de Fleck (2013), apresentada logo a seguir, as línguas Pano do Peru são faladas principalmente no Departamento de Ucayali; na região do Brasil, no Estado do Acre; e na Bolívia, no Departamento de Beni. Ademais, no Peru, algumas línguas são faladas em Loreto próximo à fronteira com o Brasil, assim como em Madre de Dios, próximo à Bolívia; e no Brasil, além de Rondônia (com as línguas kaxarari e karipuna pouco descritas), algumas línguas são faladas a oeste do Amazonas.

A representação de Fleck (2013) apresenta várias semelhanças com a de Erikson (1992), mas algumas diferenças são identificadas, provavelmente, devido as fontes consultadas ou ao procedimento de análise de cada autor. O mapa de Erikson (1992), por exemplo, apresenta 30 línguas, enquanto Fleck (2013) propõe 32 línguas, conforme sua

proposta de classificação da família Pano. Sobre a diferença na denominação das línguas, Erikson (1992) apresenta o shipibo (SH) e o konibo (CO), e sua distribuição ao longo do rio Ucayali, como línguas independentes, enquanto Fleck (2013), assim como Valenzuela (2003), apresentam esses registros como uma única língua, denominada shipibo-konibo.

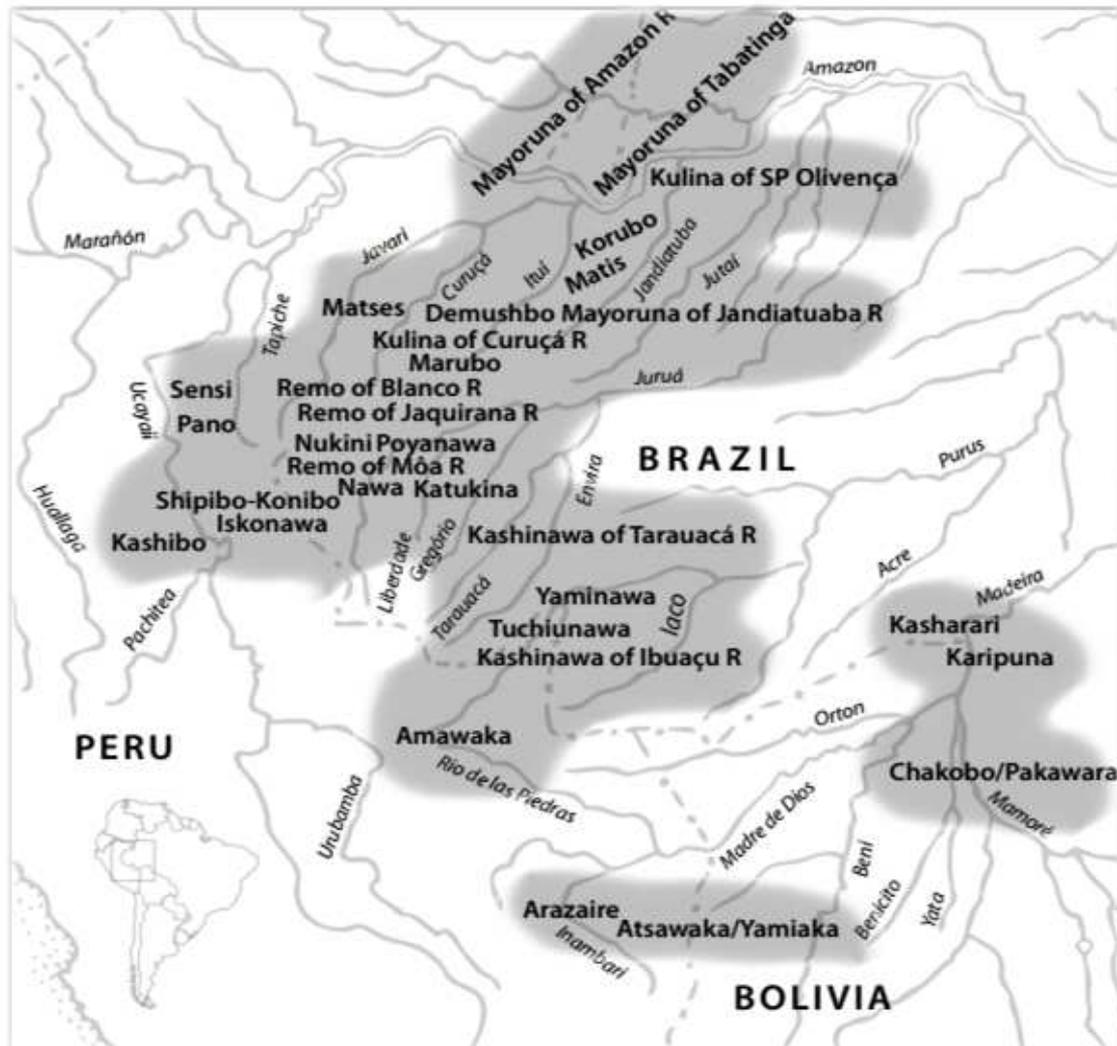


Figura 2. Representação geográfica das línguas da família Pano (Fleck, 2013)

Dentre outros fatores sócio-históricos, a região de fronteiras internacionais, onde são faladas as línguas da família Pano, influenciou as diversas instituições que hoje estudam as línguas Pano. Inicialmente, no Peru, a primeira instituição acadêmica a realizar pesquisas com essas línguas, a partir de 1970, foi a Universidad Mayor de San Marcos (UNMSM). No Brasil, desde a década de 1980, instituições como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade de Brasília (UNB), a Universidade Federal de Goiás (UFG) e outras instituições acadêmicas brasileiras e estrangeiras têm desenvolvido pesquisas descritivas e comparativas a respeito dessas línguas.

As línguas Pano “[...] mostram semelhanças próximas, o que indica uma profundidade de tempo razoavelmente rasa e uma recente divisão e expansão”² (Loos, 1999), e seus povos são normalmente caracterizados por uma “grande homogeneidade territorial, linguística e cultural.” (Erikson, 1992: 239). Em comparação a 6.000 anos do protoindo-europeu (Lathrap, 1970: 187), estima-se aproximadamente 1.000 anos para o protopano. Algumas características etnolinguísticas comuns a alguns desses povos correspondem ao uso de variedade lexical particular em cantos xamãs pelos matsés, sharanawa e marubo; assim como pares de termos para animais domesticados e gerais pelos matis, katukina,³ marubo, kashibo-kakataibo e shipibo-konibo (Fleck, 2013). No entanto, com a escassez de estudos descritivos de algumas línguas Pano, a exemplo do kaxarari, necessitam-se mais pesquisas descritivas e comparativas para a reconstrução de períodos mais antigos.

Em adição aos estudos realizados fora do Brasil, as línguas Pano brasileiras começaram a ser pesquisadas a partir de 1980, a princípio, em uma perspectiva sincrônica, descritiva e, mais frequentemente nos últimos anos, também do ponto de vista comparativo, tipológico e/ou histórico/diacrônico. Alguns trabalhos desenvolvidos com base nestes aspectos correspondem, por exemplo, a estudos sobre a gramaticalização de morfemas referentes a partes do corpo (Barbosa, 2012; Fleck, 2006; Ribeiro e Cândido, 2008); assim como propostas de reconstrução pronominal (Valenzuela, 2003); léxico-fonológica (Santos e Cândido, 2015); e sobre a diversidade das características egativas (Abreu, 2008). Com base nas características tipológicas apresentadas em Valenzuela e Guillaume (2016: 31), os aspectos gramaticais gerais dessas línguas são listados a seguir:

- Ordem básica dos constituintes AOV/SV;
- Morfemas monossilábicos referentes a partes do corpo que se anexam a nomes, adjetivos e, principalmente, a verbos, com função locativa;
- Sincretismo de marcadores de caso ergativo, instrumental, genitivo e locativo;
- Sistema de referência-alternada (*switch-reference*) e concordância de participante;
- Sufixo benefactivo (ou malefactivo) *-sun*, cognato na maioria das línguas;
- Sistemas evidenciais, com morfologia não cognata, com exceção do reportativo, com a forma /ki/;
- Emprego de clíticos pronominais co-referenciais com o sujeito (algumas línguas);

² O texto original é o que se segue: “The languages show close similarities, indicating a fairly shallow time-depth and recent expansion and split” (Loos, 1999: 227).

³ Conforme a professora Maria Sueli de Aguiar, esse povo tem se auto-denominado *Noke Kuin* “povo verdadeiro”.

- Presença da vogal /i/, e das seguintes surdas sibilantes /s/, /ʃ/, e /ʂ/;
- Espalhamento nasal;
- Distinções tonais (algumas línguas).

Nos últimos anos, estudos comparativos têm sido realizados, os quais relacionam propriedades de duas ou mais línguas com o objetivo geral de propor reconstruções históricas, classificações linguísticas ou mesmo caracterizar, em termos tipológicos, uma ou mais propriedades de duas ou mais línguas. Na próxima seção, apresento uma breve resenha descritiva dos estudos históricos que apresentam os resultados relacionados tanto aos aspectos fonológicos como gramaticais dessas línguas. Em seguida, as propostas de classificação linguística já realizadas são brevemente apresentadas em (1.2); e então os materiais e a fundamentação teórico-metodológica da presente pesquisa são descritos, em (1.3).

1.1.2 *Propostas de classificações internas*

Como mencionado na seção anterior, o primeiro estudo a formalizar as línguas Pano como um grupo autônomo foi o trabalho de La Grasserie (1890), intitulado ‘De la Famille Linguistique Pano’. A partir de então, essa família passou a ser reconhecida pelo nome de uma de suas línguas, ‘pano/wariapano’. O estudo, apresentado em 1888 no ‘VII Congresso Internacional dos Americanistas’, trata da relação de parentesco de sete línguas: “Pano, Mayoruna Domestica e Mayoruna Fera, Maxuruna, Caripuna, Culino, Conibo, Pacavara”. Em geral, o autor descreve a situação etnográfica e apresenta alguns dados lexicais (adjetivos, nomes de partes do corpo, vegetais), uma comparação fonético-fonológica e algumas notações sobre os pronomes e verbos dessas línguas.

Com relação ao desenvolvimento de classificações internas das línguas da família Pano, ainda no século XIX, Brinton (1946) ampliou o número de línguas do estudo de La Grasserie (1890) de sete para 18 idiomas, falados somente no Peru, e no início do século seguinte, Créqui-Montfort & Rivet (1913) apresentou uma classificação com línguas faladas também na Bolívia. De acordo com Ribeiro (2006), as classificações realizadas na primeira metade do século XX representam a família Pano, geralmente, em três grupos de línguas faladas no Peru e na Bolívia, e baseiam-se em critérios geográficos (Loukotka, 1944; Mason, 1950; Rivet e Loukotka, 1952; e Rivet e Tastevin, 1921, 1924 apud Ribeiro, 2006).

No entanto, a partir de meados do século XX, a exemplo de classificações mais sistemáticas e estudos histórico-comparativos pioneiros, como d’Ans (1973); Loos (1975, 1978, 1985, 1999); Shell (1985); Oliveira (2014), diversos estudos realizados por esses e demais linguistas ampliaram o conhecimento das línguas Pano, faladas no Brasil, Peru e

Bolívia. Com isso, vários estudos descritivos sobre aspectos fonológicos e gramaticais, e algumas propostas de reconstrução histórica e, em específico, classificações internas, com base em critérios linguísticos, foram realizados, como as seguintes publicações mais recentes apresentadas em seguida: Loos (1999), Lanes (2005), Ribeiro (2006) e Fleck (2013):⁴

Quadro 1. Classificação interna das línguas da família Pano (Loos, 1999)

Subgrupo Yaminawa	Subgrupo Kapanawa
1 Yaminawa	16 Kapanawa/Pahenbakebo
2 Amawaca	17 Shipibo/Konibo/Xetebo
3 Kashinawa/Honikoin	18 Remo
4 Sharanawa/Shanindawa/Chandinawa/ Inonawa/Marinawa	19 Marubo
5 Yawanawa	20 Wariapano/Panobo/Pano
6 Chitonawa	21 Iskonawa
7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa	22 Kanamari/Taverí/Matoinahã
8 Moronawa	Línguas não-agrupadas
9 Mastanawa	23 Kashibo/Kacataibo/Komabo
Subgrupo Chacobo	24 Kulino
10 Chacobo	25 Karipuná ⁵
11 Arazaire	26 Kaxariri
12 Atsawaka	27 Matses/Mayoruna
13 Yamiaka	28 Nokamán
14 Katukina/Kamannawa/Waninnawa	29 Poyanáwa
15 Pakawara	30 Tuxinawa

A classificação de Loos (1999) apresenta 30 línguas, divididas em quatro grupos: três subgrupos de 22 línguas e oito línguas não agrupadas e, segundo Ribeiro (2006), é considerada o primeiro grande avanço recente nas classificações internas das línguas Pano. Esse trabalho é antecedido do estudo de Shell (1985), em que se apresenta uma proposta de ‘*esquema del árbol genealógico especulativo*’ formado de sete línguas, que, segundo a autora, poder-se-ia dividir em três subgrupos/filos. Com isso, a linguista propõe um filo composto das línguas amawaka, kaxinawa e marinawa, as quais, em comparação à proposta de Loos (1999), identificam-se com o ‘Subgrupo Yaminawa’.

⁴ Para uma descrição dos trabalhos de classificação de línguas Pano cf. Ribeiro (2006).

⁵ Conforme Aguiar, em exame de qualificação deste trabalho, apesar de diversos estudos descreverem o karipuna como língua Pano, falada no Brasil, o parentesco dessa língua com essa família não se sustenta.

O segundo filo proposto no trabalho de Shell (1985) é composto das línguas chacobo, que corresponde ao ‘Subgrupo Chacobo’, e das línguas kapanawa e shipibo, que se identificam com o ‘Subgrupo Kapanawa’ da classificação de Loos (1999). O terceiro filo presente na classificação da autora constitui-se da língua kashibo que, com relação à classificação de Loos (1999), corresponde ao conjunto de ‘Línguas não-agrupadas’. Apesar das propostas de Loos (1999) e Shell (1985) se diferenciarem em diversos aspectos, a exemplo das línguas do segundo filo desta autora, esses trabalhos apresentam maiores semelhanças nas propostas de reconstrução das proto-formas segmentais.

O estudo de Lanes (2005) compara a fonologia de 11 línguas Pano com base no método léxico-estatístico e apresenta uma ‘*proposta parcial de classificação interna*’ (Lanes, 2005: 80), dividida em três subgrupos. O subgrupo C. composto das línguas jaminawa, kaxinawa e yawanawa, identificam-se com o ‘Subgrupo Yaminawa’ do trabalho de Loos (1999). Em Lanes (2005), esse subgrupo ainda é composto do katukina, ‘Subgrupo Chacobo’, marubo, ‘Subgrupo Kapanawa’, e poyanawa, que corresponde às ‘Línguas não-agrupadas’ em Loos (1999). Ademais, o autor propõe o filo B., composto do kaxarari, e o filo A., do matsés e matis, línguas que também correspondem ao conjunto de ‘Línguas não-agrupadas’.

A língua kaxarari, aliás, é representada como um idioma pertencente à família Pano pela primeira vez no estudo de Loos (1999) e é o trabalho de Lanes (2000) que brevemente descreve a consoante lateral coronal {-l} em função de caso ergativo, cuja forma na maioria das demais línguas Pano corresponde a um traço/segmento coronal nasal {-n/~}. Ademais, diferente de todas as outras línguas dessa família conhecidas até o presente momento, a consoante lateral ergativa da língua kaxarari também ocorre em morfemas lexicais livres e presos. Seguindo esses estudos de classificação de línguas da família Pano, a proposta de classificação interna de Ribeiro (2006) é apresentada abaixo:

Quadro 2. Classificação interna das línguas da família Pano (Ribeiro, 2006)

GRUPO I	Subgrupo III-2-2	GRUPO IV
1 Amawaka	Subgrupo III-2-2-1	Subgrupo IV-1
GRUPO II	11 Kanamari	25 Kapishto
Subgrupo II-1	12 Katukina	26 Matsés
2 Kashibo	13 Marubo	27 Kulina
3 Nokaman	Subgrupo III-2-2-2	28 Matis
Subgrupo II-2	14 Mastanawa	Subgrupo IV-2
4 Shipibo	15 Tuxinawa	29 Atsawaka

5 Kapanawa	16 Yoranawa	30 Arazaire
6 Panobo	17 Sharanawa	31 Yamiaka
GRUPO III	18 Shanenawa	Subgrupo IV-3
Subgrupo III-1	19 Arara	32 Karipuna
7 Iskonawa	20 Yawanawa	33 Chacobo
8 Kaxinawa	21 Xitonawa	34 Pakawara
Subgrupo III-2	22 Yaminawa	
Subgrupo III-2-1	Subgrupo III-2-3	
9 Nukini	23 Kaxarari	
10 Remo	24 Poyanawa	

Com base em dados lexicais, Ribeiro (2006) propõe uma classificação interna de 34 línguas da família Pano, dividida em quatro grupos e seus agrupamentos em níveis menores. Embora a estrutura geral da classificação desse autor assemelha-se com propostas já realizadas, pois “de modo geral, vários subgrupos da classificação [...] estão presentes em outras classificações” (Ribeiro, 2006: 174), a exemplo de Loos (1999), a classificação de Ribeiro (2006) apresenta agrupamentos de níveis menores.

As semelhanças de ambas as classificações se referem ao subgrupo II-2-2-2 em Ribeiro (2006) cujas línguas identificam-se com o ‘Subgrupo Chacobo’ e também, com exceção do amawaka e kaxinawa, com o ‘Subgrupo Yaminawa’ da classificação de Loos (1999). Em suma, Ribeiro (2006) apresenta uma proposta de classificação interna baseada apenas em dados lexicais e ressalta a importância de dados gramaticais em classificações futuras. Nesse sentido, o estudo de Fleck (2013) propõe uma classificação de 33 línguas, estruturadas em dois grupos maiores e subgrupos menores:

Quadro 3. Classificação interna das línguas da família Pano (Fleck, 2013)

<u>IRAMO MAYORUNA</u>	
1 Matses	
2 Kulina (Curuçá River)	
3 †Demushbo	
4 Korubo	
5 Matis ‘mais divergente das demais línguas Mayoruna’	
6 †Mayoruna (Jandiatuba River)	
7 †Mayoruna (Amazonas River)	
8 †Mayoruna (Tabatinga)	

II RAMO CENTRAL

<p>A. 9 Kasharari ‘mais divergente do ramo central’</p> <p>B. 10 Kashibo ‘similar ao grupo Nawa devido ao contato com Shipibo’</p> <p>C. GRUPO NAWA</p> <p>i. Subgrupo Bolivian</p> <p style="padding-left: 20px;">11 Chakobo/Pakawara</p> <p style="padding-left: 20px;">12 †Karipuna ‘provável dialeto do Chakobo/Pakawara’</p> <p style="padding-left: 20px;">13 †Chiriba(?)</p> <p>ii. Subgrupo Madre de Dios</p> <p style="padding-left: 20px;">14 †Atsawaka/†Yamiaka</p> <p style="padding-left: 20px;">15 †Arazaire</p> <p>iii. 16 †Remo (Blanco River)</p> <p>iv. 17 †Kashinawa (Tarauacá)</p> <p>v. Subgrupo Marubo</p> <p style="padding-left: 20px;">18 Marubo</p> <p style="padding-left: 20px;">19 Katukina</p> <p style="padding-left: 20px;">20 †Kulina (SP de Olivença)</p>	<p style="text-align: center;">“Conjunto Pano Central”</p> <p>vi. Subgrupo Poyanawa</p> <p style="padding-left: 20px;">21 Poyanawa</p> <p style="padding-left: 20px;">22 Iskonawa</p> <p style="padding-left: 20px;">23 Nukini</p> <p style="padding-left: 20px;">24 Nawa</p> <p style="padding-left: 20px;">25 †Remo (Jaquirana)</p> <p>vii. Subgrupo Chama</p> <p style="padding-left: 20px;">26 Shipibo-Konibo (3 dialetos de 1 língua)</p> <p style="padding-left: 20px;">27 Pano</p> <p style="padding-left: 20px;">28 †Sensi</p> <p>viii. Subgrupo Headwaters</p> <p style="padding-left: 20px;">29 Kashinawa (Ibuaçu)</p> <p style="padding-left: 20px;">30 Yaminawa ‘complexo dialetal’</p> <p style="padding-left: 20px;">31 Amawaka</p> <p style="padding-left: 20px;">32 †Remo (Môa River)</p> <p style="padding-left: 20px;">33 †Tuchinawa</p>
---	---

A classificação de Fleck (2013) apresenta diversas particularidades com relação aos estudos de Loos (1999) e Ribeiro (2006), a exemplo da proposta de dialetos da língua yaminawa e, como apresentado nas propostas anteriores, da classificação da maioria desses dialetos como línguas. Com isso, embora algumas línguas/variedades de fala correspondam a dialetos na proposta de classificação de Fleck (2013), o presente trabalho segue sua identificação conforme o respectivo estudo descritivo, consultado e citado, da língua correspondente. Portanto, no presente trabalho, a referência a variedade de fala como língua ou dialeto segue a maneira como o/a linguista a descreveu na obra utilizada, como material de referência, com base em Barbosa (2012: 12-14).

Ademais, a utilização de materiais e dados linguísticos na proposta de Fleck (2013) apresenta um avanço positivo nas classificações internas das línguas da família Pano. No entanto, de acordo com o próprio autor, essa classificação baseia-se em similaridades relativas e, nesses termos, para uma classificação com base genética, estudos histórico-comparativos que reconstruam estruturas dos principais níveis linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe e

semântica) devem ser realizados. Além das relações intralinguísticas dos idiomas e dialetos que compõem a família Pano, propostas de parentesco dessas línguas com línguas de outras famílias têm sido realizadas, como apresentado a seguir.

1.1.3 *Hipóteses de parentesco entre famílias*

Seguida dos grupos Tupi-Guarani (tronco Tupi), Jê (tronco Macro-Jê), Karib e Arawak, a família linguística Pano é considerada o quinto maior agrupamento de línguas da América do Sul (Fleck, 2013). Devido a sua proximidade geográfica e similaridade lexical e fonológica básica, essas línguas têm sido geneticamente relacionadas com várias outras línguas de famílias vizinhas. Alguns exemplos são os estudos de Schuller (1933), que propõe o filo Pano-Takana e o relaciona ao conjunto maior ‘Carib-Aruác’; e Greenberg (1987), que apresenta uma proposta do filo Pano-Takana dentro do superfilo Jê-Pano-Karib.⁶

Com relação a família Takana, com base nos estudos de Key (1968) e Girard (1971), esse conjunto linguístico possui cinco línguas (cavineña, ese ejja, araona, reyesano e tacana), faladas no noroeste da Bolívia, com falantes de ese ejja na fronteira com o Peru. A unidade filogenética que forma os idiomas Takana foi reconhecida por Brinton (1892) e desde então, estudiosos vêm classificando essas línguas, relacionando-as entre si (Key, 1968; Girard, 1971), e com outros idiomas distintos (Chamberlain, 1913; Rivet, 1921; Schmidt, 1926; e Mason, 1950 apud Fabre, 2005).

Com isso, desde a hipótese pioneira apresentada no estudo de Schuller (1933), alguns estudiosos vêm discutindo as propostas de parentesco entre línguas Pano e Takana. Em geral, apesar da necessidade de mais pesquisas descritivas e comparativas (tanto dentro de uma mesma, como entre ambas as famílias) para que essa relação seja melhor compreendida, exemplos de trabalhos realizados até o momento correspondem aos estudos comparativos de Greenberg (1987); Loos (1987, 2005); e Ribeiro (2003). Ademais, a partir da reconstrução fonológica e lexical de línguas Takana, os seguintes trabalhos comparativos apresentam a reconstrução histórica de um grupo de proto-formas: Key (1968) e Girard (1971).

O trabalho de Key (1968) apresenta correspondências léxico-fonológicas entre as duas famílias e Girard (1971), 116 itens lexicais protopano-takana. Em ambos os estudos, essas hipóteses são apresentadas, primeiramente, com a reconstrução léxico-fonológica do prototakana, cujos resultados são, então, comparados com os resultados do trabalho de Shell (1985). Conforme os autores, apesar dos estudos ainda apresentarem resultados insuficientes

⁶ Essa hipótese, ainda questionada na literatura (Rodrigues, 2000), requer verificações em termos de análises baseadas em dados e métodos mais sistemáticos.

para concluirmos teses consistentes sobre o parentesco das duas famílias, neste estudo, dados de estudos sobre os marcadores ergativos em algumas línguas Takana são comparados com os dados da presente análise de línguas Pano (cf. seção 3.2.2).

Ademais, falantes de línguas Pano também tiveram contato com outras línguas amazônicas e com falantes de quéchua. Essas línguas possuem características areais comuns como ergatividade, evidencialidade, e a vogal alta *i*, o que indica que essas propriedades influenciaram ou foram influenciadas por línguas vizinhas (Fleck, 2013: 24). Conforme este autor, empréstimos de e para línguas Arawak (Valenzuela, 2003), do Português e Espanhol são comuns nas línguas Pano assim como várias palavras shipibo-konibo (e algumas línguas Pano como *tashi* ‘sal’) são descritas como de origem quéchua pela literatura. Em geral, esses dados são utilizados nesta análise e compõem o material e os princípios descritivos, apresentados a seguir, sobre a gramaticalização do sincretismo de casos em línguas Pano.

1.2 Materiais e métodos da presente pesquisa

Nesta última seção, apresento a amostra de línguas Pano e seus materiais bibliográficos e, em seguida, a perspectiva metodológica, as quais constituem, em respectivo, o alicerce empírico e teórico-metodológico desta pesquisa. Em geral, as fontes bibliográficas e a base de dados correspondem a estudos já publicados e a coleta de dados realizada com falantes da língua *matis*. A fundamentação teórico-metodológica baseia-se nos princípios da Linguística Tipológica-Funcional, que trata dos sistemas sincrônicos, suas variações, e mudanças históricas, em específico, referentes aos estudos sobre a morfologia de casos.

1.2.1 Coleta de dados e amostra de línguas

O presente trabalho descreve e compara uma amostra básica dos marcadores de casos de línguas Pano. Para tanto, o principal critério de seleção desse grupo de línguas (apresentado no quadro a seguir) baseia-se na diversidade tipológica dos casos. Ademais, o critério adicional de formação desse conjunto consiste na maior distribuição filogenética dessas línguas nos agrupamentos das propostas de classificação de Loos (1999), Ribeiro (2006) e Fleck (2013). Em geral, os aspectos descritivos e tipológicos limitam-se à disponibilidade e ao acesso a dados encontrados nos estudos descritivos e comparativos dessas línguas.

Quadro 4. Grupo básico de línguas Pano comparadas no presente estudo

Matis – br (Brasil)	Matsés – pe e br
Kashibo-kakataibo – pe (Peru)	Shanenawa – br

Kaxinawa – br e pe	Shipibo-konibo – pe
Katukina – br	Wariapano – pe
Kaxarari – br	Yawanawa – br

Com base na estrutura geral dessas propostas de classificação, observam-se, no quadro acima, três subgrupos gerais de línguas: **I. matis** (mpq) e **matsés** (mcf); **II. shanenawa** (swo), **yawanawa** (ywn) e **kaxinawa** (cbs); **III. shipibo-konibo** (shp), **katukina** (kat) e **wariapano** (pno); e as línguas **kashibo-kakataibo** (cbr) e **kaxarari** (ktx), que apresentam maior diversidade tanto entre si mesmas, quanto entre as demais línguas Pano (Fleck, 2013). Com relação a estrutura da descrição e comparação dos dados neste trabalho, a análise dos casos é apresentada por meio desses agrupamentos.

Nos capítulos seguintes, os dados da língua matis não seguidos da referência correspondem a fonte de dados primários da presente pesquisa. A coleta desses dados foi realizada com Bushe Matis e Tupa Matis, que, com seus filhos, residiam na cidade de Anápolis-GO, do ano de 2013 a 2016. Os demais exemplos que correspondem aos dados secundários dessa língua provêm de Ferreira V. (2005) e, principalmente, da descrição de Ferreira R. (2005). Em geral, esses e os demais dados de línguas Pano, utilizados para propor a gramaticalização do sincretismo de casos, correspondem a construções de descrições sincrônicas e de estudos comparativos e históricos.

Sobre o grau de bilinguismo dos entrevistados, Bushe fala e escreve o português, e o matis, com desempenho fluente, tendo em vista seu contato maior com essas modalidades da língua portuguesa, principalmente, no contexto formal do curso de graduação na Universidade em que se formou, naquele período. O povo matis habita o Vale do Javari, na região do alto Solimões, sudoeste do estado do Amazonas. De acordo com o Instituto Socioambiental, esse povo conta com 457 indivíduos e na aldeia usa-se somente a língua materna, além do uso funcional do português, geralmente por homens, em contextos comerciais (ISA, 2014).

A seguir, apresento os principais trabalhos descritivos e comparativos a respeito das línguas comparadas neste estudo: matis (mpq)⁷ (Ferreira R., 2005, 2016; Ferreira V., 2005; Spanghero, 2012); kashibo-kakataibo (cbr) (Zariquiey, 2011; Zariquiey e Fleck, 2012); kaxinawa (cbs) (Camargo, 2005; Kensinger, 1963; Montag, 1981); katukina (kat) (Aguiar, 1994; Barros, 1987); kaxarari (ktx) (Oliveira, 2014; Sousa, 2004; Barbosa, 2015; Lanes, 2000); matsés (mcf) (Fleck, 2003; 2006); shanenawa (swo) (Cândido, 2004; Ribeiro e

⁷ As abreviações utilizadas para referência às línguas correspondem aos códigos ISO 639-3 que consistem em um padrão representativo para os nomes das línguas do mundo.

Cândido, 2008); shipibo-konibo (shp) (Valenzuela, 2003); wariapano (pno) (Gomes, 2010; Navarro, 1903); yawanawa (ywn) (Paula, 2004; Souza, 2013).

Os estudos das demais línguas usadas nessa comparação e reconstrução histórica correspondem aos seguintes idiomas e trabalhos: shawanawa (ara) (Souza, 2012; Cunha, 1993); amawaka (amc) (Osborn, 1948; Hyde, 1980); chácobo (cao) (Zingg, 1998; Loos, 1999); kapanawa (kaq) (Loos, H. e Loos, E., 1973; marubo (mzr) (Costa, 1998); sharanawa (mcd) (Scott, 2004; yaminawa (yaa) (Faust e Loos, 2002); iskonawa (isc) Rodriguez (2015). Com relação às línguas Takana, os idiomas e referências correspondem ao cavineña (cav) (Guillaume, 2008), araona (aro) (Emkow, 2006; Pitman, 1981), e takana (tna) (Armentia 1902), e os demais estudos referem-se a Key e Comrie (2015) e Barbosa (2012).

1.2.2 Fundamentação teórico-metodológica

A abordagem morfológica desta pesquisa é fundamentada nos princípios gerais da Linguística Funcional e Tipológica (Aikhenvald, 2007; Bauer, 1983, 2000, 2004a; Greenberg, 1966, 1978; Shibatani e Bynon, 1995). Ademais, a GRAMATICALIZAÇÃO⁸ consiste no processo de uma unidade lexical estender-se para gramatical, ou de uma menos gramatical para mais gramatical (Kuryłowicz, 1975). Sendo assim, a análise é realizada tanto com relação à identificação de seus estágios mais sincrônicos: *paradigmatization* ‘padronização’, *obligatorification* ‘obrigatoriedade’, *condensation* ‘condensação’, *coalescence* ‘coalescência’, *fixation* ‘fixação’ (Lehmann, 1985), como de seus estados mais históricos ou iniciais: *layering* ‘estratificação’, *divergence* ‘divergência’, *specialization* ‘especialização’, *persistence* ‘persistência’, *de-categorialization* ‘de-categorização’ (Hopper, 1991).

Com isso, a gramaticalização do sincretismo de casos em línguas Pano é analisada com base nos processos de “[...] mudança em que termos e construções lexicais, em contextos linguísticos específicos, passam a exercer funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper e Traugott, 2003).⁹ Com base nesses princípios, a implementação do processo de REANÁLISE (principal

⁸ Processos de gramaticalização têm sido objetos de estudo de estudiosos do século XIX, a exemplo de August W. Schlegel, e atualmente, atribui-se o termo *grammaticalisation* a Antoine Meillet (1912 apud Heine et al., 1991). Nesse sentido, apesar das seguintes formas serem encontradas na literatura: *grammaticalization*, *grammaticization* e *grammatization*, no presente trabalho, a tradução do termo *grammaticalization* ou *grammaticalisation* para o português ‘gramaticalização’ é utilizada.

⁹ No original: “The change whereby lexical terms and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions” (Hopper e Traugott, 2003: 231).

processo de gramaticalização) “[...] depende da possibilidade de mais de uma análise de uma construção linguística” (Campbell, 2004).¹⁰

Em contrapartida ao processo de gramaticalização, a LEXICALIZAÇÃO refere-se ao processo de uma unidade gramatical estender-se para lexical, a exemplo de afixos gramaticais que passam a ser analisados na estrutura silábica da raiz lexical. Conforme Moreno Cabrera (1998) e Lehmann (2002), tanto a gramaticalização quanto a lexicalização referem-se a processos de redução de uma unidade à gramática e/ou ao léxico de uma língua, e, até certo ponto, se desenvolvem na mesma direção, tendo em vista que ambos proveem os elementos estruturais dos componentes básicos do sistema linguístico: o léxico (mais holístico e irregular) e a gramática (mais analítica e regular).

Ademais, o SINCRETISMO DE CASOS é entendido como formas morfológicas que, em contextos específicos, expressam mais de uma categoria gramatical ou uma combinação de casos distintos (Baerman, et. alli, 2005). Em suma, com base na descrição de estruturas e funções dessas línguas Pano, o sincretismo de casos oblíquos em matis, introduzido a seguir, assim como os processos de gramaticalização e lexicalização correspondem a estruturas operacionais que indicam prováveis mudanças históricas na morfologia desse grupo de línguas, especificamente com relação ao desenvolvimento e funcionamento de afixos casuais.

Quadro 5. Sincretismo de casos oblíquos em matis

	Pronomes dêiticos '3 pessoa singular'	Nomes animados 'menino'	Nomes inanimados 'zarabatana'
INSTR	n̄ikidn	-- ¹¹	tidinten
ERG	n̄ikidn	papin	tidinten
GEN	n̄ikidn	papin	tidinte
ABS	n̄ikid	papi	tidinte

No quadro acima, o caso ergativo corresponde ao único caso cujo morfema se anexa tanto a itens nominais animados como inanimados. De acordo com os contextos morfossintáticos em que ocorrem, os casos oblíquos genitivo e instrumental são frequentemente associados ao caso nuclear ergativo (GEN em pronomes dêiticos e nomes animados; e INSTR, nomes inanimados) ou entre si mesmos (pronomes dêiticos). Nesse

¹⁰ No original: “Reanalysis depends on the possibility of more than one analysis of a given construction” (Campbell, 2004: 284).

¹¹ Em matis, os sufixos comitativos {-bitan} (A), {-bid} (S), e {-bita} (O) se anexam a pronomes pessoais, a exemplo de *i* ‘1.SG’ e *mitso* ‘2.PL’ (Ferreira R., 2005: 182).

sentido, proponho que o sincretismo de casos seja resultado de processos de gramaticalização, como metáfora e reanálise, de casos oblíquos (definido como a ambiguidade morfológica que permite mais de uma interpretação funcional de uma mesma construção).

A transitividade das construções usadas como exemplo neste estudo, em especial com relação aos dados primários da língua matis, é descrita em termos de categorias contínuas com referência a uma construção transitiva prototípica (Hopper e Thompson, 1980; Næss, 2007). O princípio fundamental da transitividade prototípica refere-se a seu caráter icônico: em termos básicos, construções verbais com duas posições argumentais nucleares independentes e distintas (sujeito e objeto), utilizadas para se referirem a eventos, estados ou ações (télicos, pontuais, volicionais, reais, afirmativos e agentivos) constituídos de dois participantes distintos e independentes (agente e paciente).

Em princípio, a função ergativa corresponde ao caso nuclear canônico, e que se apresenta, dentre os demais casos, como o único caso que se anexa tanto a itens animados como inanimados. Os casos instrumental e genitivo (e locativo) correspondem a casos oblíquos, mas em geral são frequentemente associados a casos nucleares ou relacionados entre si mesmos, de acordo com os contextos morfossintáticos em que ocorrem (cf. Anderson, 1971; Heine, 1997). A fundamentação teórico-metodológica da análise das variações do marcador desses casos segue os princípios gerais da Fonologia Funcional da Escola de Praga (Jakobson, 1978, 2008; Trubetzkoy, 1969).

Na literatura comparativa das línguas da família Pano, os conceitos das unidades morfológicas são frequentemente definidos imprecisamente, a exemplo de Shell (1985: 39): “Aquí, y en todo este estudio, se usa el término “palabra” libremente para referirse a las formas aislables, generalmente citables, tales como se encuentran en las listas de “palabras”, formas que pueden ser tomadas como unidades gramaticales.”, e do uso de termos como ‘forma longa’ e ‘forma curta’ (Loos, 1978; Oliveira, 2014, 2015; Shell, 1985). No presente trabalho, contudo, esses termos são entendidos com base em uma definição morfológica e relacional, referente às seguintes unidades prototípicas: PALAVRA, RADICAL/TEMA e RAIZ.

Com base em Bauer (2004b), a PALAVRA consiste, na estrutura morfossintática, em um constituinte estruturado entre o morfema e o sintagma. O RADICAL é definido como morfemas lexicais, em que se estruturam processos da morfologia flexional (formados, geralmente, por exemplo, da composição ou da anexação de um morfema derivacional a uma raiz ou a outro radical). Em contrapartida, RAIZ é definido como morfemas lexicais desconstituídos de afixos ou clíticos flexionais e derivacionais. Nesse sentido, em termos práticos, os processos de

gramaticalização operam essencialmente em um contínuo a partir da morfologia lexical para a morfologia gramatical, enquanto a lexicalização, na ordem inversa.

A respeito da distinção entre unidades como AFIJO e CLÍTICO, conforme Zwicky (1977), afixos são unidades que se anexam e funcionam no nível da palavra, e clíticos funcionam no nível do sintagma ou oração e se anexam somente a primeira, última ou a única palavra do sintagma ou oração. Os exemplos dos matis, assim como de outras línguas Pano, demonstram que o marcador morfológico do sincretismo de casos relaciona-se com outros elementos no nível do sintagma nominal e, diferente de uma unidade como sufixo, caracteriza-se como ênclise, a exemplo da descrição de Fleck (2005: 89), sobre o matsés, e Ferreira R., (2005: 67), com relação a língua matis.

2 Gramaticalização locativa e genitiva

Na seção seguinte (2.1), em matis e um grupo de línguas Pano, comparo o caso locativo, morfemas e construções espaciais e direcionais; e, em seguida (2.2), os casos oblíquos em função de argumento interno, construções possessivas e caso genitivo.

2.1 Expressões espaciais e direcionais em algumas línguas

2.1.1 Descrição e comparação de formas e funções locativas

Os idiomas da família Pano são geralmente descritos com morfemas, presos ou livres (conforme a língua descrita), que expressam funções espaciais de caso locativo. Basicamente, o caso locativo indica a localização, destino, fonte ou trajetória de alguém ou algo em um domínio espacial, temporal ou metafórico (Blake, 2004). Nesse sentido, apresento nesta seção dois tipos de funções locativas, caracterizadas como dêixis espaciais, em um grupo dessas línguas: (I) espacial (superfície/inclusão) e/ou temporal; e (II) direcional (ablativo (fonte) e alativo (destino)).

Em matsés, os morfemas que expressam orientação espacial formam a subclasse mais numerosa das posposições. Essa língua possui as seguintes formas posposicionais: *nēnantan* ‘in the middle of’; *ëquëduc* ‘inside’; *nuntan* ‘inside’; *anauc* ‘inside’; *nantan* ‘within/amidst/in/on’; e *mëduc* ‘during’ (Fleck, 2003: 646-648). Assim como o matsés, na língua matis, os seguintes morfemas livres expressam orientações direcionais e espaciais: *uki* ‘em direção a’; *udi* ‘após a’; *ikibi* ‘para cá’; *ukumuduk* ‘lá dentro, no fundo’; *ukikuimano* ‘lado de fora/outro lado’ (Ferreira, R., 2005: 201-202). Além desses morfemas, as línguas matis (mpq) e matsés (mcf) possuem três formas presas, semelhantes a esses idiomas, que expressam o caso locativo:

mpq (Ferreira R., 2005)
{-n} {-no} {-mi}

mcf (Fleck, 2003)
{-n} {-no} {-mi}

Em matis, “o morfema {-n} é um locativo que faz referência ao espaço, isto é, indica em que lugar ocorre o evento” (Ferreira R., 2005: 70), conforme os seguintes exemplos:

mpq (Ferreira R., 2005: 71)

- | | | | | |
|----|-----------------------------------|---------------|----------------------------|--------------------|
| 1. | akid | di-n | ibi | uṣ-e-k |
| | 3SG.DEM | rede-LOC | 1SG.ABS | dormir-N.PASS-DECL |
| | ‘Eu durmo nessa rede’ | | | |
| 2. | ibi | ṣubu=n | er-a-k¹² | |
| | 1.SG.ABS.ENF | casa=LOC | entrar-PST.REC-DECL | |
| | ‘eu entrei na casa’ ¹³ | | | |

¹² Os pronomes de primeira e segunda pessoas em matis são apresentados conforme Ferreira, R., (2005: 176) que descreve a lexicalização de suas formas, como a seguinte forma, em função de S/O: *ibi* < *i-Ø-bi* ‘1.SG-ABS-ENF’.

Em matsés, os marcadores locativos são descritos com base na terminologia de Leonard Talmy (1983 apud Fleck, 2003) - Figura (*Figure*) e Fundo (*Ground*). Nessa língua, de acordo com Fleck (2003); “A ênclise posposicional -n ‘Locativo/Temporal’ é a mais comum com referência à forma do Fundo e sua relação com a Figura. Ela simplesmente especifica que o local da Figura é coextensivo [ocupa o mesmo espaço] com o Fundo [...]”.¹⁴

mcf (Fleck, 2003: 644)

3. cun shubu-n ic-o-sh
 1GEN house-LOC be-PAST-3
 ‘He was in my house’
 ‘ele estava na minha casa’

mcf (Fleck, 2003: 644)

4. cun tsadte-n ic-o-sh
 1GEN bench-LOC be-PAST-3
 ‘He was at my bench’
 ‘ele estava no meu banco’

Além da referência espacial, Fleck (2003: 645) descreve que a função desse morfema {-n} também expressa domínios temporais. Em outras palavras, essa forma também se refere ao período de tempo, que indica, por exemplo, a estação do ano em que o fato ocorreu:

mcf (Fleck, 2003: 646)

5. seta-n tish-aid ne-e-c
 dry.season-LOC give.birth.to-PAT.NZR be-NPAST-INDIC
 ‘He is one that was born the dry season’
 ‘ele é quem nasceu no inverno’

Em matsés, o morfema {-n} apresenta funções específicas. Além de sua extensão temporal, ele também faz referência ao Fundo como recipiente da Figura, *container-like* (Fleck, 2003), ou seja, expressa uma relação de inclusão. Assim como descrito em matsés, a língua matis possui a forma ‘*sun*’ que ocorre como sufixo em classes lexicais como verbos, nomes, e quantificadores, por exemplo, e expressa funções de benefactivo, concordância de sujeito. Conforme Ferreira R. (2005: 214), em sintagmas nominais esse morfema corresponde a “[...] uma marca de ergatividade que também ocorre em modificadores do tipo numeral e quantificador, [assim como] uma marca de concordância transitiva”, conforme os exemplos a seguir:

¹³ Os exemplos da língua matis que não possuem indicação da fonte de referência correspondem aos dados primários, conforme descrito na seção (1.2.1).

¹⁴ No original: “The postposition enclitic -n ‘Locative/Temporal’ is the most general with respect to the shape of Ground and its relations to the Figure. It simply specifies that the location of the Figure is coextensive with the Ground” (Fleck, 2003: 644).

6. **minbi** **ibi** **nunte=n=şun** **puduk-a-k**
 2.SG.ERG.ENF 1.SG.ABS.ENF canoa=LOC=CONC.A molhar-PST.REC-DECL
 ‘você me molhou dentro da canoa’

mpq (Ferreira R., 2005: 70)

7. **Tupa-n** **nukun** **şubu-n-şun** **kodoka-wan-a-ş**
 tupa-erg 1sg.poss casa-loc-inic.tr cozinhar-desl.vir-pass.rec-3exp
 ‘A Tupa veio cozinhar na minha casa e voltou’

Sobre o morfema locativo {-no}, com relação à língua matis, essa forma “[...] marca o locativo direcional e significa ‘em direção a’” (Ferreira R., 2005: 70):

mpq (Ferreira R., 2005: 70)

8. **sedke-aş** **ibi** **São Paulo-no** **kuan-e-k**
 amanhã-CONC.S. 1SG.ABS São.Paulo-LOC viajar-N.PASS-DECL
 ‘Amanhã, eu vou viajar para São Paulo’

Nessa língua, além da função direcional do morfema {-no} em orações com verbos de movimento, ele também expressa, em eventos descritos com verbos estativos ou de ação, a função espacial de inclusão:

mpq (Ferreira R., 2005: 134)

9. **Matis** **di-no** **uş-kid**
 matis rede.LOC dormir-HAB.PRES
 ‘Os Matis sempre dormem na rede’

mpq (Ferreira R., 2005: 119)

10. **ibi** **waka-no-wiş** **nes-tan-a-k**
 1SG.ABS rio-LOC-INIC.INTR banhar-ir.vir-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu fui banhar no rio [e voltei]’

Em termos gerais, em matis, as formas {-no} e {-n} indicam o local onde ocorre o evento descrito pelo verbo, no entanto, apresentam distinções funcionais específicas. Por exemplo, a primeira forma expressa uma função locativa geral de espaço ou inclusão, como descrito acima, enquanto a segunda expressa uma função específica de inclusão:

11. **Tumi-Ø** **şubu=no** **abi**
 tumi-ABS casa=LOC PART.AFIRM
 ‘Tumi está na casa/aldeia’

12. **Tumi-Ø** **şubu=n** **abi**
 tumi-ABS casa=LOC PART.AFIRM
 ‘Tumi está em (dentro da) casa’

Em matsés, assim como em matis, os morfemas {-no} e {-n} expressam referências locativas gerais, porém, essas formas apresentam algumas distinções. Conforme Fleck (2003: 645), construções com o morfema {-n} também expressam referências temporais, como descrito anteriormente, e com o morfema {-no}, são restritas a domínios espaciais. Ademais, conforme Fleck (2003),

A posposição -no também provê orientações locativas gerais, mas difere de -n, no sentido de que -n por padrão significa ‘em/dentro’ quando o Fundo é do tipo contêiner, -no é sempre ambíguo (entre *in* ‘em/de(n)tro’ e *at* ‘em/a’) em relação a orientação específica da Figura com o Fundo, independente da forma do Fundo.¹⁵

O exemplo da língua matsés a seguir demonstra essa ambiguidade com relação ao morfema {-no}:

mcf (Fleck, 2003: 645)

13. cun shubu-no ic-o-sh
 1GEN house-LOC be-PAST-3
 ‘He was in/at my house’
 ‘Ele estava dentro/na casa’

Nessa língua, tanto o morfema {-no} quanto {-n} podem marcar o destino ou a origem da Figura com relação ao Fundo (Fleck, 2003). No entanto, apenas o morfema {-n} implica a chegada ao local, especificado como Fundo (*Ground*), pois de acordo com Fleck (2003); “[...] somente -no pode especificar uma direção sem implicar chegada (ou intenção de chegar) ao local de Fundo, ou origem exatamente no local de Fundo (*Ground location*)”:¹⁶

mcf (Fleck, 2003: 645)

14. cun shubu-no nid-o-sh
 1GEN house-LOC go-PAST-3
 ‘He went to my house’ ‘He went toward my house’
 ‘Ele foi para minha casa’ ‘Ele foi em direção a minha casa’

mcf (Fleck, 2003: 645)

15. cun shubu-n nid-o-sh
 1GEN house-LOC go-PAST-3
 ‘He went to my house’ *‘He went toward my house’
 ‘Ele foi para minha casa’ *‘Ele foi em direção a minha casa’

¹⁵ No original: “The posposition -no also provides general locative orientation, but differs from -n in that while -n by default specifies ‘in/inside’ when the Ground is container-like, -no is always ambíguos (between ‘in’ and ‘at’) with respect to the specific orientation of the Figure to the Ground regardless of the shape of the Ground” (Fleck, 2003: 644-5).

¹⁶ No original: “Only -no can specify a direction without implying arrival (or intention to arrive) at the Ground location, or origin right at the Ground location” (Fleck, 2003: 645).

Em matis, o morfema {-**mi**} indica direção não específica (Ferreira R., 2005: 71). Em geral, esse morfema, que ocorre somente anexado a raízes lexicais referentes a partes do corpo, expressa a perspectiva locativa do emissor no momento do enunciado e caracteriza-se como dêitico espacial, conforme os seguintes exemplos:

mpq (Ferreira R., 2005: 71)

16. mašo-mi pakid-a-ş
 cabeça-DIR.N.ESPEC. cair.do.alto-PASS.REC-3.EXP
 ‘ele caiu de cabeça’

mpq (Ferreira R., 2005: 71)

17. tsitu-mi
 nádegas-DIR.N.ESPEC.
 ‘caiu de nádegas’

18. Tumi-Ø **tai-mi** nun-e-ş
 tumi-ABS pé-LOC.DIR nadar-N.PST-DECL.3.EXP
 ‘Tumi está descendo (o rio)’

19. Tumi-Ø **deşa-mi** nun-e-ş
 tumi-ABS nariz-LOC.DIR nadar-N.PST-DECL.3.EXP
 ‘Tumi está subindo o (rio)’

Em matsés, segundo Fleck, (2003: 646), “the enclitic -mi is the “diffuse location” counterpart of -no.”. O autor descreve que a forma {-mi} pode ser usada nos mesmos contextos gramaticais e semânticos que {-no}, porém, aquele morfema indica que o falante não está certo sobre o local exato da Figura:

mcf (Fleck, 2003: 646)

20. cun shubu-mi ic-o-sh
 1GEN house-LOC be-PAST-3
 ‘He was in/at or near my house’
 ‘Ele estava na ou perto de minha casa’

Com relação às línguas shanenawa (swo), yawanawa (ywn) e kaxinawa (cbs), alguns morfemas locativos apresentam padrões fonológicos comuns, enquanto outros, específicos de cada língua:

swo (Cândido, 2004)
 {-mira} {-kiri}
 {-ani}
 {-anu}

ywn (Paula, 2004)
 {mira} {-kiri}
 {-un} {-n}
 {-ni}

cbs (Montag, 1981)
 {medan} {-kidi}
 {anua} {anuxun} {-ki}
 {anu} {-di}

O sufixo {-*mira*} em shanenawa indica “[...] o caso locativo no sentido de espaço onde outra unidade ou ação referida na sentença pode ser/estar localizada/realizada [...]” (Cândido, 2004: 90):

swo (Cândido, 2004: 91)

21. kaman pişi-mira-ki
cachorro casa-LOC-DECL
‘O cachorro está dentro da casa’

swo (Cândido, 2004: 91)

22. jumaj ni-mira-ki
onça mato-LOC-DECL
‘A onça está no mato’

swo (Cândido, 2004: 91)

23. fari nai-mira-ki
sol céu-LOC-DECL
‘O sol está no céu’

A forma sufixal *-mira* do shanenawa também é descrita em algumas construções da língua yawanawa (Paula, 2004). Em shanenawa, esse morfema realiza-se em sua forma presa (anexada a base lexical nominal que expressa a localidade), característica de uma tipologia morfológica sintética. Por outro lado, conforme os exemplos do yawanawa a seguir, esse morfema realiza-se em sua forma livre, não anexada a uma base lexical, o que, portanto, atribui características de morfologia analítica a essas construções dessa língua:

ywn (Paula, 2004: 141)

24. iskara nu-ika mira iura-hu itja-pa-ma
agora 1P-morada dentro gente-PL muito-ENF-NEG
‘tem pouca gente na aldeia agora’

ywn (Paula, 2004: 143)

25. βari-Ø nai mira mia-ŋi kaian-ma
sol-ABS céu dentro aparecer-SID sair-NEG
‘o sol não apareceu hoje’

ywn (Paula, 2004: 197)

26. aua-Ø uaka mira paki-a
anta-ABS água dentro cair-PAS
‘a anta caiu no rio’

Na língua kaxinawa, análogo à forma *mira* do swo e ywn, a forma locativa *medan* expressa “adentro, dentro de” (Montag, 1981). Com relação as coronais /d, t, n/, no contexto do tepe /t/ em swo e ywn, em cbs ocorre a plosiva /d/, além da presença de uma nasal /n/ em coda final em cbs (Vn#), enquanto em swo e ywn, ocorre uma vogal final (V#). Apesar das

distinções fonológicas entre *medan* e *mira*, em kaxinawa, assim como em ywn, essa forma é descrita conforme uma estrutura morfológica analítica:

cbs (Montag, 1981: 598)

27. bau medan javen pei adumiski
 baúl adentro su dinero guardar-siempre
 ‘Guarda su dinero en su baúl’
 ‘Guarde seu dinheiro em seu baú’

O sufixo {-ani} em shanenawa “[...] indica o destino da direção tomada [...]” (Cândido, 2004: 91) e, portanto, expressa a função alativa:

swo (Cândido, 2004: 91)

28. awin-hu-Ø pişi-ani ka-i-ki
 mulher-INDEF-ABS casa-LOC ir-N.PAS-DECL
 ‘A mulher vai para casa’

swo (Cândido, 2004: 91)

29. awin-hu-Ø Feijó-ani ka-i-ki
 mulher-INDEF-ABS feijó-LOC ir-N.PAS-DECL
 ‘A mulher vai para Feijó’

Em oposição ao caso alativo, que expressa o destino do deslocamento, o caso ablativo expressa a origem da direção, a partir da Figura para o Fundo. Em shanenawa, por exemplo, “[...] o sufixo {-anu} é adicionado ao nome que traduz a origem espacial dessa direção [...]” (Cândido, 2004: 91):

swo (Cândido, 2004: 91)

30. awin-hu-Ø pişi-anu u-a-ki
 mulher-INDEF-ABS casa-LOC vir-PAS-DECL
 ‘A mulher veio de casa’

swo (Cândido, 2004: 91)

31. awin-hu-Ø Feijó-anu u-a-ki
 mulher-INDEF-ABS feijó-LOC vir-PAS-DECL
 ‘A mulher veio de Feijó’

O kaxinawa é descrito com as seguintes formas locativas: *anu* ‘a, hacia, en’; *anua* [intransitivo] e *anuxun* [transitivo] ‘en, de, desde’ (Montag, 1981: 595-596). Conforme essa autora, as duas últimas formas se distinguem pela função intransitiva de *anua* e transitiva de *anuxun*:

cbs (Montag, 1981: 596)

32. javen jive anua mavaxinaki (intransitivo)
 su casa estando-en morir
 ‘El murió estando en su casa ayer’
 ‘Ele morreu enquanto estava em sua casa ontem’

cbs (Montag, 1981: 596)

33. San Marcos anuxun ae xaxu va-xun-xinabuki (transitivo)
 san marcos estando-en mi canoa hacer-BEN-ayer-PL
 ‘Ellos hicieron ayer una canoa para mí estando en San Marcos’
 ‘Ontem eles fizeram uma canoa para mim em São Marcos’

cbs (Montag, 1981: 595)

34. javen bai anu dayaikiki
 su chacra en trabajar
 ‘Está trabajando en su chacra’
 ‘Está trabalhando em seu rancho’

cbs (Montag, 1981: 595)

35. Esperanza anu kaikiki
 esperanza a ir
 ‘Está yendo a Esperanza’
 ‘Está indo para Esperanza’

Na língua yawanawa, os seguintes marcadores locativos indicam o lugar onde ocorre a ação verbal: {-un}, realizado também com a nasalização da última vogal do radical, e {-ni}, ambos descritos como variação livre (Paula, 2004: 144-5):

ywn (Paula, 2004: 144)

36. tuiku iui-un ina-Ø
 macaco árvore-LOC subir-N.PAS
 ‘o macaco sobe na árvore’

ywn (Paula, 2004: 144)

37. βaki-hu-hu pani-n ufa-Ø-hu
 criança-HUM-PL rede-LOC dormir-N.PAS-PL
 ‘os meninos dormem na rede’

ywn (Paula, 2004: 145)

38. ipu-ni putu
 amargo-LOC pó
 ‘café’

Em geral, além das especificidades formais e funcionais dos morfemas apresentados acima, todos eles modificam elementos nominais, indicam uma referência locativa (espacial e/ou inclusão), e sua estrutura fonológica caracteriza-se pelo traço soante, realizado na forma das consoantes nasais labial /m/ e coronal /n/; *-mira*, *-medan*, *-ani*, *-anu*, *anua*, *anuxun*, *un*, *n*, *ni*. Em comparação a esses morfemas, nessas línguas, as seguintes formas locativas, diferente

dos segmentos nasais, caracterizam-se pela presença do traço obstruinte, realizado na forma das consoantes descontínuas /k/ e /d/, em cbs: *-kidi*, *-ki*, *-di*; e, no contexto de /d/ em cbs, realizado como tepe /t/, em swo e ywn: *-kiri*.

Com relação ao sufixo nominal {-kiri} na língua shanenawa, conforme Cândido (2004: 92): “O sufixo {-kiri} aparece como alternativa para marcar tanto o locativo de origem quanto o de destino. Contudo, ao contrário de {-ani} e {-anu}, esse sufixo nunca é adicionado ao nome **piši** ‘casa’, bem como a nomes de cidades e aldeias.”:

swo (Cândido, 2004: 92)

39. jumaj-Ø ini-kiri ka-a-ki
 onça-ABS rio-LOC ir-PAS-DECL
 ‘A onça foi para o rio’

swo (Cândido, 2004: 92)

40. jumaj-Ø ini-kiri u-a-ki
 onça-ABS rio-LOC vir-PAS-DECL
 ‘A onça veio do rio’

swo (Cândido, 2004: 92)

41. kaman-Ø piši ni-kiri u-a-ki
 cachorro-ABS casa mato-LOC vir-PAS-DECL
 ‘O cachorro veio do mato para casa’

De acordo com Cândido (2004: 93), o marcador {-kiri} pode substituir os sufixos direcionais {-ani} e {-anu}. Ademais, essa substituição também pode ocorrer com o uso do sufixo {-mira}, a exemplo da raiz *ni* ‘mato’, base que recebe os sufixos {-kiri} e {-mira}. Nesse caso, a construção *ni-kiri* ‘mato-LOC’ apresenta função direcional, seguida do verbo de movimento *u* ‘vir’, enquanto *ni-mira* ‘mato-LOC’ expressa a função de inclusão, ou que indica ‘dentro de’, restrita aos morfemas soantes. Na comparação do shanenawa com a língua yawanawa, a mesma distinção morfológica da forma *mira* (em swo, como morfema preso e em ywn, como morfema livre) ocorre com relação à forma *kiri*:

ywn (Paula, 2004: 143)

42. nu-n-hin atsa kiri katan-ſinna
 nós-ERG-FOC macaxeira lá [LOC] ir-PAS1
 ‘nós mesmos fomos lá na roça ontem’

A língua kaxinawa é descrita com as formas locativas {-ki} ‘en’, ‘a’, ‘de’, {-di} ‘dirección’ e {-kidi} ‘dirección’, ‘hacia’, ‘acerca de’ (Montag, 1981). Esses morfemas expressam, geralmente, função locativa direcional e afixam-se tanto a elementos nominais quanto pronominais:

cbs (Montag, 1981: 596)

43. kukiki nami ba nanexuki
 canasta-en carne cocida carga-hoy
 ‘Puso la carne cocida en una canasta hoy’
 ‘Colocou a carne cozinha na cesta hoje’

cbs (Montag, 1981: 597)

44. nekedi juve
 este-lado venir-imper
 ‘Vem a este lado’
 ‘Venha a este lado’

cbs (Montag, 1981: 597)

45. ukedi bukanven
 otro-lado ir-pl-imper
 ‘Vayan al otro lado’
 ‘Vá para o outro lado’

cbs (Montag, 1981: 597)

46. nukukidi yuinamemisbuki
 nosotros-sobre decir-refl-siempre-pl
 ‘Ellos hablan acerca de nosotros’
 ‘Eles falam sobre nós’

cbs (Montag, 1981: 597)

47. badi juaikidi kaikiki
 sol viene-direc ir
 ‘Está viajando al este’
 ‘Está viajando para o leste’

A respeito dos segmentos consonantais, o mesmo padrão das coronais /t/ e /d/ da forma *-mira*, em shanenawa e yawanawa, em comparação com *-medan*, em kaxinawa, ocorre com a forma *-kiri*, em swo e ywn, em relação à forma *-kidi*, em cbs (swo [m] [r]; ywn [m] [r]; cbs [m] [d]). No esquema a seguir, são apresentas as formas locativas dessas línguas conforme a presença, em segmentos consonantais, do traço obstruinte, na forma das consoantes descontínuas /k/ e /d/, em cbs, e, por outro lado, de um traço soante, realizado na forma das consoantes nasais /m/ e /n/ (swo [k] [r]; ywn [k] [r]; cbs [k] [d]):

	Obstruinte	Nasal
swo	{-kiri}	{-mira} {-ani} {-anu}
ywn	{kiri}	{mira} {-un} {-n} {-ni}
cbs	{-kidi} {-ki} {-di}	{medan} {anu}

Em termos tipológicos gerais, com base nos dados consultados dessas línguas, os morfemas locativos da categoria das obstruintes ocorrem anexados a itens nominais e, em kaxinawa, também a pronominais, enquanto os morfemas das soantes são descritos somente

em construções de bases nominais. Ademais, é interessante notar que os morfemas de ambas as categorias expressam as funções ‘espacial’ e ‘direcional’, e, no entanto, somente os morfemas da categoria das soantes expressam a função ‘inclusão’.

Com relação às línguas shipibo-konibo (shp), katukina (kat) e wariapano (pno), o morfema locativo comum a esses idiomas caracteriza-se essencialmente pela presença do traço nasal {-n} e {-no}. Ademais, o shipibo-konibo é descrito com maior diversidade de formas e funções locativas:

shp (Valenzuela, 2003)	pno (Navarro, 1903)
{-n} {-no}	{-no}
{-ain} {-nko} {-ainko}	
{-ainoa} {-nkonia} {-ainkonia}	
{-mea} {-kea} {-meran}	

A língua shipibo-konibo é descrita com morfemas locativos direcionais e suas variações fonológicas condicionam-se pelo emparelhamento de moras, a exemplo dos seguintes morfemas alativos: {-ain} [*odd-numbered moras*]; e {-nko} ~ {-n} ({{-ainko} em nomes derivados) [*even-numbered moras*]. Em termos gerais, conforme a autora, essas formas alativas derivam morfemas ablativos: {-ainoa}; {-nkonia}; {-ainkonia}; e {-mea}; {-kea} (Valenzuela, 2003: 227-228).

Nessa língua, a forma *-meran* indica inclusão, ‘*inside*’ (Valenzuela, 2003: 228), e em comparação com a forma do kaxinawa *-medan*, apresenta a mesma estrutura fonotática, com a diferença segmental somente da forma consonantal coronal, em posição silábica de ataque medial (-meCan). Nesse sentido, diferente da consoante plosiva /d/ do cbs, a forma do shp realiza-se com a consoante /r/, análoga a forma das línguas swo e ywn *-mira*.

As demais formas locativas do shipibo-konibo referem-se ao morfema {-n}, essencialmente nasal; e ao morfema {-no}, constituído da consoante nasal seguida de vogal. De acordo com Valenzuela (2003), esses sufixos locativos expressam as seguintes funções: o morfema {-n}, função temporal e espacial; e o morfema {-no}, anexado a itens pronominais, indica a função locativa-alativa:

shp (Valenzuela, 2003: 225)					
48.	rominko	nete-n-ra	nashi-a	iki	waste-n
	sunday	day-TEMP-EV	bathe-PP2	aux	piripiri-MNS
	rama-n	xobo-n			
	rama-GEN	house-LOC			
	‘On Sunday (s)he bathed with <i>piripiri</i> in Rama’s house’				
	‘No domingo, ele(a) se banhou com <i>piripiri</i> na cada de Rama’				

shp (Valenzuela, 2003: 227)

49. ne-no
 PROX-LOC/ALL
 ‘here’
 ‘aqui’

shp (Valenzuela, 2003: 227)

50. jawe-ra-no
 what-ra-LOC/ALL
 ‘where’
 ‘onde’

Em wariapano, o morfema que expressa referência locativa é descrito na forma {-no}, com base na descrição de Navarro (1903) e Gomes (2010). Apesar da presença de uma vogal, nesta língua, esse morfema também expressa funções espacial e direcional:

pno (Navarro, 1903: 200; Gomes, 2010: 43)

51. Jahueta mi-n bueru-no
 qu- 2SG-GEN olho-LOC
 ‘¿Que cosa tienes en tu ojo?’
 ‘Que coisa tem em seu olho?’

pno (Navarro, 1903: 199; Gomes, 2010: 43)

52. Jahuaita domingo-bo-ni trisagio-no jui-ma
 qu- domingo-PL-PROG trisagio-LOC vir-NEG
 ‘¿Por que no viener al trisagio los domingos?’
 ‘Por que não vem ao triságio aos domingos?’

Com relação à língua kashibo-kakataibo (cbr), seus morfemas locativos apresentam estrutura fonológica análoga aos do shipibo-konibo, em especial as formas *-n* e *-no*, cujos morfemas também são descritos em matis e matsés. Sobre o caso locativo da língua kaxarari (ktx), apesar da ausência de análises gramaticais específicas dessa língua, de acordo com Oliveira (2014), sua função é expressa com a nasalização da última vogal da base, e sua forma é representada a seguir como segmento nasal coronal:

cbr (Zariquiey, 2011)

- {=n} {=nu(=ax)}
 {=mi(ki)} {=u(ki)}

ktx (Oliveira, 2014)

- {-n}

Em kashibo-kakataibo, conforme Zariquiey (2011), a ênclise {=n} expressa locação temporal. Segundo o autor, no exemplo seguinte, “[...] =n parece marcar locação temporal, o que modifica o NP *bëri nētë* ‘dia atual’”:¹⁷

¹⁷ No original: “=n appears marking temporal location, modifying the NP *bëri nētë* ‘current day’” (Zariquiey, 2011: 314).

cbr (Zariquiey, 2011: 314)

53. ‘ainbi bëri nëtë=n kananuna [...]

but(DS/A/O) current day-TEMP NAR.1PL

‘But, nowadays, eating (other things) [...]’

‘Mas, atualmente, comendo (outras coisas) [...]’

O morfema {=nu} do kashibo-kakataibo, que se realiza na forma da consoante nasal =n em canções tradicionais, é descrito como marcador locativo que expressa função espacial, em construções com o verbo ‘ikën ‘be’ (ser/estar), ou direcional, com o verbo *nukut* ‘arrive’ (chegar) (Zariquiey, 2011: 318-9):

cbr (Zariquiey, 2011: 319)

54. ain monumento sapika Pucallpa=nu ‘ikën

3sg=GEN statue DUB.NAR.3p pucallpa=LOC be.3p

‘I think the there is a statue of him in Pucallpa’

‘Eu acho que existe uma estátua dele em Pucallpa’

cbr (Zariquiey, 2011: 319)

55. uax ka Yarinacocha=nu nukut-akë-x-a

come-S/A>S NAR.3p Yarinacocha=LOC arrive-REM.PAST-3p-nom.prox

‘Coming, they arrived at Yarinacocha’

‘Vindo, eles chegaram em Yarinacocha’

Em contraposição à função direcional alativa, nessa língua, a função ablativa é expressa com a adição da forma =ax ‘Participant agreement:S’ (concordância de participante com S) ao morfema =nu:

cbr (Zariquiey, 2011: 320)

56. u-ru-tankëx ka Pucallpa=nu=ax atsin-tankëx

come-up-S/A>S(E) NAR.3p pucallpa=LOC=PA:S enter-S/A>(PE)

anu u-akë-x-a

there come-REM.PAST-3p-nom.prox

‘Coming up, entering from Pucallpa, they came there’

‘Vindo de Pucallpa, eles chegaram’

Conforme Zariquiey (2011), em kashibo-kakataibo, as formas =mi(ki) e =u(ki) expressam localização espacial ou direcional imprecisa. Segundo o autor, ambos os morfemas monossilábicos =mi e =u expressam função espacial, mas somente as formas =miki e =uki expressam função direcional. Ademais, com relação ao centro dêitico desses morfemas, as formas monossilábicas =mi e =u expressam a referência locativa com relação a sua proximidade com o destinatário da enunciação, enquanto =miki e =uki expressam a referência com relação a sua direção ao falante (Zariquiey, 2011: 320-3):

=mi	‘locação imprecisa (<u>não próximo do receptor</u> [centro dêitico])’
=miki	‘direção imprecisa (<u>em direção ao enunciador</u> [centro dêitico])’
=u	‘locação imprecisa (<u>próximo do receptor</u> [centro dêitico])’
=uki	‘direção imprecisa (<u>não em direção ao enunciador</u> [centro dêitico])’

Sobre o kaxarari, o caso locativo dessa língua é expresso com a “[...] nasalização da vogal final de palavras [...]” (Oliveira, 2014: 381), representado com o traço nasal {~}, sobre a vogal final (conforme descrito pelo autor):

ktx (Oliveira, 2014: 382)

57.	i	kadeirãuša-tu
	1SG.ABS	cadeira:LOC dormir-CMPL
		‘eu dormi na cadeira’

ktx (Oliveira, 2014: 382)

58.	i	wahĩ	pili-tu
	1SG.ABS	roça:LOC	pernoitar-CMPL
			‘eu dormi (pernoitei) na roça’

Na presente seção, as formas e funções locativas de um grupo de línguas Pano foram, em geral, descritas e comparadas. Basicamente, essas formas correspondem ao CASO LOCATIVO e as funções, as seguintes características descritivas:

- (i) ESPACIAL (INCLUSÃO/SUPERFÍCIE) E/OU TEMPORAL;
- (ii) DIRECIONAL (ALATIVO/ABLATIVO).

Nos parágrafos seguintes, algumas características tipológicas e históricas desses morfemas são apresentadas. Antes disso, logo abaixo, as funções e as formas dos morfemas que indicam caso locativo são apresentadas, no conjunto das 10 línguas descritas anteriormente (mpq, mcf, kat, ktx, pno, shp, cbr, swo, ywn e cbs):

Quadro 6. Distribuição das formas e funções locativas em línguas Pano

	inclusão	locativo	temporal	espacial	direcional	superfície	alativo	ablativo
mpq	{=n}		{-miduk}		{-no}, {-uki}, {iki}		{-mi} 'restrito a partes do corpo'	
mcf			{-n} {-mi} {-no}					
ktx		{-n}						
pno				{-no}				
shp	{-meran}	{-mea} {-kea}	{-n}				{-no}, {-ain}, {-nko}, {-ainko}	{-ainoa}, {-nkonía}, {-ainkonía}
cbr			{=n}	{=nu}, {=mi}, {=u}	{=miki}, {=uki}			{=ax}
ywn	{mira}	{-n}, {-ni}, {-un}			{-kiri}			
swo	{-mira}						{-ani}	{-anu}
cbs	{medan}	{anu}			{-kidi}, {-di}, {-ki}			

Em princípio, a categoria geral [espacial], composta de [inclusão] e [superfície], é descrita como função dos morfemas {=nu}; {=mi} e {=u} em cbr; {-no} e {-mi} em mcf; {-no} em pno; e {-n} em shp. Além da função espacial representar uma característica de todos esses morfemas, o sufixo {-no} em mcf, mpq e pno também apresenta a função direcional. Em geral, esses morfemas (em mcf, mpq, pno, shp, cbr, com adição do ktx) são caracterizados como segmentos soantes que indicam funções espaciais, apesar de também indicarem funções direcionais e temporais. Ademais, o traço [temporal] é descrito como função do morfema {-n} em mcf, shp e cbr. Em contraste com a espacial, a categoria [direcional], apesar de também apresentar característica mais geral visto que é composta de [alativo] e [ablativo], ocorre na descrição de diversas formas de várias línguas, a exemplo de mcf, mpq, cbr, ywn, swo e cbs.

A respeito da categoria espacial, o morfema {-n}, além de indicar função temporal, também expressa [inclusão] em mpq e mcf, assim como os morfemas dissilábicos {-meran} em shp; {-mira} em ywn e swo; e {medan} em cbs. Em matis, a função que expressa [superfície] é indicada com o uso do morfema {-no}. Ademais, essa forma {-no} também indica função [direcional], assim como em mcf e pno. Em geral, a consoante nasal {-n} em matis e matsés indica inclusão, e {-no}, direção. Em shipibo-konibo, conforme Valenzuela (2003), o morfema {-no} possui forma mais arcaica que o morfema nasal {-n}:

[...] em seu “Idioma Schipibo” Armentia (1898: 61) registrou como entrada o sintagma *hema-no putaqui* [fora-LOC/ALL lançar] ‘mandar alguém para fora’, em que o locativo-alativo é *-no* invés de *-n* como seria o caso na língua atual. Portanto, há evidência suficiente para postular que *-no* invés de *-n* foi o marcador locativo-alativo geral em SK, e que a fusão do alativo-locativo, ergativo etc. é uma inovação.¹⁸

Nesse sentido, se o morfema {-n} deriva de {-nV}, é provável que a função [inclusão] tenha sido derivada da função [alativo] (inclusão < alativo), ou em termos de classes mais gerais, a categoria [espacial] deriva-se da categoria [direcional] (espacial < direcional). Sobre as formas que indicam ‘direção’, os morfemas constituídos de consoantes plosivas expressam essa função, a exemplo de {-kiri} em swo e ywn; {-kidi}/{-ki} em cbs; e {=miki}/{=uki} em cbr. Em shipibo-konibo, a função [alativo] (*-ain*, *-nko*, *-ainko*) deriva a função [ablativo] (*-ainoa*, *-nkonía*, *-ainkonía*), em contraste ao shanenawa, cuja forma *-ani* indica alativo e *-anu*, ablativo. Portanto, o morfema nasal {-n} [inclusão/temporal] deriva do morfema {-nV}

¹⁸ No original: “In his “Idioma Schipibo” Armentia (1898:61) registered as entry the frase *hema-no putaqui* [out-LOC/ALL throw] ‘to send somebody outside,’ where the locative-allative is *-no* rather than *-n* as would be the case in the presente-day language. Therefore, there is enough evidence to posit that *-no* rather than *-n* was the previous general locative-allative marker in SK, and that the allative-locative, ergative, etc. conflation is an innovation” (Valenzuela, 2003: 227).

[alativo], com base em Shell (1985), por meio de apócope e nasalização, por desvozeamento e/ou fusão de vogais finais, antecedidas de consoantes contínuas: (=n < =nV).

2.1.2 Derivação de clíticos locativos referentes a partes do corpo

Além das ênclises que indicam casos locativos, muitas línguas Pano são descritas com um grupo de morfemas monossilábicos referentes a Partes do Corpo (PC) que, anexados à esquerda de verbos, expressam referências espaciais, como locativas. Em adição a essa função locativa, o uso desses morfemas especifica a parte (do corpo) de um possuidor, em uma relação possessiva. Em matis, em adição aos radicais compostos de mais de uma sílaba, a exemplo de *ana* ‘língua’ e *difan* ‘nariz’, os clíticos, anexados à esquerda de verbos transitivos, constituem-se de próclises monossilábicas, cujas formas geralmente correspondem a primeira sílaba do radical, e indicam o local da parte do corpo de um referente animado (59), ou inanimado e metafórico (60), geralmente, em função de objeto direto:

59. **inbi** **wapa-Ø** **an=sek-a-k**
 1.SG.ERG.ENF cachorro-ABS língua=furar-PST.REC-DECL
 ‘eu furei a boca do cachorro’
60. **minbi** **Tumi=n** **nunte-Ø** **di=podkan-a-k**
 2.SG.ERG.ENF tumi=GEN canoa-ABS nariz=quebrar-PST.REC-DECL
 ‘você quebrou a proa da canoa do Tumi’ [**di=** ‘nariz/proa (parte.anterior)’]

Essas construções com esses morfemas monossilábicos em função locativa em línguas da família Pano, cuja ocorrência é mais frequente do que as construções com radicais (61), têm sido descritas com mais detalhes em línguas como o matsés, (Fleck, 2006); shanenawa (Ribeiro e Cândido, 2008); iskonawa (Rodríguez, 2015); e kashibo-kakataibo (Zariquiey e Fleck, 2012), assim como os resultados de análises apresentadas em dissertações, teses, dicionários e listas de palavras (Aguiar, 1994; Barbosa, 2012; Hyde, 1980; Loos, H. e Loos, E., 1973; Montag, 1981; Navarro, 1903; Scott, 2004; Sousa, 2004; Valenzuela, 2003; Zingg, 1998). Em geral, debate-se nesses trabalhos a caracterização desses morfemas monossilábicos ou como variações sincrônicas dos radicais, derivadas de composição/incorporação; ou, em adição aos radicais nominais, como morfemas presos/prefixos nominais, adjetivais e verbais.

Apesar do debate sobre o caráter de afixação ou composição desses morfemas ou radicais, com base em Barbosa (2012), aspectos como o uso mais frequente dos elementos monossilábicos em relação aos radicais, a redução silábica da palavra, e as funções locativas e possessivas marcadas por esses morfemas indicam a gramaticalização de uma unidade lexical, como as raízes referentes a parte do corpo, para um elemento gramatical, com a formação de

próclises que se anexam a verbos transitivos. Essas próclises ocorrem, a exemplo da língua matsés (assim o cbr, mpq e swo), sobretudo, com os verbos *kues* ‘bater’; *pan* ‘lavar’; e *tadid* ‘cortar’. Em matis, os seguintes verbos são usados, geralmente com significado metafórico do clítico: *tsad* ‘sentar’; *tane* ‘enrolar’; e *tfife* ‘cavar’ (Barbosa, 2012: 24-26).

Dentre os morfemas monossilábicos referentes a partes do corpo, em mpq e mcf por exemplo, a forma que ocorre com a maior diversidade de radicais verbais é a vogal baixa seguida da consoante nasal *an* ‘língua’. Além do significado lexical, esse clítico expressa uma orientação espacial do tipo contêiner, normalmente derivada do significado literal da raiz (‘parte.interna’ < ‘língua’), que se relaciona a um referente possuidor inanimado (*nunte* ‘canoa’, por exemplo), em função de objeto direto. Com isso, como apresentado nos seguintes exemplos da língua matis, a ênclise nominal em função locativa {=n} LOC é resultado da gramaticalização do morfema *ana* ‘língua’, que por meio da metáfora de orientação espacial (dêitica) também expressa o significado funcional ‘parte.interior’:

61. *nikid*=n *Kwea*-Ø *nunte*-Ø *ana*=no *tsadun*-kid
 3.PROX=ERG *kwea*-ABS canoa-ABS língua-LOC colocar.sentado-PRS.HAB
 ‘ele sempre coloca o Kwea sentado exatamente dentro da canoa’ [enfático]

62. *Bushe*=n *Kwea*-Ø *nunte*-Ø *an*=*tsadun*-a-ş
 bushe=ERG *kwea*-ABS canoa-ABS língua=colocar.sentado-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Bushe colocou o Kwea sentado dentro da canoa’

mpq (Ferreira R., 2005: 101)

63. *Rogeru*-n *papi* *nunte*=n *tsadun*-a-ş
 rogério-ERG menino canoa=LOC colocar.sentado-PASS.REC-3.EXP
 ‘O Rogério colocou o menino sentado na canoa’

Em matis, com base na mudança do morfema nasal {=n} [inclusão] que provém da fusão da vogal com a consoante nasal do morfema {=nV} [alativo] (=n < =nV), proponho que a proto-forma desta forma corresponda ao morfema *na* [inclusão/alativo], posposto à raiz *Ca* ‘língua’ (C = consoante). Em comparação à proposta de reconstrução da proto-forma referente a ‘língua’ por Shell (1985: 122) que corresponde a forma **ana*, e por Oliveira (2014: 405), **hana*, sugiro que essa forma seja representada como **Cana*. Nessa proto-forma, o primeiro segmento era realizado por uma consoante obstruinte, que mudou provavelmente devido à redução silábica de radicais lexicalizados (*ana* < **Cana* < **Ca-na*). Atualmente, na maioria das línguas da família Pano, a raiz referente a ‘língua’ é descrita conforme as seguintes formas morfológicas presas e livres (segmentadas):

Quadro 7. Formas morfológicas referentes a parte do corpo ‘língua’ em línguas Pano¹⁹

mpq	mcf	cbr	cbs	shp	ktx	swo
{an-} a-na	{an-} a-na	{an-} a-na	{ha-} ha-na	{jan-} ja-na	ha-na	{a-} a-na
kat	pno	isc	amc	cao	kap	mcd
a-na	ha-na	{an-} a-na	{jan-} ja-na	{ha-} ha-na	{ja-} ja-na	{a-} a-na

De acordo com a discussão apresentada anteriormente e com base na comparação dos morfemas presentes no quadro 7 (*ana*, *hana* e *jana*), proponho a proto-forma **Cana* ‘língua’. Conforme esse quadro, a consoante nasal descrita nos morfemas presos {an-} e {jan-}, que geralmente nasalizam a vogal [ã-] e [jã-], é resultado do processo de fusão desse traço nasal, a partir do morfema *-na*. Sendo assim, seguindo essa proposta de reconstrução, o processo de mudança dessa proto-forma nas línguas Pano consiste na seguinte representação básica: {an/ã=} < *Cana* > {=nV} > {=n/~}. Nesse sentido, em princípio, proponho que os clíticos, ênclises verbais (ã=[radical.verbal]) e próclises nominais ([radical.nominal]=~), derivam da gramaticalização de elementos e construções, formadas por raízes monossilábicas referentes a partes do corpo, que se estruturam em diferentes níveis (camadas/estratos) lexicais (verbais e nominais) e gramaticais (casos locativo, genitivo, instrumental e ergativo).

2.2 Morfologia de casos oblíquos em função de argumento interno

2.2.1 Funções casuais de morfemas monossilábicos de partes do corpo

A expressão da categoria de posse inalienável tem sido descrita como inexistente em línguas da família Pano, a exemplo do matis (Ferreira R., 2005: 71), shanenawa (Cândido, 2004: 95) e shawanawa (Souza, 2012: 61). Com base na comparação de propriedades tipológicas e funcionais dessa categoria com construções possessivas do matis, esta seção descreve se essa língua apresenta algum tipo de posse inalienável. Em termos tipológicos, a categoria de posse inalienável geralmente envolve as seguintes características básicas:

- (a) É restrita à posse atributiva, em oposição a posse predicativa;
- (b) Requer menos elementos morfológicos e fonológicos;

¹⁹ **mpq** *ana* ‘língua, parte interna “boca”’ (Ferreira, R., 2005: 100), ‘interior’ (Ferreira, V., 2005: 85) **mcf** *anmaësh* ‘gill slits (of fish)’; *anshantuk* ‘swampy depression in the ground’ (Fleck, 2006: 64); **cbr** *manshanta* ‘palate’; *namé* ‘interior of a cavity’; *namé* (postposition) ‘inside’; *kini* ‘(elongated) hole’ (Zariquiey e Fleck, 2012: 390); **cbs** *jana* ‘lengua, himen (cualquier parte saliente dentro en la chacra; allá cantan mucho) “j es más suave que la j castellana.” (Montag, 1981: 11, 134); **shp** (Valenzuela, 2003: 207); **ktx** Sousa (2004: 121); **swo** (Ribeiro e Cândido, 2008: 136); **kat** (Aguiar, 1994); **pno** *jana* ‘[...] la j la pronuncian unas veces flerte, y otras tan aspirada que parece la h castellana’ (Navarro, 1903: 48, 175); **isc** *ahpé* ‘maxilar’; *tahpé* ‘cara interna de las majillas’ (Rodríguez, 2015: 48); **amc** (Hyde, 1980: 147); **cao** *jana* ‘abertura, boca, lengua’ ‘j (h)’ (Zingg, 1998: 1, 7); **kap** *jana* ‘lengua, boca’ *jan-* ‘por la boca’ (Loos, H. e Loos E., 1973: 224, 657); **mcd** *ana*, *anan* ‘lengua’ (Scott, 2004: 19).

- (c) Inclui termos de parentesco e partes do corpo;
- (d) Envolve maior relação estrutural entre o possuidor e o possuído;
- (e) Apresenta uma construção mais antiga que a posse alienável;
- (f) Consiste de uma classe fechada e a posse alienável, de uma classe aberta.

(Nichols, 1986, 1992; Heine, 1997)

A partir desses aspectos tipológicos, construções possessivas referentes a partes do corpo em matis são descritas e comparadas com de outras línguas da família Pano, a fim de analisar essas características nessas línguas, assim como seu desenvolvimento do protopano. Conforme os seguintes exemplos de posse predicativa em matis, os elementos nominais possuidor e possuído são relacionados como parte da oração por meio das cópulas *ia* (64-65) e *ik* (66). Nessa língua, além dessa indicação relacional da cópula, a relação possessiva também pode ser indicada apenas por meio da justaposição do possuidor seguido do item possuído (67), ou ainda, com o item possuído seguido do possuidor, marcado com o caso genitivo {=na} (68-70), conforme os seguintes exemplos:

kat (Aguiar, 1994: 198)

64. $\text{\textcircled{S}}$ ai tai ani-pa ia
 tamanduá pé grande ter
 ‘O tamanduá tem pé grande’

kat (Aguiar, 1994: 184)

65. β unsi yami ra β i ia
 Vunzi filho dual ter
 ‘Vunzi tem dois filhos’

mpq (Ferreira, R. 2005: 96)

66. inden Dani- \emptyset ma $\text{\textcircled{S}}$ akete pid-tap ik-bo- $\text{\textcircled{S}}$ nibi wisu
 antes dani-abs cabelo vermelho-enf cop-pass.n.rec-3.exp hoje preto
 ‘Antes a Dani tinha cabelo vermelho, hoje é preto’

67. nibi **Tumi- \emptyset** **tawa- \emptyset** abi
 hoje Tumi-ABS flecha-ABS PART.AFIRM
 ‘atualmente, Tumi possui uma flecha’

68. akid- \emptyset **tawa- \emptyset** **Tumi=na**
 DEM.PROX.R-ABS flecha-ABS tumi=3.GEN
 ‘essa flecha é do Tumi’

69. **tawa- \emptyset** **nikid=na**
 flecha-ABS 3.POSS=3.GEN
 ‘(essa) flecha é dele’

70. \emptyset **Tumi=na**
 3.ABS tumi=3.GEN
 ‘(a flecha) é do Tumi’

Com relação a função do morfema genitivo {=na} ‘3.GEN’, a forma da vogal gramaticalizada [-a] faz referência a categoria de terceira pessoa, possuidor do item não marcado; *tawa* ‘flecha’. Este item, em contextos interrogativos, a exemplo da pergunta; *tsuna tsine?* (apontando para a referência) ‘De quem é (isso)?’, pode ser omitido (Ø) e sua referência indicada no caso genitivo anexado ao possuidor {Tumi=na}. Nessa língua, ao contrário da posse predicativa, cujo elemento possuidor, marcado com a forma genitiva de terceira pessoa {=na}, segue o item possuído, na posse atributiva, é este item que segue o elemento possuidor, marcado no caso genitivo {=n}, conforme os exemplos a seguir:

71. **Tumi=n** **tidinte-Ø** **iwi**
 tumi=GEN zarabatana-ABS pesado
 ‘A zarabatana do Tumi é pesada’
72. **Kwea=n** **nikid-bo=n** **wapa-Ø** **ud-a-ş**
 kwea=ERG 3.PROX-PL=GEN cachorro-ABS furar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Kwea furou o cachorro deles’
73. **minbi** **Tumi=n** **maşku-Ø** **peme-a-k**
 2.SG.ERG.ENF tumi=GEN irmão.mais.novo-ABS alimentar-PST.REC-DECL
 ‘você alimentou o irmão mais novo de Tumi’

Nos exemplos de posses atributivas da língua matis acima, os elementos nominais possuidores são marcados com o caso genitivo {=n}, e os elementos possuídos dessas construções referem-se a referências instrumentais *tidinte* ‘zarabatana’; domésticas *wapa* ‘cachorro’; ou de parentesco, como *maşku* ‘irmão mais novo’. Ademais, em oposição a esse padrão de marcação de caso genitivo (descrito com mais detalhes em (2.2.2)), elementos nominais possuidores, cujos itens possuídos monossilábicos fazem referência a partes do corpo, ocorrem em sua forma de citação, e são representados com caso absoluto, de acordo com os seguintes exemplos:

74. **Kwea=n** **Tumi-Ø** **di=sik-a-ş**
 kwea=ERG tumi-ABS nariz=pintar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Kwea pintou o nariz de Tumi (Tumi no seu nariz)’
75. **Tumi=n** **akid-Ø** **ma=şik-a-ş**
 tumi=ERG 3.PROX.R-ABS cabeça=lavar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tumi lavou a cabeça dele (ele na sua cabeça (do cachorro))’
76. **wapa=n** **Ø** **ta=pe-a-ş**
 cachorro=ERG 3.ABS pé=morder-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘o cachorro mordeu a pata (da queixada) ((a queixada) na sua pata)’

Os morfemas referentes a partes do corpo em línguas da família Pano têm sido descritos com mais detalhes em línguas como o matsés, (Fleck, 2006); shanenawa (Ribeiro e Cândido, 2008); iskonawa (Rodríguez, 2015); e kashibo-kakataibo (Zariquiey e Fleck, 2012), assim como os estudos de Barbosa (2012); Fleck (2006); Ribeiro e Cândido (2008); Zariquiey e Fleck (2012), que descrevem aproximadamente 30 formas monossilábicas partes do corpo em cada língua. Em suma, essas formas se anexam geralmente a nomes, adjetivos e, sobretudo, a verbos transitivos, e são descritas aqui fundamentalmente como clíticos derivados historicamente da gramaticalização de raízes referentes a partes do corpo. Em adição a função locativa desses morfemas monossilábicos, eles também expressam uma relação possessiva, e caracterizam-se como morfemas fusionais.

Em matis, como nas demais línguas Pano, essa função possessiva pode ser indicada com o uso da raiz referente a parte do corpo seguida da ênclise locativa {=no}. Geralmente, essas raízes são usadas com o fim de expressar, com ênfase, pontos locativos mais específicos (a parte do corpo ‘X’ e não outra), em comparação às próclises que expressam referências locativas mais abstratas e gramaticais. Nesse sentido, diferente de variantes formadas por meio de redução sincrônica, esses morfemas relacionam-se como resultado de sua derivação histórica (‘clítico’ < ‘composição’ < ‘raiz’). Ademais, conforme os falantes matis consultados, construções com raízes são usadas notavelmente com menos frequência do que construções com os clíticos monossilábicos, tanto em função de objeto (77-80), como, por vezes no corpus consultado, de sujeito intransitivo (80-81):

77. wapa=n **tfawa-Ø** **tai=no** pe-a-ş
cachorro=ERG queixada-ABS pé=LOC morder-PST.REC-DECL.3.EXP
‘o cachorro mordeu exatamente na pata da queixada (a queixada na sua pata)’
78. wapa=n **tfawa-Ø** **ta=pe-a-ş**
cachorro=ERG queixada-ABS pé=morder-PST.REC-DECL.3.EXP
‘o cachorro mordeu a pata da queixada (a queixada na sua pata)’
79. **Kwea=n** **ibi** **titun=no** sik-a-ş
kwea=ERG 1.SG.ABS.ENF pescoço=LOC pintar-PST.REC-DECL.3.EXP
‘Kwea pintou exatamente no meu pescoço (me pintou no pescoço)’
80. **Kwea=n** **ibi** **ti=sik-a-ş**
kwea=ERG 1.SG.ABS.ENF pescoço=pintar-PST.REC-DECL.3.EXP
‘Kwea pintou no meu pescoço (me pintou no pescoço)’
81. **Tumi-Ø** **mikin=no** te-ad-a-ş
Tumi-ABS mão=LOC cortar-PST.REC-DECL.3.EXP
‘Tumi cortou exatamente no dedo’

82. **Tumi-Ø** **mi=te-ad-a-ş**
 Tumi-ABS mão=cortar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tumi cortou no dedo’

Além da relação dos morfemas monossilábicos presos referentes a partes do corpo com seus possuidores, a função da próclise apresenta sentido mais geral em comparação com o uso da raiz correspondente. Um ponto em comum é que ambas as formas (clíticos ou radicais) são geralmente construídas com o morfema parte do corpo em função de núcleo que se relaciona com um nome animado em função de dependente. Apesar disso, como supracitado, esses morfemas podem ser usados com relação a um possuidor inanimado, o que resulta em referências espaciais metafóricas desses elementos, em comparação com possuidores animados e, nesse sentido, expressam funções locativas mais abstratas:

83. **Tumi=n** **iwi-Ø** **pi=did-a-ş**
 tumi=ERG árvore-ABS braço=cortar-PST.REC-3.EXP
 ‘Tumi cortou a árvore no seu galho (braço)’ [**pi=** ‘braço/galho’]

mcf (Fleck, 2003: 342)

84. **cuëte** **da-daësh-tšëc-quad** **madu-n** **sipi-n**
 dicot.tree trunk-eat.gnawing-Dim-Hab demon-Gen tamarin-Erg
 ‘Pygmy marmosets gnaw the trunks of dicot trees.’ [da- ‘body/trunk/perimeter.’]
 ‘Os saguis-pigmeus roem o tronco da árvore.’ [da- ‘corpo/tronco/perímetro.’]

mpq (Ferreira, R., 2005: 101)

85. **Rogëru-n** **papi** **nunte** **an-tsadun-a-ş**
 rogërio-ERG menino canoa dentro-colocar.sentado-PASS.REC-3.EXP
 ‘O Rogério colocou o menino sentado na canoa’

Na língua matis, construções possessivas atributivas, formadas com morfemas monossilábicos referentes a partes do corpo, não apresentam o marcador morfológico de caso genitivo anexado ao item possuidor. Nesse sentido, a ausência de caso genitivo no elemento possuidor dessas construções, assim como a menor forma fonológica dos morfemas referentes a partes do corpo, expressam uma característica tipológica de posse inalienável. Tendo em vista que as relações de inalienabilidade geralmente incluem termos referentes a partes do corpo assim como termos de parentesco, essas categorias correspondem a objetos de análise em estudos futuros, tanto em perspectiva comparativa, quanto na descrição da língua matis.

A característica referente a maior relação estrutural entre o possuidor e o possuído, resultado de estudo tipológico apresentado por Nichols (1986, 1992), relaciona o padrão de marcação morfológica do elemento possuidor (dependente do SN) em oposição ao possuído (núcleo do SN), em respectivo, com a posse alienável em oposição à posse inalienável. Em outras palavras, construções de posse inalienável, marcadas no elemento nuclear, envolvem

maior relação estrutural entre o possuidor e o possuído, do que construções de posse alienável. Conforme introduzido anteriormente, os dados da língua matis a seguir demonstram a marcação morfológica no elemento possuidor dependente e no elemento possuído nuclear:

86. **minbi** **Tumi=n** **maşku-Ø** **peme-a-k**
 2.SG.ERG.ENF tumi=GEN irmão.mais.novo-ABS alimentar-PST.REC-DECL
 ‘você alimentou o irmão mais novo de Tumi’
87. **Kwea=n** **wapa-Ø** **ana=no** **te-a-ş**
 kwea=ERG cachorro-ABS língua=LOC cortar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Kwea cortou exatamente na língua do cachorro (o cachorro na sua língua)’
88. **Kwea=n** **wapa-Ø** **an=te-a-ş**
 kwea=ERG cachorro-ABS língua=cortar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Kwea cortou a língua do cachorro (o cachorro na sua língua)’

Nesse sentido, com base na maior relação estrutural dos elementos (possuído e possuidor), a posse inalienável tende a ser expressa com marcação no elemento possuído, núcleo do SN, enquanto a posse alienável é marcada com o uso de um elemento em função de caso genitivo no possuidor, dependente do SN. Tendo em vista que a categoria de posse alienável é mais recente do que a categoria de posse inalienável e conforme as características tipológicas que descrevem seus funcionamentos e desenvolvimentos, na língua matis, as construções que expressam as características tipológicas da categoria de posse inalienável representam estruturas mais antigas e, provavelmente, mais conservadoras de uma categoria de inalienabilidade no protopano.

Ademais, o conjunto limitado de elementos geralmente corresponde a categoria de posse inalienável. Nas línguas Pano, os morfemas parte do corpo formam uma classe, por exemplo, de 30 morfemas monossilábicos em kashibo-kakataibo (Zariquiey, 2011); 26 em matis (Ferreira, R. 2005); 13 em shanenawa (Cândido, 2004); e 30 em shipibo-konibo (Valenzuela, 2003) e, por outro lado, os morfemas referentes a posse marcada com caso genitivo, a exemplo de referências culturais, domésticas ou instrumentais, formam uma classe aberta, expandida por derivação lexical.

De acordo com Heine (1997), a marcação morfológica de caso genitivo em construções atributivas é resultado da categoria de inalienabilidade, descrita por Nichols (1986, 1992). Nesse sentido, em matis, e provavelmente também em outras línguas da família Pano, o Esquema de Locação ‘*Location Schema*’, um dos princípios utilizados para expressar

a posse atributiva,²⁰ formulado como ‘*Y at X*’, representa a fonte de gramaticalização desses morfemas monossilábicos referentes a partes do corpo. Portanto, o protopano introduziu esse esquema de locação por meio da categoria de inalienabilidade, com o uso de um conjunto de morfemas referentes a partes do corpo.

2.2.2 Características dêiticas no marcador nasal de caso genitivo

Nas línguas da família Pano, a ordem das palavras nas construções possessivas atributivas estrutura-se com o Dependente (possuidor) seguido do Núcleo (possuído) - (D N); a exemplo da língua matis: *bushe=n/nuku=n tawa* ‘flecha de Bushe/minha flecha’, sendo agramatical a ordem (N D); **tawa bushe=n/nukun=n*. Nas construções possessivas atributivas dessa língua, possuidores especificados com os traços humano [+hum] e animado [+anim] são marcados com o caso genitivo nasal {=n/~}, e constituem o padrão ‘dependente-marcado’, conforme os exemplos apresentados a seguir:

89. Tumi=n **Kwea=n** **tidinte-Ø** sik-a-ş
 tumi=ERG kwea=GEN zarabatana-ABS pintar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tumi pintou a zarabatana de Kwea’

90. inbi **Tupa=n** **wanin-Ø** menan-a-k
 1.SG.ENF.ERG tupa=GEN pupunha-ABS plantar-PST.REC-DECL
 ‘eu plantei a pupunha de Tupa’

91. minbi **ukid=n** **wapa-Ø** peme-a-k
 2.SG.ENF.ERG 3.DIST=GEN cachorro-ABS alimentar-PST.REC-DECL
 ‘você alimentou o cachorro dele’

mpq (Ferreira R., 2005: 163)

92. Bina şunu-n awin-in atsa-Ø pe-a-ş
 Bina alto-POSS esposa-ERG mandioca-ABS comer-PASS.REC-3.EXP
 ‘A esposa do Bina, aquele que é alto, comeu mandioca.’

Assim como o matis, as demais construções das línguas dessa família comparadas neste estudo estruturam a posse atributiva com possuidor [+hum] e [+anim], marcado com o caso genitivo {=n/~}, como os seguintes exemplos:

cbr (Zariquiey, 2011: 309)

93. xanu=n ‘uchiti ënë
 woman=GEN dog this
 ‘this woman’s dog’
 ‘cachorro dessa mulher’

²⁰ No original: “The Location Schema forms one of the most frequently employed templates for expressing attributive possession: The possessor is conceptualized as the place where the possessee is located” (Heine, 1997: 145).

cbs (Camargo, 2005: 219)

94. huni-n juinaka
 homem-GEN caça
 ‘caça do homem’

kat (Aguiar, 1994: 187)

95. kuka-n ipu-ti
 tio-POSS cobertor
 ‘O cobertor do tio’.

mcf (Fleck, 2003: 763)

96. umbi bed-ac-sho is-ash cun mado-n chido
 1.ERG grab-INFER-when:S/A/O>O see-after:S/A>S 1.GEN son-GEN woman

que-ash cun tita que-onda-sh
say-after:S/A>S 1.GEN daughter.in.law say-DIST.PAST-3

‘After seeing that I had taken her, he [the speaker’s father] said, “My son’s wife,” and then said, “My daughter-in-law”.’

‘Depois de ver aquilo, eu a levei, ele [o pai do enunciador] disse: “mulher do meu filho” (*cun mado-n chido*) e então disse: “minha nora” (*cun tita*).’

swo (Cândido, 2004: 95)

97. fakihu-n pişi wa-ki
 menino-GEN(POSS) casa DEM-DECL
 ‘A casa do menino é aquela.’

shp (Valenzuela, 2003: 236)

98. nokon tita-n chomo
 POS1 mother-GEN jar
 ‘my mother’s jar’
 ‘jarro da minha mãe’

Sobre a marcação de caso em construções possessivas da língua matis, assim como os elementos nominais, os pronomes em função de dependente possuidor também são anexados ao marcador de caso genitivo {=n/~}. As formas pronominais de primeira e segunda pessoas expressam a categoria de pessoa e número, assim como os pronomes demonstrativos usados com referência a terceira pessoa, compostos dos seguintes elementos: *niki* < *ni* ‘aqui’ + *kid* NMLZ; *akid* < *a* ‘aí’ + *kid* NMLZ; e *ukid* < *u* ‘lá’ + *kid* NMLZ. Ademais, nessa função, esses elementos expressam número com o sufixo de plural {-bo}, que também ocorre anexado a elementos nominais. Esses itens pronominais possessivos em matis são apresentados a seguir:

Quadro 8. Pronomes possessivos atributivos e predicativos em matis

POSSESSIVO ATRIBUTIVO		POSSESSIVO PREDICATIVO	
nuku=n	1POSS.SG=GEN	nuku=na	1POSS.SG=GEN
nuki=n	1POSS.PL=GEN	nuki=na	1POSS.PL=GEN

<i>mi=n</i>	2POSS.SG=GEN	<i>mi=na</i>	2POSS.SG=GEN
<i>mitso=n</i>	2POSS.PL=GEN	<i>mitso=na</i>	2POSS.PL=GEN
<i>awi=n</i>	3POSS.SG=GEN	--	--
<i>ato=n</i>	3POSS.PL=GEN	--	--
<i>n̄ikid=n</i>	3PROX=GEN	<i>n̄ikid=na</i>	3PROX=GEN.3
<i>n̄ikid-bo=n</i>	3PROX-PL=GEN	<i>n̄ikid-bo=na</i>	3PROX-PL=GEN.3
<i>akid=n</i>	3PROX.R=GEN	<i>akid=na</i>	3PROX.R=GEN.3
<i>akid-bo=n</i>	3PROX.R-PL=GEN	<i>akid-bo=na</i>	3PROX.R-PL=GEN.3
<i>ukid=n</i>	3DIST=GEN	<i>ukid=na</i>	3DIST=GEN.3
<i>ukid-bo=n</i>	3DIST-PL=GEN	<i>ukid-bo=na</i>	3DIST-PL=GEN.3

A forma possessiva referente à primeira pessoa, que corresponde a construção possessiva prototípica descrita nos estudos tipológicos (Seiler, 1983) e à segunda pessoa possessiva caracterizam a classe dos dêiticos possessivos básicos (Anderson e Keenan, 1985). Na comparação dessas formas em *matís*, somente as funções referentes a segunda possessiva e segunda pessoal apresentam semelhança fonética: *mi-* ‘2.POSS.SG’ ou ‘2.SG’. Em contrapartida, ambos os morfemas de primeira (possessivo/pessoal) e segunda (possessivo/pessoal), em função de caso genitivo (possessivo) são seguidos da ênclise genitiva {=n} e em função de núcleo do argumento interno (pessoal), do sufixo enfático {-bi}:

99. *Tumi=n* **nuku=n** **tidinte-Ø** *sik-a-ξ*
tumi=ERG 1.POSS.SG=GEN *zarabatana-Abs* *pintar-PST.REC-DECL.3.EXP*
‘Tumi pintou a minha zarabatana’
100. *Tumi=n* **ibi** *sik-a-ξ*
tumi=ERG 1.SG.ABS.ENF *pintar-PST.REC-DECL.3.EXP*
‘Tumi me pintou’
101. *inbi* **mi=n** **dawis-Ø** *dayun-a-k*
1.SG.ENF.ERG 2.POSS.SG=GEN *cunhado.mais.velho-Abs* *abraçar-PST.REC-DECL*
‘eu abracei o seu cunhado mais velho’
102. *inbi* **mibi** *dayun-a-k*
1.SG.ENF.ERG 2.SG.ABS.ENF *abraçar-PST.REC-DECL*
‘eu abracei você’

A respeito dos morfemas de terceira pessoa possessiva *awin* 3POSS.SG=GEN ‘dele/a’ e *aton* 3POSS.PL=GEN ‘deles/as’ do *matís*, suas formas expressam função anafórica co-referencial ao agente da oração e são analisadas com mais detalhes no capítulo seguinte. Nessa língua, em função de objeto direto, a referência básica à terceira pessoa possessiva ou pessoal é

geralmente expressa no contexto discursivo-textual, a exemplo do conhecimento mútuo dos participantes da enunciação sobre a referência correspondente, sendo representada com o morfema zero, conforme os seguintes exemplos:

103. minbi **Bushe=n** **nunte-Ø** podkan-a-k
 2.SG.ERG.ENF bushe=GEN canoa-Abs quebrar-PST.REC-DECL
 ‘você quebrou a canoa do Bushe’
104. minbi Ø **nunte-Ø** podkan-a-k
 2.SG.ERG.ENF 3 canoa-Abs quebrar-PST.REC-DECL
 ‘você quebrou a canoa (dele)’
105. minbi Ø podkan-a-k
 2.SG.ERG.ENF 3 quebrar-PST.REC-DECL
 ‘você a quebrou’

Com base na coleta de dados da língua matis, seguindo análises da dêixis espacial (Spanghero, 2012: 253) e das formas e funções pronominais dessa língua (Ferreira, R. 2005: 185), descrevo que os pronomes demonstrativos também funcionam como modificadores possessivos referentes a terceira pessoa e distinguem três tipos de proximidade do Enunciador (E) e/ou do Receptor (R) com relação a essa referência. Os exemplos a seguir apresentam as seguintes formas demonstrativas em função de modificadores possessivos; *nikid* (próximo do E e do R); *akid* (próximo do R); e *ukid* (distante do E e do R), seguidas do caso genitivo {=n}:

106. kamun=n **nikid=n** **wapa-Ø** ak-a-ş
 onça=ERG 3.PROX=GEN cachorro-Abs matar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘a onça matou o cachorro dele/a’ **nikidn** - (próximo do enunciador e do receptor)
107. akid-bo=n **akid=n** **pete-Ø** pe-a-ş
 3.PROX.R-PL=ERG 3.PROX.R=GEN alimento-Abs comer-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘eles/as comeram o alimento dele/a’ **akidn** - (próximo do receptor)’
108. tşamote=n **ukid=n** **nami-Ø** tşamu-a-ş
 grelha=ERG 3.DIST=GEN carne-Abs queimar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘a grelha queimou a carne dele/a’ **ukidn** - (distante de ambos)

Assim como a forma referente à segunda possessiva e pessoal (*mi-* ‘2.POSS.SG’ ou ‘2.SG’), essas raízes dos modificadores dêiticos referentes a terceira possessiva *nikid*, *akid*; e *ukid*, seguidas do caso genitivo {=n}, apresentam a mesma forma das raízes dos pronomes dêiticos referentes a pronomes demonstrativos e pessoais, seguidas do caso absoluto {-Ø}. Os seguintes exemplos descrevem essa forma dêitica em função de morfemas possessivos, demonstrativos e pessoais, explícitos ou implícitos no contexto discursivo:

Na língua kaxinawa, de acordo com Camargo (2005: 222), “[...] a construção **hawən** ‘dele/a’ parece neutralizar a dicotomia << +humanos α –humanos >>, pois a forma **hawən** remete tanto a um elemento humano como a um elemento não humano.”. Como exemplo desse processo, a autora apresenta o possuidor [-anim] *kaman* ‘do cachorro’ referente ao modificador possessivo **hawən**, na seguinte sentença: **hawən piti** (*ha-wən* DEM-INST *piti* comida) ‘a comida dele’. Nesse sentido, em kaxinawa, a oposição de possuidores animados [+anim] e inanimados [-anim] é realizada com o uso de modificadores possessivos de terceira pessoa. Ademais, o sistema de posse da língua kaxinawa é descrito com a seguinte característica:

“A distinção optada em caxinauá que elege a dicotomia << +humano ∞ -humano >> como o traço semântico pertinente na relação de posse, remete à categoria da humanidade. Esta re[a]grupa os elementos humanos e os assimilados, i.e., aqueles não humanos, porém concebidos enquanto tal, na relação de pertença, em que recebem o mesmo tratamento morfológico que os primeiros. A lua e alguns animais compõem esta restrita classe dos assimilados.” (Camargo, 2005: 216).

Nessa língua, conforme Camargo (2005: 219), os referentes tratados como elementos assimilados correspondem a duas espécies de formigas *hisis* e *hima*; apreendidas “[...] sob uma percepção cultural na qual tais formigas trabalham como os homens e conhecem uma organização com ‘chefe’ como a deles [kaxinawas] [...]”; e uma espécie de pássaro (*šanə*), apreendida como “[...] um simbolismo intimamente ligado às visões provocadas pelo alucinógeno *niši paə* ‘ayahuasca’ [...]”. Além disso, o referente ‘lua’ (*uʂə-n baba*: lua-GEN neto ‘o neto da lua’), é apreendido como “[...] a cabeça de um personagem mitológico que a teve decepada após ter cometido incesto com sua irmã.”. (Camargo, 2005: 220).

Nesse grupo de línguas, as construções possessivas menos prototípicas, conforme os seguintes exemplos das línguas kaxinawa, shanenawa e matis, são construídas somente com a justaposição do morfema possuidor dependente seguido do possuído nuclear:

cbs (Camargo, 2005: 220)

114. takada hiwə
galinha casa
‘galinheiro (lit. casa de galinha)’

swo (Cândido, 2004: 96)

115. takara-ϕ pij şarakapa-ki
galinha-GEN(POSS) pena bonita-DECL
‘A pena da galinha é bonita.’

116. kamun=n wapa-Ø nami-Ø pe-a-ş
onça=ERG cachorro-ABS carne-ABS comer-PST.REC-DECL.3.EXP
‘a onça comeu a carne do (corpo) do cachorro (morto)’

Assim como as construções de posse referente a partes do corpo foram derivadas de elementos de construções direcionais, o marcador de caso genitivo, tanto em construções predicativas quanto atributivas, anexado essencialmente a possuidores de referência animada, foi derivado de construções oblíquas, em específico, a partir de morfemas descritos como benefactivos. Nesse sentido, em complemento à gramaticalização do caso locativo por meio do Esquema de Origem, o marcador de caso genitivo é resultado da gramaticalização do morfema benefactivo por meio do Esquema de Destino ‘*Goal Schema*’, formulado como ‘*Y for/to X*’, com o uso da próclise verbal {=şun} em função de morfema alativo.

Nesse sentido, na posse predicativa em matis, por exemplo, a forma nominal do marcador de caso genitivo de terceira pessoa {=na}, anexado ao item possuidor antecedido do possuído nuclear, é resultado da gramaticalização da forma do marcador de função benefactiva {-şun}. Em princípio, a origem desse marcador de caso genitivo foi condicionada pelo processo de nominalização deverbal e apagamento desse item nominal assim como da reanálise de morfemas de casos oblíquos (de função benefactiva para função possessiva de terceira pessoa), conforme os seguintes exemplos das línguas matis e kashibo-kakataibo:

117. inbi **tawa-Ø** **Tumi-Ø** je-şun-a-k
 1.SG.ERG.ENF flecha-Abs tumi-Abs fazer-BEN-PST.REC-DECL
 ‘eu fiz a flecha para Tumi’
118. akid-Ø **tawa-Ø** **Tumi=na**
 DEM.R-Abs flecha-Abs tumi=3.GEN
 ‘essa flecha (que eu fiz) era do Tumi’
119. Tupa=n **nami-Ø** **nikid-Ø** kodoka-şun-a-ş
 tupa=ERG carne-Abs 3.PROX-Abs cozinhar-BEN-PST.REC-3.EXP-DECL
 ‘Tupa cozinhou a carne para ele’
120. (Tupa=n) **nami-Ø** **nikid=na** (kodoka-ke)
 tupa=ERG carne-Abs 3.PROX=3.GEN cozinhar-NMLZ.INSTR
 ‘a carne (cozida por Tupa) é dele’

cbr (Zariquiey, 2011: 680)

121. ‘ë=n kana bata Maria bi-xun-ti ‘ain
 1sg=A NAR.1sg candy maria pick.up-BEN-NOM be.1/2p
 ‘I will pick up candy for Maria’
 ‘Eu pegarei doce para Maria’

cbr (Zariquiey, 2011: 680)

122. ‘ë=n kana bata Maria=nan bi-ti ‘ain
 1sg=A NAR.1sg candy maria=POS pick.up-NOM be.1/2p
 ‘I will pick up candy for Maria (lit. ‘I will bring the candies, the Maria’s ones’)
 ‘Eu pegarei doce para Maria (lit. ‘Eu tragarei os doces, aqueles que são de Maria’)

Assim como em construções predicativas da língua matis, na posse atributiva, a forma do marcador de caso genitivo {=n}, anexado ao elemento possuidor seguido do possuído nuclear, deriva da gramaticalização da forma do benefactivo {-ṣun}. Em termos gerais, com base em Heine (1997), “no caso do Esquema de Destino, o possuidor é introduzido por meio de algum marcador direcional, geralmente, uma adposição ou caso alativo, dativo ou benefactivo”.²¹ Com isso, em matis, e provavelmente nas demais línguas Pano, o possuidor marcado com caso genitivo foi introduzido por meio da gramaticalização do esquema direcional de destino, geralmente, descrito como sufixo em função de benefactivo:

123. Tupa=**n** **nikid-Ø** **nami-Ø** **kodok-ṣun-a-ṣ**
 tupa=ERG 3.PROX-ABS carne-ABS cozinhar-BEN-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tupa cozinhou a carne para ele’

124. Tupa=**n** **nikid=**n**** **nami-Ø** **kodok-a-ṣ**
 tupa=ERG 3.PROX=GEN carne-ABS cozinhar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tupa cozinhou a carne dele’

mpq (Ferreira, R., 2005: 252)

125. **inbi** **Antônio-Ø** **dadawate-Ø** **bed-ṣun-e-k**
 1SG.ERG antonio-ABS caderno-ABS comprar-BENF-N.PASS-DECL
 ‘(Amanhã) eu vou comprar caderno para o Antônio’

126. **inbi** **Kwea=**n**** **dadawate-Ø** **bed-e-k**
 1.SG.ERG.ENF kwea=GEN caderno-ABS comprar-N.PST-DECL
 ‘eu comprarei o caderno do Kwea’

Em matis e nesse grupo de línguas Pano, a forma do morfema genitivo {=n} é geralmente descrita com diversas variações fonológicas. Em geral, essa forma é antecedida ou seguida de uma vogal, a exemplo, em matis: [=in]; em shanenawa: [~], [-ni], [-nu], ou [-na], que resultam de harmonia vocálica (Cândido, 2004: 88); e em yaminawa: [-na] ou [-fenã] (Faust e Loos, 2002: 71). A forma do morfema benefactivo é constituído de uma consoante obstruinte contínua seguida de uma vogal e uma consoante nasal em posição de coda silábica, a exemplo de {=ṣun} em matis; e {-xun} em kashibo-kakataibo. Em shanenawa, a variação desse morfema ocorre com base no número de sílabas da raiz verbal; bases ímpares são anexadas com {-ṣun} e pares, com {-ṣuna} (Cândido, 2004: 155-6).

Nesse sentido, o marcador de caso genitivo em matis foi gramaticalizado a partir de um morfema em função de caso benefactivo. Com base na semelhança das variantes do morfema genitivo (~; in; ni; nu; na; fenã) com as formas do morfema benefactivo (ṣun; ṣuna),

²¹ No original: “In the case of the Goal Schema, the possessor is introduced by means of some directional marker, usually an allative, dative, or benefactive adposition or case inflection” (Heine, 1997: 146).

proponho que a proto-forma do benefactivo **Cuna* derivou as formas do caso genitivo. Semelhante ao processo de desenvolvimento do caso locativo, com base nessa proposta de gramaticalização do caso genitivo a partir da proto-forma **Cuna*, o processo de mudança desse morfema consiste na seguinte representação: $Cuna > \{=nV\} > \{=n/\sim\}$. Sendo assim, proponho que a próclise nominal ($[\text{radical.nominal}]=\sim$) deriva da gramaticalização de elementos e construções benefactivas, que se conservou em construções verbais, conforme os processos de gramaticalização de estruturas ou estratos de novas construções gramaticais.

Em geral, tanto o caso locativo quanto o caso genitivo são categorias gramaticalizadas; no primeiro caso, de um morfema lexical, e no segundo caso, de um morfema menos gramatical. Com isso, e tendo em vista que ambos os casos apresentam o mesmo processo de gramaticalização e a mesma fonte de origem, é provável que a forma que expressa o caso genitivo tenha sido derivada da forma básica que expressa o caso locativo, conforme este esquema: ($*Cuna < *Cana$). Portanto, em matis e nesse grupo de línguas Pano, a característica fundamental desses marcadores de casos refere-se a sua função de dêixis espacial que expressa orientação locativa e direcional a respeito da relação entre mais de um referente da enunciação. Com base nessa proposta, o capítulo seguinte apresenta o caso instrumental em função de posse de um referente, marcado com o caso ergativo.

3 Gramaticalização instrumental e ergativa

A princípio (3.1), este capítulo analisa, em matis e um conjunto de línguas Pano, os aspectos morfológicos e históricos dos casos instrumental e ergativo. Em seguida (3.2), com adição de algumas línguas da família Takana, breves relações morfofonológicas são apresentadas.

3.1 Morfologia de casos em função de argumento externo

3.1.1 *Lexicalização nominal e derivação de caso instrumental*

Nas línguas da família Pano em que o morfema nominalizador instrumental foi descrito, sua forma realiza-se como uma consoante coronal obstruente seguida da vogal anterior alta {-ti}, ou média-alta {-te}. Conforme o quadro apresentado a seguir, a forma desse nominalizador, referente à vogal anterior média /e/, restringe-se às línguas matis e matsés {-te} (ademais, somente essas línguas, em adição ao kashibo-kakataibo, apresentam essa vogal média /e/ em seus inventários vocálicos):

Quadro 9. Morfema nominalizador instrumental em línguas Pano

{-te}	Matis (Ferreira, R., 2005); Matsés (Fleck, 2003)
{-ti}	Kashibo-kakataibo (Zariquiey, 2011); Shipibo-konibo (Valenzuela, 2003); Yawanawa (Souza, 2013); Wariapano (Gomes, 2010); Shanenawa (Cândido, 2004)

O item nominal *nunte* ‘canoa’ do matis, por exemplo, é descrito como o resultado da anexação da raiz verbal *nune* ‘nadar’ e o sufixo nominalizador instrumental {-te}. Nessa língua, o termo nominal derivado da anexação desse sufixo expressa, conforme Ferreira, R., (2005: 87), “[...] ‘aquilo que é usado para’ [...]”. Os exemplos a seguir apresentam algumas construções em que esses termos ocorrem em função de argumento interno (como dependente de uma construção possessiva) [*tonkate işi*] ‘semente da espingarda’ (127); de argumento externo intransitivo (função de núcleo de uma construção possessiva) [*nukun anudante*] ‘meu anzol’ (128); e oblíquo (função de núcleo de uma construção possessiva) [*min nunten*] (129):

mpq (Ferreira, R., 2005: 87)

127.	Antonio-n	tonka-te	işî
	Antonio-ERG	matar.c/arma-INSTR.NMLZ	semente
	îbi	bed-şun-bo-ş	
	1SG.ABS	comprar-BEN-PST.N.REC-DECL.3.EXP	
	‘Antônio comprou cartucho (semente de espingarda) para mim’		

mpq (Ferreira, R., 2005: 87)

128.	nukun	an-ud-an-te	iksamadap
	1P.POSS	boca-fisgar-ANTIPASS-INSTR.NMLZ	ruim
	‘Meu anzol não presta’		

129. inbi mi=n **nunte=n** Ø sekad-a-k
 1.SG.ERG.ENF 2.POSS.SG=GEN canoa=INSTR 3.ABS atravessar-PST.REC-DECL
 ‘eu atravesssei o rio, com a sua canoa’

Com base neste último exemplo, a palavra *nunten* ‘canoa’ é constituída do clítico nasal que expressa o caso instrumental {=n} anexado ao radical *nunte*. Este elemento, em contrapartida, é formado historicamente com a anexação do sufixo nominalizador instrumental {-te} anexado à raiz verbal *nune* ‘nadar’. Nesse sentido, em matis e no conjunto de línguas comparadas, as formas da sílaba final dessas raízes nominais resultam da lexicalização do sufixo {-tV} em função de nominalizador instrumental. Em raízes verbais com sílaba final composta de consoante nasal seguida de vogal, esse processo de lexicalização reduziu a extensão da raiz nominal derivada, por meio do pagamento da vogal, o que resultou na formação de codas silábicas mediais constituídas de consoante nasal: (nun-te < nune-te; tidin-te < tidine-te). O quadro a seguir apresenta alguns desses termos na língua matis:

Quadro 10. Nomes deverbais seguidos das bases verbais cognatas em matis

NOMES DEVERBAIS		BASES VERBAIS
<i>budante</i> ‘remédio/medicina’	<	<i>budanek</i> ‘curar (ficar bom)’
<i>dadawate jubu</i> ‘escola’	<	<i>dadawame</i> ‘escrever’
<i>datonkete</i> ‘camisa’	<	<i>datonke</i> ‘cobrir o corpo’
<i>dawisate</i> ‘cobertor’	<	<i>dawisade</i> ‘cobrir’
<i>kapute</i> ‘moto, carro’	<	<i>kapue</i> ‘caçar’
<i>kinte</i> ‘tinta para desenho’	<	<i>kine</i> ‘desenhar’
<i>kwante</i> ‘caminho, trilha’	<	<i>kwane</i> ‘ir’
<i>matonkete</i> ‘chapéu’	<	<i>matonke</i> ‘cobrir a cabeça’
<i>misuate</i> ‘anel’	<	<i>misuade</i> ‘estar no pulso’
<i>nište</i> ‘corda, barbante’	<	<i>niše</i> ‘amarrar’
<i>nuitite</i> ‘chave’	<	<i>buitike</i> ‘abrir’
<i>nunte</i> ‘canoa’	<	<i>nune</i> ‘nadar’
<i>onkete</i> ‘idioma’	<	<i>onke</i> ‘falar’
<i>pite</i> ‘urucum’	<	<i>pide</i> ‘se pintar de vermelho, amadurecer’
<i>sekate</i> ‘bolsa’	<	<i>sekae</i> ‘jogar, lançar’
<i>fete</i> ‘cipó’	<	<i>fe</i> ‘construir’
<i>sikate</i> ‘ponte’	<	<i>sikade</i> ‘atravessar’
<i>sikete</i> ‘tinta para pintura’	<	<i>sike</i> ‘pintar’

<i>tanawate</i> ‘escola’	<	<i>tanawame</i> ‘ensinar’
<i>tidinte</i> ‘zarabatana’	<	<i>tidine</i> ‘segurar’
<i>tfamute</i> ‘grelha’	<	<i>tfamue</i> ‘queimar’
<i>tfimute</i> ‘doença’	<	<i>tfimu</i> ‘doer/amargar’
<i>tfiskate</i> ‘fósforo’	<	<i>tfiskae</i> ‘fritar’
<i>tsitonkete</i> ‘calça’	<	<i>tsitonke</i> ‘cobrir as nádegas’
<i>tşokodokate</i> ‘ralador’	<	<i>tşokodoka</i> ‘ralar’
<i>tuinte</i> ‘remo’	<	<i>tuine</i> ‘remar’
<i>ute</i> ‘furadeira’	<	<i>ude</i> ‘furar’
(Ferreira, V., 2005):		
<i>anmakute</i> ‘escova de dente’	<	<i>anmakudkin</i> ‘escovar os dentes, bochechar’
<i>anpuşute</i> ‘tabaco, cigarro’	<	<i>anpuşudkin</i> ‘fumar’
<i>anwidante</i> ‘anzol’	<	<i>anwidankin</i> ‘pescar’
<i>beskate</i> ‘vassoura’	<	<i>beskakin</i> ‘varrer’
<i>bitaşte</i> ‘porta feita de madeira’	<	<i>bitaşkin</i> ‘tampar, fechar’
<i>dadawate</i> ‘caderno, papel’	<	<i>dadawakin</i> ‘escrever’
<i>daukudte</i> ‘toalha’	<	<i>daukudkin</i> ‘enxugar’
<i>iste</i> ‘máquina fotográfica’	<	<i>iskin</i> ‘ver’
<i>kodokate</i> ‘cozinha’	<	<i>kodoka</i> ‘cozinhar’
<i>kueste</i> ‘cacete, vara’	<	<i>kueskin</i> ‘matar com cacete’
<i>mabisate</i> ‘cobertor, chapéu’	<	<i>mabisadkin</i> ‘cobrir’
<i>misikidte</i> ‘esmalte para unha da mão’	<	<i>miskidkin</i> ‘passar tinta na mão’
<i>mişte</i> ‘lenha, fogo’	<	<i>mişkin</i> ‘engatinhar’
<i>neste</i> ‘planta utilizada como remédio’	<	<i>neskin</i> ‘banhar-se’
<i>pidkate</i> ‘luz, lanterna, lamparina’	<	<i>pidkakin</i> ‘iluminar’
<i>sekte</i> ‘peneira’	<	<i>sekin</i> ‘flechar’
<i>tekte</i> ‘serrote’	<	<i>tekin</i> ‘cortar em um só golpe’
<i>tsadte</i> ‘cadeira’	<	<i>tsadkin</i> ‘sentar’
<i>tubante</i> ‘forno’	<	<i>tubankin</i> ‘torrar’
<i>winte</i> ‘coração’	<	<i>winkin</i> ‘chorar’
<i>wisute</i> ‘genipapo’	<	<i>wisú</i> ‘sujo, preto’

Em matis, assim como as demais línguas Pano comparadas neste estudo, a forma do sufixo nominalizador instrumental *ti/te* ocorre no final de um grande número de elementos nominais. Nesse sentido, tendo em vista suas funções e significados básicos, assumo que

vários desses termos (geralmente com referência instrumental) ocorrem normalmente com frequência cotidiana, pois fazem referência a objetos de uso geralmente constante e representam funções básicas de trabalho e atividades diárias. Seguindo a representação desses nomes deverbais em matis, apresentados anteriormente, o quadro a seguir apresenta um breve conjunto desses elementos em matis e algumas línguas Pano:

Quadro 11. Nomes deverbais finalizados com *te/ti* em línguas Pano

Glosa	Matis	Shanenawa²²	Katukina
alimento	pete	piti	piti
lenha/fogo	mente	misti	karo
remédio	budante	raw	raoti
canoa	nunte	şaşu	nõti
Glosa	Shipibo-konibo	Yaminawa	Katukina
roupa	sawiti	rapati	tari
chapéu/gorro/boina	maiti	maiti	maiti
ventilador	payati	paiti	-

Fonte: *Intercontinental Dictionary Series* (KEY & COMRIE, 2015). Matis: dados primários.

Com base nos primeiros passos do processo de lexicalização de uma sequência morfológica (Lehmann, 2002), a exemplo da frequência referencial supracitada e da saliência de significados básicos correspondentes a domínios gerais de ‘ingestão’, ‘locomoção’, ‘vestuário’ etc., proponho que essas raízes nominais sejam resultados do processo de lexicalização de radicais nominais, compostos da anexação de nominalizadores instrumentais a raízes verbais. De acordo com esses aspectos e tendo em vista o processo derivacional desse sufixo nominalizador, a lexicalização tem como resultado a derivação de um conjunto de morfemas lexicais, categorizados como raízes nominais no léxico dessas línguas. Com base em dados da língua matis, esse processo é apresentado a seguir:

130. Bushe=n nuku=n **tidin-te=n** Ø ma=sek-kid
 bushe=ERG 1.POSS.SG=GEN segurar-INSTR.NMLZ=INSTR 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Bushe, com minha ‘zarabatana’, sempre fura (as queixadas) nas suas cabeças’
131. Bushe=n nuku=n **tidinte=n** Ø ma=sek-kid
 bushe=ERG 1.POSS.SG=GEN zarabatana=INSTR 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Bushe, com minha zarabatana, sempre fura (as queixadas) nas suas cabeças’

²² Os nomes para ‘lenha’, ‘remédio’ e ‘canoa’ em shanenawa foram retirados de Cândido (2004).

Em suma, essas línguas, mediante o processo de nominalização lexical, categorizaram um conjunto de termos nominais que indicam, em geral, referências concretas, em função de instrumento. De acordo com os quadros apresentados, objetos introduzidos mais recentemente na cultura desses povos são nomeados, essencialmente, com o uso de uma raiz verbal anexada ao morfema nominalizador que consiste na forma *te/ti < tV*. Além disso, os diversos tipos de nominalizações lexicais e gramaticais descritos em algumas dessas línguas (Fleck, 2003; Valenzuela, 2003; Zariquiey, 2011) indicam que esses processos já ocorrem comumente desde um período ancestral de uso dessas línguas.

Tendo em vista que construções nominalizadas apresentam características verbais, a exemplo de valência ou predicções nominais (cf. Comrie e Thompson, 1985; Queixalós, 2005), em matis, os nomes deverbais lexicalizados caracterizam-se como referências de posse inanimadas. Em geral, as categorias de primeira ou segunda pessoas do ato do discurso, assim como a terceira pessoa, relacionam-se como possuidores, e, com isso, proponho que o caso instrumental anexado aos elementos nominais possuídos seja resultado da gramaticalização dessas construções possessivas com núcleo instrumental. Esse processo é demonstrado conforme os exemplos a seguir, em que o possuidor se realiza na forma nominal *Tumin* ou representado pela forma zero \emptyset , em função de caso genitivo:

- | | | | | | |
|--|------------------------------|------------------------------------|---|------------------------------------|------------------------------------|
| 132. | Bushe= n
bushe=ERG | Tumi = n
tumi=GEN | tidinte = n
zarabatana=INSTR | tɸawa- \emptyset
queixada-ABS | ma=sek-kid
cabeça=furar-PRS.HAB |
| ‘Bushe, com a zarabatana do Tumi, sempre fura as queixadas nas suas cabeças’ | | | | | |
| 133. | Bushe= n
bushe=ERG | \emptyset
3 | tidinte = n
zarabatana=INSTR | tɸawa- \emptyset
queixada-ABS | ma=sek-kid
cabeça=furar-PRS.HAB |
| ‘Bushe, com a zarabatana, sempre fura as queixadas nas suas cabeças’ | | | | | |

Em geral, a presente seção descreveu o processo de lexicalização do nominalizador instrumental {-ti} que ampliou o conjunto de raízes nominais, o que resultou na gramaticalização do caso instrumental na proto-forma nasal. No entanto, nas construções possessivas em que fatores contextuais estão envolvidos na identificação do possuidor (representado com o morfema zero \emptyset em função de caso genitivo (133)), este elemento pode corresponder tanto a um participante extra-referencial, a exemplo da referência *Tumin* ‘de Tumi’, quanto co-referencial, *Bushen* ‘X de Bushe (dele mesmo)’. Nesse sentido, com base na ambiguidade referencial desse possuidor, a seção seguinte apresenta uma proposta de alguns processos de gramaticalização do caso ergativo.

3.1.2 Referenciação de possuidor instrumental e caso ergativo

O alinhamento morfossintático nominal das línguas da família Pano é geralmente descrito como ergativo-absolutivo. Como característica básica de línguas ergativas (Dixon, 1979), elementos nominais em função de sujeito de verbos intransitivos (função de S) ou de objeto direto (função de O) são descritos com caso absolutivo, e geralmente representado com o morfema zero {-Ø}. Em contrapartida, itens nominais em função de sujeito (função de A) de verbos transitivos prototípicos são descritos com caso ergativo, marcados, nas línguas Pano, por exemplo, com a ênclise nasal {=n}, descrita também como a coronal {=n}.²³ Os exemplos seguintes apresentam o alinhamento de elementos nominais da língua matis:

134. Tumi-Ø tşadbud uş-a-ş
 tumi-ABS tarde dormir-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tumi dormiu durante a tarde’ Tumi-Ø – função de (S)
135. mi=n wapa awin=n Tumi-Ø pe-a-ş
 2.POSS.SG=GEN cachorro fêmea=ERG tumi-ABS morder-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘a sua cadela mordeu Tumi’ Tumi-Ø – função de (O)
136. Tumi=n uşto-kin ibi-Ø mi=te-a-ş
 Tumi=ERG ontem-CONC.A 1.SG.ENF-ABS mão=cortar-PST.REC-DECL.3.EXP
 ‘Tumi me cortou na mão ontem’ Tumi=n – função de (A)

Em matis, segundo Ferreira R. (2016), numerais e quantificadores que seguem e modificam o argumento, a exemplo dos termos *dadidpa* ‘2 [dois]’ e *atşuwış* ‘todos’, recebem o sufixo que marca a concordância de participante {-şun}.²⁴ Nessa língua, sintagmas nominais constituídos de um item nominal seguido de um outro nome [N N]-n ou de um modificador [N ADJ]-n são anexados com o clítico ergativo {=n} à direita desse sintagma, a exemplo de “*papi tukudapan* ‘homem baixo’”, e o quantificador *epapaşun* ‘apenas’, com o sufixo de concordância de participante A {=şun}:

mpq (Ferreira, R., 2005: 220)

137. wapa-Ø nawa tuku-dapa-n kues-a-ş
 cachorro-ABS não-índio baixo-ENF-ERG bater-PASS.REC-3.EXP
 ‘O não-índio baixinho bateu no cachorro’

²³ As exceções correspondem a forma do marcador ergativo do kaxarari, descrita com a consoante lateral {-l} (Lanes, 2005: 38), e ao sistema neutro do chácobo (Loos, 1999).

²⁴ Segundo o autor, essa forma, nesta situação, já não é mais interpretada como marca ergativa, mas como um sufixo que expressa a concordância de participante A/S (Ferreira, R., 2016).

mpq (Ferreira, R., 2005: 220)

138.	papi	tuku-dapa-n	epapa-şun	pão-Ø
	rapaz	baixo-ENF-ERG	apenas-PA:A	pão-ABS
	pe-a-ş			
	comer-PASS.REC-3.EXP			
	‘Apenas o rapazinho comeu o pão’			

Análogo ao matis, na língua matsés, advérbios e posposições locativas são anexados com os clíticos {-wëşh} ‘Início do Evento: Intransitivo’ (Argumento S) ou {-şhun} ‘Início do Evento: Transitivo’ (Argumento A) (Fleck, 2005: 93). Nesse sentido, segundo esse autor, a forma {-wëşh}, com anexação restrita ao advérbio quantificador *abitedi* ‘todos’, é usada somente por falantes mais velhos, mas ainda é reconhecida pelos mais jovens. Em contrapartida, a respeito do clítico {-şhun}, Fleck (2005: 94-95) descreve que essa forma, produtiva e obrigatória, está associada a argumentos ergativos, principalmente com os quantificadores; *dadpen* ‘muitos’, *tema* ‘poucos’, *daëd* ‘dois/duas’.

Aliás, sobre a variação combinatória desse marcador, “em matis, a acentuação e o número de sílabas não interferem na escolha da marca ergativa, diferenciando-se de algumas outras línguas da família Pano [...]” (Ferreira, R., 2005: 67). No entanto, como descreve esse autor, nessa língua, elementos nominais terminados em vogal, em função de argumento transitivo, são anexados com a consoante coronal nasal ergativa {=n} (realizada foneticamente com a nasalização dessa vogal; *Tumiñ*), e elementos nominais terminados em consoante são anexados com a consoante nasal antecedida da vogal alta central {=in}.²⁵ Em shanenawa, os elementos nominais em função de argumento transitivo são anexados com “[...] o caso ergativo [que] geralmente é marcado por um dentre os sufixos {-n}, {-ni}, {-na}, {-nu} [...], ou ainda por um processo de nasalização da vogal da última sílaba [...]” (Cândido, 2004: 88). Os exemplos a seguir demonstram esses aspectos nessas línguas:

139.	Kwea= n	nuku= n	foťko= n	iwi	der-a-ş
	kwea=ERG	1.POSS.SG=GEN	machado=INSTR	árvore	cortar-PST.REC-DECL.3.EXP
	‘Kwea cortou a árvore com o machado’				

140.	Lucas= in	mikin= in	ukid= in	wanin	kataş-a-ş
	lucas=ERG	mão=INSTR	3.SG.DIST=GEN	pupunha	apertar-PST.REC-DECL.3.EXP
	‘Lucas apertou a pupunha dele com/na mão’				

swo (Cândido, 2004: 94)

141.	kaman-na	şita-n	nami-Ø	kuşa-a-ki
	cachorro-ERG	dente-INSTR	carne-ABS	cortar-PAS-DECL
	‘O cachorro cortou a carne com os dentes.’			

²⁵ Em matis, “as [consoantes] que ocupam a coda da sílaba são apenas as obstruintes /t, k, s, ʃ/ e a nasal /n/.” (Ferreira, R., 2005: 43).

swo (Cândido, 2004: 94)

142. Militão-nu pia-na işkin-Ø tfatʃi-a-ki
 Militão-ERG flecha-INSTR peixe-ABS furar-PAS-DECL
 ‘Militão furou o peixe com a flecha.’

swo (Cândido, 2004: 94)

143. Amaral-nu fuşati-ni nami-Ø kuşa-a-ki
 Amaral-ERG faca-INSTR carne-ABS cortar-PAS-DECL
 ‘Amaral cortou a carne com a faca.’

swo (Cândido, 2004: 94)

144. Assis-ni fuşati-ni jumaj-Ø riti-a-ki
 Assis-ERG faca-INSTR onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Assis matou a onça com a faca.’

Conforme os exemplos da língua matis, o alomorfe do caso ergativo {-in} ocorre quando o segmento ou traço nasal ergativo {-n/~} é anexado a raízes terminadas em sílabas fechadas. Nessa língua, essa posição de coda silábica ‘(C)VC’ pode ser ocupada pelas consoantes fricativas /s/, /ʃ/, /ʂ/, oclusivas /d/, /k/ e pela nasal alveolar /n/ (Ferreira, R., 2005: 40-41). Em shanenawa, o alomorfe ocorre de forma variada devido à vogal “[...] não especificada para os traços de ponto.” {-nV}. Na posição de coda silábica ocorrem as aproximantes /w/, /j/, o arquifonema nasal /N/ - assim como as fricativas /s/, /ʂ/, que ocorrem somente em posição medial de morfema (Cândido, 2004: 81).

Diferente do matis e matsés, o marcador ergativo do shanenawa, segundo Cândido (2004: 88-90), corresponde a uma consoante nasal seguida de uma vogal não especificada para os traços de ponto {-n[V]}. Sobre o exemplo com a coronal {-n} (141), a autora descreve que a forma da estrutura profunda *rununu ‘cobra’ deriva a forma da estrutural superficial, seguido da apócope vocálica e da nasalização da vogal antecedente *runun*. Nas demais bases, é descrito que essa vogal não especificada assimila o traço da última vogal da base, por meio da harmonia vocálica do traço [coronal] {-ni}, [dorsal] {-na} ou [labial] {-nu}. Além dessas variações combinatórias do caso ergativo nessa língua, as seguintes formas desse marcador de caso também são descritas {-pan}, {-nin} e {-nen}, conforme os seguintes exemplos:

swo (Cândido, 2004: 203)

145. fakihu-n sai-Ø kuku-a-ki
 criança-ERG melancia-ABS chupar-PAS-DECL
 ‘As crianças chuparam melancia.’

swo (Cândido, 2004: 203)

146. kaman-na şaw-Ø sirun-a-ki
 cachorro-ERG osso-ABS lambe-PAS-DECL
 ‘O cachorro lambeu o osso.’

swo (Cândido, 2004: 66)

147. tete-pan sheki-Ø pi-a-ki
 gavião-ERG milho-ABS comer-PAS-DECL
 ‘O gavião comeu o milho.’

swo (Cândido, 2004: 71)

148. Assis-nin fasha-ti-nin jumain-Ø rete-a-ki
 assis-ERG cortar-NOM-INSTR(faca) onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Assis matou a onça com a faca.’

swo (Cândido, 2004: 73)

149. sheki-Ø takara-nen pi-a-ki
 milho-ABS galinha-ERG comer-PAS-DECL
 ‘A galinha comeu o milho.’

Em termos comparativos, a língua yawanawa apresenta semelhanças estruturais com o shanenawa. O yawanawa expressa a marcação do caso ergativo mediante a “[...] nasalização da última vogal do SN [sintagma nominal] que desempenha a função de A [sujeito de verbo transitivo], [...] [ou por meio da] sufixação de um morfema monossilábico [...]” (Paula, 2004: 188). Os exemplos a seguir apresentam algumas construções dessa língua:

ywn (Paula, 2004: 187)

150. iβastiβu-n visku-Ø ʃiti-a
 NP-ERG NP-ABS beijar-PAS
 ‘Ivaistivu beijou Visku’

ywn (Paula, 2004: 188)

151. kaman-nin unu-Ø riti-a
 cachorro-ERG porquinho-ABS matar-PAS
 ‘o cachorro matou o porquinho’

ywn (Paula, 2004: 189)

152. βaki-hu-nin kapi-Ø riti-a
 criança-HUM-ERG jacaré-ABS matar-PAS
 ‘o menino matou um jacaré’

ywn (Paula, 2004: 189)

153. takara-nin şiki-Ø pi-Ø
 galinha-ERG milho-ABS comer-N.PAS
 ‘a galinha come milho’

A variante combinatória ergativa {-nin}, de acordo com Paula (2004), ocorre se a base anexada possuir uma consoante nasal na posição de coda silábica final, ou se essa base for constituída de três ou mais sílabas. Com relação às bases que possuem mais de três sílabas, é provável que a nasalização de sua última vogal ocorra devido a características lexicais dessas bases; no primeiro exemplo, um nome próprio, e no segundo, provavelmente uma

3SG/PL	∅	∅	∅	∅	∅
3SG.CO	--	abi	anbi	awin	--
3PL.CO	--	akwi	akwi	aton	--

Sobre a referenciação da terceira pessoa nas línguas Pano comparadas neste trabalho, além da interpretação contextual do uso implícito dessa referência, ela é indicada também na forma de morfemas pessoais ou possessivos, geralmente anexados com a ênclise nasal {=n}, em função de caso ergativo ou genitivo. Com relação à forma do morfema referente à terceira pessoa, conforme os dados apresentados no quadro a seguir, observa-se que a forma do morfema co-referencial possessivo, em matis, assemelha-se com a forma dos pronomes possessivos das línguas Pano comparadas neste estudo. Nesse sentido, proponho que essas formas pronominais de terceira pessoa nessas línguas tenham sido derivadas historicamente por meio da lexicalização do pronome interrogativo em função co-referencial possessiva.

Quadro 13. Pronomes possessivos referentes a terceira pessoa em línguas Pano

mpq	awi=n	3POSS.SG=GEN ‘dele/a’	ato=n	3POSS.PL=GEN ‘deles/as’
cbr	ain	3P SINGULAR	atun	3P PLURAL
cbs	ha-wən	3-INSTR	ha-tu/bu-n	3-PL-GEN
kat	hawe-n	‘dele/a’	--	--
mcf	--	--	aton	3SG/PL ‘his/her/its/their’
swo	awi-n	‘dele/dela; seu/sua’	ahu-n/atu-n	‘deles/delas; seus/suas’
shp	jawen	3	jato-n~jabaon~jaboan~jaboon	3P

Com relação ao marcador de caso dessas raízes pronominais, em kaxinawa, conforme o quadro acima, o marcador “de caso instrumental -wən agrega-se ao pronome demonstrativo ha, cuja combinação ha-wən remete à 3a. Pessoa do singular em função genitiva” (Camargo, 2005: 221). Nesse conjunto de línguas Pano, tendo em vista que as formas pronominais interrogativas e pessoais expressam as funções de caso ergativo, genitivo e instrumental, os pronomes de terceira pessoa, que também expressam funções semelhantes, são resultados da lexicalização de pronomes interrogativos. Na língua matis, por exemplo, o morfema de terceira pessoa dêitica, em função ergativa ou genitiva, deriva de pronomes demonstrativos, e os morfemas de terceira pessoa co-referencial correspondem a um elemento intermediário desse processo de lexicalização, que se conservou na estrutura dessa língua.

Em termos tipológicos, o alinhamento ergativo-absolutivo da maior parte das línguas Pano constitui-se geralmente de itens nominais e pronominais referentes à terceira pessoa.

Nesse sentido, com base no alinhamento acusativo das formas de pronomes participantes de primeira e segunda pessoa singular e plural em shanenawa (Cândido, 2004), yawanawa (Souza, 2013) e segunda pessoa plural em matis (participantes do ato discursivo), e de acordo com os estudos sobre a origem da ergatividade em línguas do mundo (Gildea e Queixalós, 2010; McGregor, 2009; Trask, 1979), esta análise assume a hipótese de que o alinhamento nominal do protofino estruturava-se em um sistema diferente do ergativo-absolutivo.

Com base nessa hipótese e nas análises descritivas desse grupo de línguas Pano, assim como, em específico, nos dados do matis, apresento uma proposta de origem do caso ergativo, seguindo as definições tipológicas e funcionais dos processos de lexicalização e gramaticalização (Campbell, 2004; Dixon, 1994; Hopper, 1991; Hopper & Traugott, 2003; Lehmann, 1985, 2002). Em termos gerais, os resultados descrevem que a interação desses processos tenha derivado o caso ergativo, por meio da reanálise de uma construção possessiva instrumental em função de agente. Esses processos são apresentados de acordo com construções co-referenciais possessivas e pessoais, cuja estrutura é apresentada no esquema abaixo, que consiste no argumento externo agente (A) e uma construção possessiva oblíqua em função desse argumento (DN), seguidos do sintagma verbal (OV):

A ^j	D ^j _{pro}	N	O	V	(possessivo)
D ^j	N	A ^j _{pro}	O	V	(pessoal)

Em princípio, a análise deste trabalho parte da hipótese de que o alinhamento nominal da protolíngua consistia em um sistema diferente do ergativo-absolutivo, ou seja, que este sistema, descrito atualmente nas línguas Pano, seja resultado da derivação de outro sistema de alinhamento morfossintático, conforme as propostas de origem da ergatividade nas línguas do mundo (McGregor, 2009; Trask, 1979). Sendo assim, é provável que o protofino tenha sido uma língua nominativa-acusativa ou tripartida, tendo em vista que, assim como o morfema de segunda pessoa plural do matis, um conjunto dessas línguas apresenta pronomes pessoais alinhados em um sistema nominativo-acusativo ou tripartido. Nesse sentido, com base nessa mudança de alinhamento morfossintático, a descrição a seguir demonstra um provável cenário de origem da gramaticalização do caso ergativo:

156. **Tumi=n** **nukun=n** **tidinte=n** Ø ma=sek-kid
 tumi=ERG 1.POSS.SG=GEN zarabatana=INSTR 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Tumi, com a minha zarabatana, sempre fura (as queixadas) em suas cabeças’
157. **Tumi=n** **Bushe=n** **tidinte=n** Ø ma=sek-kid
 tumi=ERG bushe=GEN zarabatana=INSTR 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Tumi, com a zarabatana de Bushe, sempre fura (as queixadas) em suas cabeças’

158. **Tumi=n_j** **awi=n_j** **tidinte=n** Ø ma=sek-kid
 tumi=ERG 3.POSS.SG.CO=GEN zarabatana=INSTR 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Tumi, com a sua zarabatana, sempre fura (as queixadas) em suas cabeças’
159. **Tumi=n** Ø **tidinte=n** Ø ma=sek-kid
 tumi=ERG 3 zarabatana=INSTR 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Tumi, com a zarabantana, sempre fura (as queixadas) em suas cabeças’

Nesses exemplos, a construção possessiva ocorre em função de instrumento do agente, com o possuidor marcado com caso genitivo, com exceção da última construção, cuja referenciação implícita ao possuidor é indicado com base no contexto. Nessa construção implícita, representada com o morfema zero genitivo, a referenciação do possuidor do instrumento é ambígua, pois equivale potencialmente tanto a participantes não envolvidos na ação descrita pelo verbo, que, nesses exemplos, se realiza como pronome de primeira pessoa *nukun*; como nome próprio de uma terceira pessoa *Bushen*; quanto, especificamente, ao agente da ação, com o uso do pronome de terceira pessoa possessiva co-referencial *awin*.

Nessa língua, os pronomes pessoais ergativos de primeira e segunda pessoa do singular, assim como os pronomes de terceira pessoa do singular e plural, apresentam alinhamento ergativo-absolutivo. Em comparação com os morfemas de primeira e segunda pessoa do singular, a forma desses morfemas referentes ao plural são alinhadas, respectivamente, em um padrão neutro e acusativo. Com relação à terceira pessoa co-referencial, os termos *a-bi* PRON.CO.ABS-ENF e *an-bi* PRON.CO.ERG-ENF funcionam como pronomes que identificam, em respectivo, o paciente e o agente da oração. Na oração a seguir, a co-referenciação com sujeito agente de uma construção possessiva é apresentada:

160. **Tumi=n_j** **tidinte=n** **anbi_j** Ø ma=sek-kid
 tumi=GEN zarabatana=INSTR 3.SG.CO.ERG.ENF 3.ABS cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘com a zarabatana de Tumi, é ele que sempre fura (as queixadas) em suas cabeças’

No domínio funcional de uma construção possessiva, a função ergativa do pronome co-referencial *anbi* é resultado do processo de gramaticalização, o que resultou na fusão da função co-referencial de agente à função instrumental. A estrutura desse processo de gramaticalização pronominal corresponde a seguinte representação geral: [tidinte=**n** < tidinte=**an** < tidinte **an**]. Os dados a seguir, em matis, apresentam a fusão e ambiguidade estrutural das funções co-referencial de agente e instrumental, e indicam, portanto, que essas funções, neste contexto morfossintático específico, não são mais distintas. As sentenças dos exemplos são constituídas de um dependente humano e um núcleo inanimado nominalizado, anexada ao sufixo instrumental em função co-referencial ergativa:

161. ‘a carne queimou com a minha grelha’
 nuku=**n** tʃamote=**n** nami-Ø pitʃiki-a-ʃ
 1.POSS.SG=GEN grelha=INSTR carne=ABS queimar-PST.REC-DECL.3.EXP
162. ‘a minha grelha queimou a carne’
 nuku=**n** tʃamote=**n** nami-Ø pitʃiki-a-ʃ
 1.POSS.SG=GEN grelha=ERG carne=ABS queimar-PST.REC-DECL.3.EXP

Comumente, o desenvolvimento do alinhamento ergativo envolve mudanças na transitividade de orações prototipicamente transitivas. Nesse sentido, descrições e análises a respeito da prototipicidade de orações transitivas demonstram que a ênclise nasal anexada a núcleos de possessivas é resultado da gramaticalização da co-referenciação pronominal e sua função de caso instrumental e, sobretudo, ergativo, é resultado da reanálise dessa referenciação. Nesse sentido, o domínio funcional desses processos de mudança corresponde a construções possessivas prototípicas, cuja marcação de caso ergativo no núcleo é resultado da gramaticalização do caso instrumental:

163. Tumi=**n** tidinte=**n** tʃawa ma=sek-kid
 tumi=GEN zarabatana=ERG queixada cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘a zarabatana de Tumi sempre fura as queixadas nas suas cabeças’

Em geral, esses processos de lexicalização e gramaticalização de elementos e construções possessivas em função de agente resultaram na estrutura básica do alinhamento ergativo-absolutivo, tanto em elementos nominais como pronominais, referentes a terceira pessoa. Ademais, assim como os elementos nucleares dessas construções, os dependentes possuidores também são resultados de processos de gramaticalização de elementos e construções possessivas. Na comparação do exemplo seguinte com o anterior, o argumento externo, marcado com o caso ergativo, é resultado da gramaticalização do dependente de uma construção possessiva, marcado em função de caso genitivo:

164. Tumi=**n** (tidinte=**n**) tʃawa ma=sek-kid
 tumi=ERG zarabatana=INSTR queixada cabeça=furar-PRS.HAB
 ‘Tumi, (com a zarabatana), sempre fura as queixadas nas suas cabeças’

Na língua matis, em adição a descrição do pronome de terceira pessoa em função co-referencial ou, com o uso do morfema zero, como referenciação implícita, a terceira pessoa também é expressa fonologicamente na forma de morfemas demonstrativos que distinguem referências de proximidade com o receptor e/ou o ouvinte, singular ou plural, conforme sua descrição apresentada na seção (2.2.2). Comum a maioria dos morfemas referentes a terceira

pessoa nas línguas Pano, essas formas pronominais em matis, apresentadas no quadro a seguir, estruturam-se conforme o alinhamento morfossintático ergativo-absolutivo:

Quadro 14. Morfemas demonstrativos pessoais e possessivos em matis

	O/S	A/INSTR/POSS (ADJ)	POSS (PRON)
3.PROX	nikid	nikidn	nikidna
3.PROX.PL	nikidbo	nikidbon	nikidbona
3.PROX.R	akid	akidn	akidna
3.PROX.R.PL	akidbo	akidbon	akidbona
3.DIST	ukid	ukidn	ukidna
3.DIST.PL	ukidbo	ukidbon	ukidbona

Esses pronomes demonstrativos funcionam na estrutura morfológica como itens nominais, pois são anexados com o marcador de plural {-bo}, e também funcionam na estrutura sintática como pronomes de terceira pessoa, pois, assim como os nomes, são anexados com a ênclise nasal ergativa {=n}. Ademais, conforme o quadro anterior, esses pronomes também apresentam as funções de caso instrumental ou genitivo, ou seja, referências inanimadas ou animadas, conforme os morfemas do sincretismo de casos. Sendo assim, com base nos processos de lexicalização e gramaticalização referentes ao desenvolvimento da marcação morfológica desses casos, as construções possessivas a seguir apresentam a referenciação nominal, pronominal demonstrativa de terceira pessoa e contextual do dependente possuidor, em função de caso genitivo:

165. minbi **matʂon=n** sikete=n wapa-Ø di=sik-a-k
 2.SG.ERG.ENF velha=GEN tinta=INSTR cachorro-Abs orelha=pintar-PST.REC-DECL
 ‘você, com a tinta da velha, pintou o cachorro na sua orelha’

166. minbi **nikid=n** sikete=n wapa-Ø di=sik-a-k
 2.SG.ERG.ENF 3.PROX=GEN tinta=INSTR cachorro-Abs orelha=pintar-PST.REC-DECL
 ‘você, com a tinta dela, pintou o cachorro na sua orelha’
 (**akidn** ‘3PROX.R=GEN’; **ukidn** ‘3DIST=GEN’)

167. minbi Ø sikete=n wapa-Ø di=sik-a-k
 2.SG.ERG.ENF 3 tinta=INSTR cachorro-Abs orelha=furar-PST.REC-DECL
 ‘você, com a tinta, pintou o cachorro na sua orelha’

Tendo em vista que algumas línguas Pano são descritas com cisão nas formas pronominais de primeira e segunda pessoa - em matis, restrito a pronomes do plural, alinhados em um sistema nominativo-acusativo, conforme a hierarquia de Silverstein (1976), os processos de lexicalização e gramaticalização resultaram no alinhamento morfossintático

ergativo-absolutivo, a princípio, em termos nominais e pronominais de terceira pessoa. Ademais, fatores fundamentais de mudança linguística como adequação semântica, saliência e frequência no uso discursivo dessa estrutura básica, conforme a literatura funcional (Hopper, 1991; Lehmann, 1985; 2002), estruturaram esses processos históricos, em geral, a partir das formas pronominais e nominais para elementos clíticos.²⁷

Com base nas propostas de origem da ergatividade gramatical de sistemas ergativos a partir de sistemas acusativos e tendo em vista o padrão acusativo de pronomes nas línguas Pano, proponho que o alinhamento morfossintático no protopano tenha sido operado em um sistema nominativo-acusativo. Em termos gerais, o marcador de caso ergativo emergiu por meio de processos de gramaticalização e reanálise, em função de argumento externo de uma oração transitiva, no domínio funcional de construções possessivas. Sendo assim, os processos de reanálise da função instrumental, relacionada ao núcleo (inanimado), assim como da função genitiva (animado), relacionada ao dependente, caracterizam a gramaticalização do caso ergativo, nesse grupo de línguas.

Ademais, em algumas dessas línguas, a alomorfa do caso ergativo está condicionada à característica morfológica do radical ou sintagma nominal, a exemplo do yawanawa {-nĩ} ~ {-tã} ~ {-tũ} (Souza, 2013); shipibo-konibo {-tan} ~ {-tin} ~ {-to} (Valenzuela, 2003); e marubo {-n/~} ~ {-pa} ~ {-ni} ~ {-tun} (Costa, 1998). Uma característica interessante dessa alomorfa morfológica corresponde à forma consonantal da última sílaba do radical instrumentalizado que, realizada como uma consoante obstruente descontínua coronal, assemelha-se à forma do nominalizador instrumental *ti*. Nesse sentido, esse aspecto indica que esses alomorfes se realizam como uma ou outra dessas formas devido aos processos de lexicalização nominal e gramaticalização e reanálise de construções possessivas, cujas formas estruturam o sincretismo de casos.

Nessas construções possessivas, as funções dos casos ergativo e genitivo referem-se a itens animados (em específico, humanos), e o caso instrumental refere-se a itens inanimados, geralmente, formados com a lexicalização de elementos nominais deverbais. Nesse sentido, com a lexicalização nominal, a função do marcador nasal foi generalizada a outros termos nominais, por meio da gramaticalização do Esquema de Tópico '*Topic Schema*', conforme a fórmula '*X, X's Y*', cujo possuidor humano pronominal '*X^j*' é co-referente ao termo nominal agente '*Xⁱ*', que antecede essa construção possessiva.

²⁷ O shipibo-konibo (Valenzuela, 2003), com cisão somente em pronomes enfáticos, e o matis, apenas no pronome de segunda pessoa plural, são línguas que generalizaram a gramaticalização desse alinhamento.

3.2 Morfofonologia dos marcadores do sincretismo de casos

3.2.1 Reconstruções históricas e sistema fonológico consonantal

O trabalho pioneiro de Shell (1985), intitulado ‘*Las Lenguas Pano y su Reconstrucción*’, apresentado como tese de doutorado em 1965, propõe a reconstrução de aspectos lexicais e fonológicos em um conjunto de línguas Pano, faladas no Peru. O estudo apresenta a reconstrução de um conjunto de cognatos, suas inovações fonológicas; e uma proposta de classificação interna e de reconstrução do marcador de caso transitivo. O conjunto de idiomas selecionados para o trabalho dessa autora corresponde a sete línguas Pano faladas no Peru, a saber, amawaka, chácobo, kapanawa, kashibo, kaxinawa, marinawa/sharanawa, e shipibo (com adição de dados complementares de outros idiomas). Embora esse conjunto de idiomas seja composto somente de línguas faladas no Peru, Shell (1985: 11) afirma que:

La reconstrucción no pretende ser la última palabra al respecto. Tal vez futuras investigaciones en los países de Bolivia y Brasil podrían proveer datos para un pano más primitivo que el que podría ser reconstruído tomando como base los presentes datos. Por lo tanto, en este estudio se usa el término “pano reconstruído” (PR) en vez de “proto-pano”, reservando el término más amplio para un uso posterior, aunque no se espera que el “proto-pano” difiera mucho del PR presentado aquí.

Em resumo, o primeiro capítulo do trabalho apresenta os dados utilizados e a literatura sobre línguas Pano, seguidos da descrição fonético-fonológica, no segundo capítulo; e da reconstrução lexical e fonético-fonológica, no terceiro capítulo. Em geral, a análise das consoantes é apresentada conforme a seguinte série fonológica: “*oclusivas, [oclusivas] africadas, vibrantes, nasales, fricativas acanaladas, otras fricativas y semivocales*” (Shell, 1985: 53). Nesse sentido, uma proposta de reconstrução histórica do sistema fonológico consonantal é apresentada pela autora, conforme a representação abaixo:

Quadro 15. “*Estructura fonológica del pano primitivo*” (Shell, 1985: 192)²⁸

oclusivas	*p	*t		*k	*ʔ
y vibrante		*ts	*tʃ	*k ^w	
		*r			
continuas	*β	*s	*ʃ	*ξ	*w
	*m	*n	*y		

De acordo com Shell (1985), esse quadro apresenta uma divisão das proto-consoantes entre formas categorizadas como ‘oclusivas e vibrante’ e ‘contínuas’. Com relação ao

²⁸ Por motivos práticos, os seguintes símbolos do Alfabeto Fonético Internacional - *International Phonetic Alphabet* (IPA, 2015) foram utilizados em substituição a representação utilizada no trabalho de Shell (1980), em respectivo: /ts/ = ɕ; /tʃ/ = ɕ̟; /β/ = ɓ; /ʃ/ = ʂ; /ξ/ = ʂ̰.

inventário consonantal, os proto-fonemas consonantais que constituem a classe das formas ‘oclusivas e vibrante’ correspondem ao conjunto das oclusivas /*p/, /*t/, /*k/, /*k^w/ e /*ʔ/; africadas /*ts/ e /*tʃ/; e a vibrante /*r/. Em contrapartida, a classe das formas consonantais ‘contínuas’ é composta da labial /*β/; das fricativas sibilantes /*s/, /*ʃ/ e /*ɣ/; das nasais /*m/ e /*n/; e das semivogais /*w/ e /*j/. Além das consoantes, uma série de quatro proto-vogais orais e suas contrapartes nasais são propostas; /*i/, /*ī/, /*o/, /*a/; e /*ĩ/, /*ĩ̄/, /*õ, /*ã/. No terceiro capítulo, são apresentadas as mudanças fonológicas das línguas comparadas.

No quarto capítulo de seu trabalho, a proto-forma *-mã é postulada como o morfema RT [referência transitiva] do pano reconstruído, com base principalmente no maior uso da forma /-mã/ por falantes mais velhos do kaxinawa e marinawa. Ademais, apesar da aparente semelhança em morfemas lexicais, segundo a autora, “la diversidad de los alomorfemas RT en las lenguas hijas es una evidencia de que éstos no se han derivado de un solo morfema originario.” (Shell, 1985: 103). Em seguida, o quinto capítulo apresenta a classificação interna e as inovações fonológicas; seguido do sexto capítulo que apresenta um jogo de 512 palavras cognatas; e, por fim, o último que propõe um proto-sistema consonantal.

Além dessa proposta de reconstrução histórica de línguas Pano, dentre seus diversos estudos comparativos sobre essas línguas, Loos (1999), em adição a descrição de aspectos históricos dessas línguas, apresenta uma breve proposta de fonemas do protopano. Em comparação geral com o estudo de Shell (1985), em específico, Loos (1999) reconstrói a fricativa glotal /*h/ (cf. Shell, 1985: 78) e as proto-vogais orais /*i/, /*ī/, /*o/ e /*a/. Observa-se que estes segmentos proto-vocálicos são idênticos aos apresentados na proposta de Shell (1985), que, ademais, reconstrói a oclusiva labial /*k^w/ e, com adição de suas contrapartes orais, uma série de quatro vogais nasais.

Quadro 16. “*Proto-Pano consonants*” (Loos, 1999: 230)

	bilabial	apico- alveolar	apico-alveo- palatal	apico- palatal	dorso- velar	glottal
voiceless stop	p	t			k	ʔ
voiceless affricate		ts	tʃ			
voiceless continuant		s	ʃ	ɣ		
voiced continuant	β	r				
nasal	m	n				
semivowel	w		y			h

Ademais, alguns aspectos fonológicos apresentados no estudo de Loos (1999) referem-se ao espalhamento e assimilação nasal; redução silábica de termos cuja terceira sílaba possua alguma das consoantes /p/, /t/, /k/, /m/, /n/ (enquanto /β/ ou /r/ bloqueiam esse processo); elisão de /h/ em fronteira morfológica; harmonia vocálica; e alternância da sincronia de mora. Sobre a gramática, o trabalho descreve a formação e foco de sintagmas nominais; concordância transitiva; referência alternada; marcador ergativo; incorporação nominal; formação de sintagmas verbais; indicadores de modo; e dêiticos.

Em pesquisa mais recente, o trabalho “Contribuições para a Reconstrução do Protopáno” (Oliveira, 2014) apresenta uma proposta de reconstrução léxico-fonológica, com base em uma revisão do trabalho de Shell (1985). Com dados primários e de descrições recentes, o autor coteja 19 línguas: os sete idiomas comparados por Shell (1985), com adição de quatro línguas complementares do trabalho dessa autora (marubo; mayoruna (matsés); yaminawa; e yawanawa) mais oito línguas descritas após a década de 1970 (chaninawa; katukina; kaxarari; korubo; matis; poyanawa; shanenawa; e sharanawa).

Quadro 17. “Sistema consonantal proposto para protopáno” (Oliveira, 2014: 385)

	bilabial	alveolar	alveopalatal	retroflexa	velar	glotal
oclusiva	*p	*t			*k	*k ^w *ʔ
nasal	*m	*n				
tepe		*r		*ɽ		
africada		*ts	*tʃ	*tʂ		
fricativa	*β	*s	*ʃ	*ʂ		*h
aproximante	*w		*y			

Em geral, a descrição do inventário de proto-segmentos consonantais é realizada com base nas categorias de seus pontos e modos de articulação fonética, ou com relação a seus traços fonológicos. A proposta de Shell (1985), por exemplo, apresenta as consoantes oclusivas e vibrantes em oposição às consoantes contínuas, e Loos (1999) e Oliveira (2014) descrevem essas consoantes com base na terminologia referente a características fonéticas. Com relação ao grau de semelhança segmental dessas propostas de reconstrução consonantal, o quadro a seguir apresenta o inventário desses segmentos, classificados e representados conforme a terminologia do alfabeto fonético internacional (IPA, 2015):

Quadro 18. Segmentos consonantais e inventário geral propostos para o protopano

	Bilabial	Alveolar	Alveo-Palatal	Retroflexa	Palatal	Velar	Glotal
Plosiva	p	t				k kw	ʔ
Africada		ts	tʃ	tʂ ¹			
Fricativa	β	s	ʃ	ʂ			h ²
Nasal	m	n					
Tepe		r		ɽ ¹			
Aproximante	w				j		

Fonte: (Shell, 1985; ¹Oliveira, 2014; ²Loos, 1999)

Com base nesse inventário consonantal, o quadro seguinte apresenta o sistema consonantal em protopano, segundo os princípios fonológicos apresentados em Trubetzkoy (1969) e Jakobson (1978, 2008). Neste quadro, as consoantes plosivas /p/, /t/, /k/, /k^w/, /ʔ/ e as africadas /ts/, /tʃ/, /tʂ/ formam a classe das obstruintes descontínuas; e as consoantes fricativas /β/, /s/, /ʃ/, /ʂ/, /h/ compõem a classe das obstruintes contínuas. Ademais, as consoantes nasais /m/, /n/ compõem a classe das soantes nasais; e a classe das soantes orais é formada pelos tepe /r/, /ɽ/ e as aproximantes /w/, /j/. Basicamente, cada classe é definida conforme a combinação dos traços distintivos [obstruinte] ou [soante] com [+/-contínuo] ou [+/-nasal]. Com isso, apresento a proposta preliminar de que o sistema consonantal do protopano tenha sido composto das seguintes oposições fonológicas fundamentais, com os traços distintivos correspondentes: contínuo X descontínuo; nasal X oral; e obstruinte X soante:

Quadro 19. Sistema fonológico consonantal preliminar em protopano

Obstruintes	[-cont]	p	t	ts	tʃ	tʂ	k	k ^w	ʔ
	[+cont]	β		s	ʃ	ʂ			h
Soantes	[+nas]	m	n						
	[-nas]		r			ɽ	j	w	

Com relação à proposta de Oliveira (2014), além da reconstrução das consoantes retroflexas /*ɽ/ e /*tʂ/ e de uma nova configuração do inventário de segmentos consonantais propostos em Shell (1985) e Loos (1999), o estudo também apresenta propostas de proto-forma fonológica dos marcadores de casos locativo, instrumental, genitivo e ergativo, em um conjunto de línguas Pano. Em comparação à proposta apresentada por Shell (1985), que postula a proto-forma {*-mã} para o caso ergativo (referência transitiva), a proposta de Oliveira (2014: 382-3) descreve que, com base nos reflexos das consoantes /r/ e /n/, a proto-forma do

caso ergativo consiste em {*(V)r} e dos demais casos; instrumental, genitivo e locativo, em {*(V)n}. Com base nessas propostas de reconstrução, a seção seguinte apresenta alguns processos morfofonológicos no desenvolvimento histórico desse sincretismo de casos.

3.2.2 Breves aspectos da redução silábica e da marcação de caso

Conforme apresentado anteriormente, nesse conjunto de línguas Pano e especificamente em matis, processos de gramaticalização do morfema *Cana referente à parte do corpo ‘língua’ ou à orientação espacial ‘parte.interna’, em construções possessivas, derivaram o sincretismo dos casos ergativo, genitivo e instrumental (locativo), geralmente, marcados na forma de uma ênclise nasal. A respeito da forma e variações desse clítico, o quadro a seguir apresenta, em um grupo de línguas Pano, as formas fonológicas de cada função do sincretismo, seguidas de suas variações combinatórias:

Quadro 20. Marcadores e variações do sincretismo de casos em línguas Pano

Línguas ^a	ERG	GEN	INSTR	LOC
Matis ¹ (Ferreira R., 2005)	{-n} -in	{-n} -in	{-n} -in	{-n}, {-no}
Matsés ¹ (Fleck, 2003)	{-n}	{-n}	{-n}	{-n}
Kaxarari ² (Oliveira, 2014)	{-l}	{-n}	{-n}	{-n}
Kashibo-Kakataibo ³ (Zariquiey, 2011)	{-n} -an; -nin	{-n} -nan	{-n}	{-n}, {-nu}
Katukina ⁴ (Aguiar, 1994)	{-Vn}	{-Vn}	-	{-Vn}
Shipibo-Konibo ⁴ (Valenzuela, 2003)	{-n} -in; -on; -an; -aon; -man; -nin; -to; -tonin	{-n}	{-n}	{-n}
Wariapano ⁴ (Gomes, 2010)	{-n} -ni; -nin	{-n}	{-n}	{-no}
Shanenawa ⁴ (Cândido, 2004)	{-nV} -ni; -nu; -na; -n	{-nV} -ni; -nu; -na; -n	{-nV} -ni; -nu; -na; -n	-
Shawanawa ⁴ (Souza, 2012)	{-nV} -ni; -nu; -na; -n	{-n} -ni; -nu; -na; -n	{-ti}	{-bira}
Yawanawa ⁴ (Souza, 2013)	{-nẽ} -nin; -tũ; -tã; -n	{-nẽ} -wẽ	{-nẽ}	-

a. ¹I Mayoruna branch: I.A. Mayo group; ^{2,3,4}II Mainline branch: ²II.A. Kaxarari, ³II.B. Kashibo e ⁴II.C Nawa group (Fleck, 2013).

Sobre a estrutura fonológica do marcador do sincretismo nessas línguas, esse marcador de casos constitui-se principalmente de uma consoante nasal coronal, pois em 37 dessas formas apresentadas no quadro anterior, apenas o caso ergativo em kaxarari e os casos instrumental e locativo em shawanawa não são nasais. Em kaxarari, por exemplo, apesar da descrição do caso ergativo na forma de uma consoante lateral coronal {-l}, a forma do caso genitivo refere-se a uma nasal coronal {-n}. Além da função gramatical de caso ergativo da consoante lateral, essa soante oral também é descrita no nível lexical, cujos reflexos nasais de termos cognatos indicam a desnasalização de uma consoante lateral coronal (l < n). Sobre as alomorfias vocálicas, essas variações ocorrem devido a extensão e posição da coda final da raiz nominal de cada língua, além de vogais subespecificadas descritas em kat, swo, e ara.

Diferente da forma nasal nas demais línguas Pano, o caso instrumental em shawanawa é marcado na forma de uma plosiva coronal surda, seguida uma vogal coronal alta /ti/. Por outro lado, conforme a análise apresentada, é provável que a função dessa forma corresponda ao processo de nominalização instrumental, que, de modo geral, nesse grupo de línguas Pano, realiza-se na forma de uma sílaba 'tV'. Desse modo, a proto-forma {-tV} derivou as formas desse nominalizador instrumental lexicalizado em um conjunto de termos, e, em matis e provavelmente nesse grupo de línguas Pano, e sua extensão e estrutura silábica reduzidas, conforme apresentado na proposta do 'pano-reconstruído' (Shell, 1985):

- (I) Apagamento de vogais antecedidas de obstruintes contínuas e soantes nasais (em geral /s/, /ʃ/, /n/), em ataque medial ('CVC[+cont].CV' < 'CV.C[+cont]ʷ.CV'), ou final de palavra ('CV.CVC[+cont]' < 'CV.CV.C[+cont]ʷ');
- (II) Apagamento de obstruintes descontínuas, por meio de síncope ('CV.CV' < 'CV.ɛʷ.CV') ou apócope silábica ('CV.CV' < 'CV.CV.ɛʷ').

A respeito das alomorfias consonantais, sobretudo, do caso ergativo, essas variações são condicionadas conforme a estrutura morfológica do radical ou sintagma nominal. O alomorfe [=tṼ], por exemplo, ocorre, geralmente, em raízes nominalizadas, e assemelha-se ao nominalizador instrumental *ti*. Com isso, na derivação do caso ergativo em função instrumental, esses processos fonológicos inicialmente aplicaram-se no nível do radical [lexicalização] e da palavra [gramaticalização], conforme a seguinte mudança da raiz nominal (*tidinte=n* < *tidin-te*). Além dessa fonte de origem, o caso ergativo também derivou da reanálise de casos genitivos, anexados a possuidores de posses instrumentais, o que indica que

a diversidade na variação do marcador de transitividade das línguas Pano é resultado da gramaticalização de morfemas lexicais e gramaticais.

Em geral, as línguas Pano foram relacionadas com as línguas da família Takana, a exemplo do estudo de Schuller (1933), Greenberg (1987), entre outros. Embora esses estudos apresentem propostas de proto-formas, o parentesco linguístico dessas famílias caracteriza-se ainda como hipótese e demanda mais estudos comparativos sobre os processos de mudanças dessas línguas. Apesar disso, com base na presença do traço nasal nos marcadores ergativos da maior parte das línguas Pano e do traço oral, na maioria das línguas Takana, o quadro e os parágrafos a seguir apresentam uma comparação dos marcadores de caso ergativo em algumas línguas dessas famílias:

Quadro 21. Marcadores nominais de ergatividade em línguas Pano e Takana

	Línguas Pano		Línguas Takana	
	Kaxarari	Matis	Cavineña	Araona
A	{-l}	{-n}	{-ra}	{-(h)a}
S/O	∅	∅	∅	∅

O kaxarari apresenta um aspecto particular em comparação às línguas da família Pano, pois o marcador nominal de caso ergativo é descrito na forma de uma consoante oral {-l} (Lanes, 2000; Sousa, 2004), e nas demais línguas Pano, geralmente, na forma de uma consoante ou traço nasal {-n/~}. Com relação à família Takana, a língua cavineña (cav) é descrito com um marcador nominal de caso ergativo referente a um tepe seguido de vogal baixa {-ra} (Guillaume, 2008), cuja forma, na família Takana, ocorre somente nessa língua. Em geral, nas demais línguas dessa família, como o araona (ara), a forma desse marcador corresponde a vogal baixa {-(h)a} (Emkow, 2006), conforme os seguintes exemplos abaixo:

ktx (Lanes, 2000: 30; Sousa, 2004: 87)

168. inawa-l-ka hulkuni kapito
 onça-ERG-? porco comer
 ‘a onça comeu o porco’

ktx (Oliveira, 2014: 380)

169. Makuripa-l ka i tiha-tu
 makuripa-ERG ? 1P.ABS bater-CMPL
 ‘Makuripa me bateu’

shp (Valenzuela, 2003: 189)

170. Tsoma-n-ra Wexá Betsa chachi-ke
 tsoma-ERG-EV Wexá Betsa.ABS pinch-CMPL
 ‘Tsoma pinched Wexá Betsa (with an arrow [...])’

cav (Guillaume, 2008: 92)

171. tuya=tu chapa=ra karu-ti-wa
 then=3SG dog=ERG bite-go.TEMP.PERF
 ‘the dog bit it’

ara (Emkow, 2006: 179)

172. Shanito-a awada pisa-ta-iki
 shanito-ERG tapir.ABS hunt-3A-O.DEF-ANT
 ‘Shanito has hunted a tapir’

De modo geral, se as línguas da família Pano em agrupamento com as línguas Takana descendem de um idioma ancestral protopano-takana, é provável que morfemas que originaram o caso ergativo nas línguas Takana correspondem aos morfemas cognatos da proto-forma das línguas Pano *Cana* ‘língua/boca’, a exemplo da descrição, em línguas Takana, das formas *na* em cavineña (Guillaume, 2008: 868); *ena* em takana (Armentia, 1902) e *araona* (Pitman, 1981: 241). Ademais, com relação às mudanças dessa proto-forma, essa hipótese sugere que as vogais tenham fundido com a consoante nasal na maior parte das línguas Pano e, provavelmente, também nas línguas Takana, a consoante tenha mudado por meio do processo de lenição.

Com isso, proponho que o processo de gramaticalização da proto-forma {-na} ocorreu mediante o uso de sua variante oral, e, devido a essa variação consonantal, o caso ergativo é realizado na forma de uma consoante oral. Nesse sentido, as formas das consoantes sincrônicas do marcador de caso ergativo dessas línguas foram formadas na medida em que uma provável variante combinatória soante pré-nasalizada [-ⁿda] derivou a forma nasal nas línguas Pano {-nV}, e orais nas línguas Takana {-(C)a}.

Algumas línguas Pano e Takana apresentam evidências sincrônicas dessa variante que correspondem provavelmente a resquícios históricos dessa variação morfológica. Em línguas Pano, as variantes sincrônicas pré-nasalizadas derivam, predominantemente, de consoantes plosivas. Nas línguas amawaka (Osborn, 1948: 188), kaxinawa (Kensinger, 1963: 209) e katukina (Barros, 1987: 31), é descrito que a consoante plosiva coronal pré-nasalizada é resultado da variação dessa consoante oral /t/.

Sobre a consoante plosiva coronal sonora /d/, na língua arara (Cunha, 1993: 26), esse fonema ocorre em posição de ataque silábico medial somente se ela seguir vogais nasais, e segundo a autora, esse condicionamento apresenta resquícios diacrônicos de segmento pré-nasalizado [ⁿd]. Em kaxinawa, a mesma forma consonantal /d/ realiza-se pré-nasalizada se ocorrer em posição de ataque silábico inicial ou acentuado e preceder uma vogal oral. Em

araona (Takana), se essa consoante plosiva /d/ ocorrer em sílaba acentuada ou pesada, então ela realiza-se pré-nasalizada (Emkow, 2006: 76).

Em princípio, nas línguas Pano, proponho que os segmentos orais consonantal e vocálico 'DA' do marcador pré-nasalizado 'NDA' foram apagados por apócope e a consoante em coda silábica passou a ser realizada como um segmento/traço nasal, como um dos cenários de derivação. Sobre o kaxarari, a consoante lateral /l/ derivou do segmento nasal /n/ mediante o processo de desnasalização desta nasal (Barbosa, 2015). Em chácobo, é provável que com a perda desse segmento nasal nesse contexto, a forma do marcador tenha passado a ser realizada por altura ou acento tonal (Loos, 1999).

Com relação às línguas Takana, em princípio, essa proto-variante provavelmente sofreu mudanças por lenição, com tendência, em comparação à direção nasal das línguas Pano, a preservar a oralidade. Nesse sentido, em araona e demais línguas Takana, apresento a hipótese (a ser estudada em pesquisas futuras sobre a relação dessas famílias), de que a soante pré-nasalizada 'ND' tenha sido apagada, o que teria resultado no marcador {-a}, e que o tepe do marcador ergativo da língua cavineña {-ra} teria sido derivado da lenição de consoantes orais [=da] ou nasais [=na].

4 Conclusão

Este trabalho apresenta a proposta de que o sincretismo de casos em línguas Pano deriva de processos de reanálise de construções possessivas e gramaticalização do morfema **Cana* ‘língua/parte.anterior’. Em princípio, as funções locativas das próclises monossilábicas que se anexam a sintagmas verbais e as funções locativas das ênclises que se anexam a sintagmas nominais são resultados da gramaticalização de construções locativas, em específico, com relação à ênclise, da especialização da forma nasal {=n}. Sendo assim, com a derivação de funções locativas na anexação de morfemas partes do corpo, o caso genitivo nasal, tanto predicativo como, sobretudo, atributivo, é resultado da gramaticalização de construções possessivas, a partir do morfema **Cana*, em função de benefactivo.

No desenvolvimento do sincretismo, o caso ergativo nominal e de terceira pessoa é resultado da gramaticalização de clíticos em função de caso instrumental, anexados ao núcleo de construções possessivas atributivas. Os itens nucleares dessas construções constituem-se geralmente de nomes deverbais instrumentais que, com o resultado de processos de lexicalização, gramaticalização e fusão de formas pronominais co-referenciais, estruturaram a formação do caso instrumental, que derivou o caso ergativo (pro)nominal. Com base nos processos de gramaticalização dessas funções, o caso ergativo descrito nos nomes e pronomes dessas línguas, geralmente de terceira pessoa, deriva da reanálise de construções possessivas co-referenciais, devido à ambiguidade na estrutura funcional dos casos oblíquos.

Finalmente, espera-se que a presente proposta de reconstrução morfológica do sincretismo de casos em línguas Pano possa apresentar contribuições para o conhecimento da gramática sincrônica e histórica dessas línguas, e assim aprofundar as pesquisas a respeito das expressões de posse e, sobretudo, das manifestações de ergatividade e transitividade. Ademais, o desenvolvimento desse projeto tem como objetivo prover avanços para os estudos que tratem do aperfeiçoamento das descrições e das reconstruções da protolíngua que deu origem às línguas da família Pano. Em contrapartida, os resultados desta pesquisa podem contribuir também com a classificação tipológica e genética das línguas Pano, e nesse sentido, com aqueles estudos que apresentam propostas de contato, empréstimos, e parentesco dessa família com línguas faladas na Amazônia Ocidental.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, J. C. de (1914). *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ: a língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú Afluente do Murú*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu.
- ABREU, P. S. R. de (2008). *Diversidade Linguística Brasileira: as línguas Páno e suas características ergativas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- AGUIAR, M. S. de (1994). *Análise Descritiva e Teórica do Katukina Pano*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- AIKHENVALD, A. Y. (2007). Typological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, T. (ed). *Grammatical Categories and the Lexicon*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press. 1-65.
- ANDERSON, J. M. (1971). *The Grammar of case: towards a localistic theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. (1985). Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press. 259-308.
- BAERMAN, M.; BROWN, D.; CORBETT, G. G. (2005). *The syntax-morphology interface: a study of syncretism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARBOSA, R. A. O. (2012). *Aspectos Tipológicos na Formação de Palavras em um Grupo de Línguas Pano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. (2015). Uma proposta preliminar de sistema consonantal para a língua kaxarari (Pano). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, Vol. 44. 202-216.
- BAUER, L. (1983). *English Word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2000). Word. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds). *Morphology: an international handbook on inflection and word-formation*. Vol. 1. Berlin: Walter de Gruyter. 247-257.
- _____. (2004a). The function of word-formation and the inflection-derivation distinction. In: AERTSEN, H.; HANNAY, M.; LYALL, R. (eds). *Words in their Places*. Amsterdam: Vrije Universiteit. 283-292.
- _____. (2004b). *A Glossary of Morphology*. Washington, D.C: Georgetown University Press.
- BLAKE, B. J. (2004). *Case*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 2001).
- BRINTON, D. G. (1892). Studies in south american indian languages I. The Tacana group. *Proceedings of the American Philosophical Society* 30.
- _____. (1946). *La raza americana: clasificacion linguistica y descripcion etnografica de las tribus indigenas de America del Norte y del Sur*. Buenos Aires: Nova. (Trabalho original publicado em 1891).
- CAMARGO, E. (2005). A construção genitiva em Caxinauá (Páno). In: RODRIGUES, A., D.; CABRAL, A. S. A. C. *Novos Estudos Sobre Línguas Indígenas*. Editora Universidade de Brasília, Brasília.

- CAMPBELL, L. (2004). *Historical linguistics: an introduction*. 2 ed. Edinburgh: Edinburgh University Press. (Trabalho original publicado em 1998).
- CÂNDIDO, G. V. (2004). *Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- COMRIE, B.; THOMPSON, S. A. (1985). Lexical nominalization. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press. 349-398.
- COSTA, R. G. R. (1998). Aspects of ergativity in marubo (panoan). *Journal of Amazonian Languages*, Vol. 1 (2). 50-103.
- CRÉQUI-MONTFORT, G. de; RIVET, P. (1913). Les dialectes Pano de Bolivie. *Le Muséon*, Louvain, Vol. 14. 19-78.
- CUNHA, C. M. (1993). *A Morfossintaxe da Língua Arara (Pano) do Acre*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- d'ANS, A. M. (1973). Reclasificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la Amazonía Peruana. *Revista del Museo Nacional*, Lima, Vol. 39. 349-69.
- DIXON, R. M. W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EMKOW, C. (2006). *A Grammar of Araona, an Amazonian Language of Northern Bolivia*. Tese (Doutorado em Linguística) - La Trobe University, Victoria.
- ERIKSON, P. (1992). Uma singular pluralidade: a etno-história Pano. In: Cunha, M. C. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 239-52.
- FABRE, A. (2005). *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Pano-Takana* Disponível em: <<http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=PanoTakana.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2011.
- FAUST, N.; LOOS, E. E. (2002). *Gramática del idioma Yaminahua*. Peru: Instituto Lingüístico de Verão.
- FERREIRA, R. V. (2005). *Língua Matis (Pano): Uma Descrição Gramatical*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. (2016). Concordância de participante em matis (Pano). In: VALENZUELA, P. M.; GUILLAUME, A. Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana. *Amerindia*, Vol. 39, n. 2. 381-408.
- FERREIRA, V. R. S. (2005). *Estudo Lexical da Língua Matis: Subsídios para um Dicionário Bilingüe*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FLECK, D. W. (2003). *A Grammar of Matses*. Tese (Doutorado em Linguística) - Rice University, Houston.
- _____. (2006). Body-part prefixes in Matses: derivation or noun incorporation? *International Journal of American Linguistics*, Chicago, Vol. 72, n. 1. 59-96.
- _____. (2013). Panoan language and linguistics. *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, New York, Vol. 99.
- GILDEA, S.; QUEIXALÓS, F. (eds). (2010). *Ergativity in Amazonia*. Typological Studies in Language, Vol. 89. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Press.
- GIRARD, V. (1971). *Proto-takanan phonology*. Berkeley, UCPL.

- GOMES, G. J. (2010). *Aspectos Morfosintáticos da Língua Huariapano (Pano)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GREENBERG, J. H. (1966). Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. (ed.) *Universals of Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press. 73-113.
- _____. (1978). *Universals of Human Language*. Vol. 4. Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- _____. (1987). *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press.
- GUILLAUME, A. (2008). *A Grammar of Cavineña*. Berlin, Mouton de Gruyter.
- HEINE, B. (1997). *Possession: Cognitive Sources, Forces and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. (1991). *Gramaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. J. (1991). On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins. 17-36.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. *Language* 56. 251-99.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. (2003). *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- HYDE, S. (1980). *Diccionario Amahuaca (Edición Preliminar)*. Serie Lingüística Peruana No. 07. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano.
- INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL (2014). Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/matis>>. Acesso em: 16 fevereiro, 2017.
- IPA.(2015).https://www.internationalphoneticassociation.org/sites/default/files/IPA_Doulos_2015.pdf.
- JAKOBSON, R. (2008). *Princípios de fonologia histórica*. Tradução de Wilmar D'Angelis. Campinas: Curt Nimuendaju. (Trabalho original publicado em 1931).
- JAKOBSON, R.; HALLE, M. (1978). Fonema e Fonologia: a fonologia em relação com a fonética. In: *Os Pensadores*. 2. ed. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Abril Cultural.
- KENSINGER, K. M. (1963) The phonological hierarchy of Cashinahua (Pano). In: ELSON, B. F. (ed.). *Studies in Peruvian Indian Languages: I*. Mexico: Summer Institute of Linguistics. 207-217.
- KEY, M. R. (1968). *Comparative tacanan phonology: with cavineña phonology and notes on Pano-Tacanan relationship*. The Hague: Mouton.
- KEY, M. R.; COMRIE, B. (2015). *The Intercontinental Dictionary Series*. Website: <http://lingweb.eva.mpg.de/ids/>. Acesso em: 13/10/2015.
- KURYLOWICZ, Jerzy. (1975). *The evolution of grammatical categories*. Esquisses linguistiques. Munich: Wilhelm Fink Verlag. 38-54. (Trabalho original publicado em 1965).
- LA GRASSERIE, R. de (1890). De la famille linguistique Pano. *Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas*. Berlin (1888). 438-50.

- LANES, E. J. (2000). *Mudança Fonológica em Línguas da Família Pano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. (2005). *Aspectos da Mudança Lingüística em um Conjunto de Línguas Amazônicas: As línguas Pano*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LATHRAP, D. W. (1970) *The Upper Amazon*, New York, Praeg.
- LEHMANN, C. (1985). Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile* 20 (3). 303-318.
- _____. (2002). New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (TSL, 49). 1-18.
- LOOS, E. E. (1975). Rasgos sintático-fonémicos en la historia lingüística de los idiomas de la familia Pano. *Lingüística e Indigenismo Moderno de América*. Lima: IEP: 181-4.
- _____. (1978). [1973]. La señal de transitividade del sustantivo en los idiomas Pano. *Estudios Panos I*. 2 ed. SLP 10. 133-184.
- _____. (1985). [1973]. Algunas implicaciones de la reconstrucción de um fragmento de la gramática del proto-pano. In: *Estudios Pano II*. 2 ed. SLP 11: 263-82.
- _____. (1987). *Pano-tacanan morpho-syntax*. Amazon Languages Seminar. Portland, Oregon.
- _____. (1999). Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 227-50.
- _____. (2005). Un breve estudio de la gramática del proto-pano. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, Lima, Vol. 11. 37-50.
- LOOS, H.; LOOS, E. (1973). La estructura semántica y fonológica de los prefijos verbales en capanahua. In: LOOS, E. (Ed.). *Estudios Panos I*, Serie Lingüística Peruana n. 10. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano. 63-132.
- MCGREGOR, W. B. (2009). Typology of Ergativity. *Language and Linguistics Compass*, cidade, Vol. 3, n. 1. 480-508.
- MONTAG, S. (1981). *Diccionario Cashinahua*. Tomo II. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.
- MORENO CABRERA, J. C. (1998). Ont he relationship between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (eds). *The Limits of grammaticalization*. Amsterdam and Philadelphia: J. Benjamins. 211-27.
- NÆSS, A. (2007). *Prototypical Transitivity*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- NAVARRO, M. (1903). *Vocabulario Castellano-Quechua-Pano con sus respectivas gramáticas Quechua y Pana*. Lima: Imprenta del Estado.
- NICHOLS, J. (1986). Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. *Language* 66. 56-119.
- _____. (1992). *Linguistic diversity in space and time*. Chicago: University of Chicago Press.
- NICOLAS, A. (1902). *Tacana: Arte, Vocabulario, Exhortaciones, Frases y un Mapa por el R. P. Nicolás Armentia*. (Biblioteca Lingüística del Museo de la Plata: Sección de Bolivia, I.) La

Plata: Museo de la Plata.

OLIVEIRA, S. C. S. de (2014). *Contribuições para a reconstrução do Proto-Páno*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.

_____. (2015). Consoantes em final de palavra em Proto-Páno. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 46. 73-100.

OSBORN, H. (1948). Amahuaca phonemes. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, Vol. 14, n. 3. 188-90.

PAULA, A. S. de (2004) *A Língua dos Índios Yawanawa do Acre*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PITMAN, M. (1981). *Diccionario araona y castellano*. Riberalta: Instituto Lingüístico de Verano and Ministerio de Educación y Cultura.

QUEIXALÓS, F. (2005). Posse em katukína e valência dos nomes. In: RODRIGUES, A., D.; CABRAL, A. S. A. C. *Novos Estudos Sobre Línguas Indígenas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

RIBEIRO, L. A. A. (2003). Uma proposta de método quantitativo aplicado à análise comparativa das línguas Pano e Tacana. *Liames*, Campinas, Vol. 3. 135-47.

_____. (2006). Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações. Lingüística e Teoria Literária*, Recife, Vol. 19. n. 2. 157-82.

RIBEIRO, L. A. A.; CÂNDIDO, G. V. (2008). A formação de palavras a partir de morfemas monossilábicos nominais e bases verbais em línguas indígenas da família Pano: prefixação ou incorporação nominal? *Veredas*, cidade, Vol. 12, n. 1. 129-45.

RODRIGUES, A. D. (2000). 'Gê-Pano-Carib' X 'Jê-Tupí-Karib': sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en sudamérica. In: *Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*, Lima, Vol. 1. 95-104.

RODRIGUEZ, A. C. A. (2015). *Prefijos de partes del cuerpo en la lengua iskonawa (Pano, Perú): una descripción sincrónica*. Monografía - Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima.

SANTOS, W. N.; CÂNDIDO, G. V. (2015). Projeto de Reconstrução Histórica da Família Pano: Uma Visão Geral dos Resultados Alcançados. *Web-Revista SOCIODIALETO*, Vol. 5. 270-298.

SCHULLER, R. (1933). The language of the Tacana indians (Bolivia). *Anthropos*, cidade, Vol. 28.

SCOOT, M. (2004). *Vocabulario Sharanahua Castellano*. Lima, Peru: Instituto Lingüístico de Verano.

SEILER, H. (1983). *Possession as a operational dimension of language*. (Language Universals Series, 2.) Tübingen: Gunter Narr.

SHELL, O. A. (1985). Las lenguas pano y su reconstrucción. In: *Estudios panos III*. 2 ed. (Serie Lingüística Peruana, 12.) Serie Lingüística Peruana. Lima: Instituto Lingüístico de Verano. (Trabalho original publicado em 1965).

SHIBATANI, M.; BYNON, T. (1995). *Approaches to Language Typology*. Oxford: Clarendon Press.

SILVERSTEIN, M. (1976). Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, R. M. W. (Ed.)

Gramatical categories in Australian languages. Linguistic series 22. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies. 112-71.

SOUSA, G. C. (2004). *Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOUZA, E. C. de (2012). *Aspectos de uma Gramática Shawã (Pano)*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOUZA, L. C. T. de (2013) *Fonologia, Morfologia e Sintaxe das Expressões Nominais em Yawanawá (Pano)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SPANGHERO, V. R. (2012). Dêixis espacial em Matis (Pano). In: SOUZA, E. R. *Funcionalismo Linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto.

TRASK, R. L. (1979). On the origin of Ergativity. In: PLANK, F. (ed.). *Ergativity: Towards a Theory of Grammatical Relations*. New York: Academic Press. 385–406.

TRUBETZKOY, N. S. (1969). [1958]. *Principles of Phonology*. Translated by Christiane A. M. Baltaxe. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

VALENZUELA, P. M. (2003). *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Oregon, Oregon.

VALENZUELA, P. M.; GUILLAUME, A. (2016). Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana: una introducción. In: VALENZUELA, P. M.; GUILLAUME, A. Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana. *Amerindia*, 39 (1). 1-49.

ZARIQUIEY, R. B. (2011). *A Grammar of Kashibo-Kakataibo*. Tese (Doutorado em Linguística) - La Trobe University, Bundoora.

ZARIQUIEY, R. B.; FLECK, D. W. (2012). Body-part prefixation in Kashibo-Kakataibo: synchronic or diachronic derivation? *International Journal of American Linguistics*, Chicago, Vol. 78, n. 3. 385-409.

ZINGG, P. (1998): *Diccionario chacobo-castellano*. La Paz: Ministerio de Desarrollo Sostenible y Planificación, Ministerio de Educación, Cultura y Deportes y Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia.

ZWICKY, A. M. (1977). *On clitics*. Bloomington, IN: Indiana University Linguistics Club.